

12

7094

F.E.B.
I. D.I.R.
R. Sampaio
Relatório
de
Campagna
da Italia
1944-45
I

F. E. B.

1ª D. I. E.

Regimento Sampaio

S/3

*Rio de Janeiro,
30 de setembro de 1945*

RELATÓRIO
DA
CAMPANHA DA ITÁLIA

1944 - 1945

1º VOLUME

CONTADO E
RELACIONADO

Nº 137

165 fls

VOL I

137

4502 N

60-6

62-I



MINISTÉRIO DA GUERRA

REGIMENTO SAMPAIO

Nº 29

S/3

Rio, 3 de Dezembro de 1945

do Cmt. do Regimento Sampaio

Ao Exmº Sr. General Comandante
da 1ª D. I. E.

Assunto Remessa de relatório.

I - Em obediência à Diretivas de V. Exª, junto remeto o relatório das atividades do Regimento Sampaio, durante a Campanha da Itália.

II - Como já tive oportunidade de informar a V. Exª, a demora desta entrega foi devida, de um lado, à saída, do Regimento, de diversos oficiais encarregados de serviços ou de seções do E.M. Regimental, que obrigou a um só oficial a fazer serviço penoso, de coleta de dados e organização do relatório completo, que junto V. Exª encontrará; de outro, à falta de meios materiais para confeccioná-lo, pois o R.I. licenciou todos os seus homens e não podia mandar fazer o trabalho de datilografia e desenho por elementos civis, antes de dispôr das verbas necessárias ao seu pagamento.

III - Fiel ao critério, que sempre adotei, de colaboração franca com os meus chefes, anexei ao relatório os comentários e ensinamentos da campanha, que a nossa observação pessoal colheu, afim de proporcionar uma maior fonte de consultas aos que desejarem fazer um estudo aprofundado da nossa atuação, no teatro de Operações da Itália.

Aguiinaldo Ceia de Castro
Cel. Cmt.

Aguiinaldo Ceia de Castro
Cel. Cmt.

F. E. B.

Rio de Janeiro, 30 de Setembro de 1945

1ª D. I. E.

REGIMENTO SAMPAIO

S / 3

L. Laio
ul.

RELATORIO
DA
CAMPAHA DA ITALIA

= 1944 - 1945 =

SUMARIO

- 1º Volume : - Introdução
- 1ª Parte : Organização do R.I., embarque e transporte.
- 2ª Parte : Do desembarque a chegada a linha da frente.
- 3ª Parte : Campanha da Italia.
- 4ª Parte : Comentários, conclusões e ensinamentos.
- 5ª Parte : Movimento do pessoal (relatorio do S/1).
- 2º Volume : - Anexo nº 1 : Ordens de Operações da 1ª D.I.E.
- Anexo nº 2 : Ordens de Operações do Regimento Sampaio
- Anexo nº 3 : Planos elaborados pelo Regimento Sampaio
Num envelope especial serão encontrados os calcos das Ordens de Operações recebidas e expedidas, bem como as cartas da Italia, das zonas onde o R.I. atuou.
- 3º Volume : - Anexo nº 4 : Relatorio do S / 2.
- Anexo nº 5 : Relatorio do S / 4.

-

F. E. B.

Rio de Janeiro, 30 de Setembro de 1945

1ª D. I. E.

REGIMENTO SAMPAIO

S / 3

H. Laia

RELATÓRIO
DA
CAMPAÑA DA ITALIA
= 1944 - 1945 =

1º Volume : Sumario :

- Introdução
- 1ª Parte : Organização do R.I., embarque e transporte.
- 2ª Parte : Do desembarque à chegada à linha da frente.
- 3ª Parte : CAMPANHA DA ITALIA .
- 4ª Parte : Comentários, conclusões e ensinamentos.
- 5ª Parte : Movimento do pessoal (relatório do S/1).

***** - *****

F. E. B.

RIO DE JANEIRO, 30 DE SETEMBRO DE 1945.

1ª D. I. E.

REGIMENTO SAMPAIO

S/3

R E L A T Ó R I O

h. laia

D A

C A M P A N H A D A I T Á L I A

(1944 - 1945)

I N T R O D U Ç Ã O

O presente documento, organizado nos moldes da " Diretiva Geral nº 15, de 24 de Julho de 1945", da 1ª D. I. E., é um relato sumário das atividades do REGIMENTO SAMPAIO, no decurso da segunda Grande Guerra Mundial, desde que foi designado para fazer parte da F. E. B., até seu regresso ao Brasil.

Não são fixados os detalhes da vida diária do Regimento, quer durante o período da preparação e reorganização da unidade, quer durante a travessia, a campanha e o regresso, nem cabe aqui descrever os sacrifícios de ordem moral sofridos, resultantes da incompreensão dos nossos atos e palavras, quando até mesmo o sentimento de dignidade precisava calar, diante da grandeza da nossa missão e da nossa situação - junto às forças aliadas estrangeiras.

A faina incansada da tropa e do Regimento, conscientes do seu papel de legítimos representantes da nacionalidade, na luta contra o fascismo; as agruras da travessia Atlântica, com os perigos decorrentes da campanha submarina, acrescidos do desconforto e da inatividade; as diferenças de clima e de temperatura, que fizeram a tropa experimentar, em poucos dias, desde a intermação, a bordo, até o frio intenso nos Apeninos, onde passou grande temporada sob camadas de neve de mais de um metro, a 17 graus centígrados abaixo de zero; a diferença de alimentação e as dificuldades materiais de adaptação ao meio e à situação; a luta contra o instinto de conservação, galhardamente superado pelo sentimento de honra e do dever; o batismo de fogo do Regimento, no sub-setor de MARANO, onde foi atacado violentamente 7 vezes seguidas, imediatamente após ter entrado em posição; a sensação de vazio e o complexo de inferioridade, que se apossou de todos, depois do desastre de 12-XII-1944, no ataque a MONTE CASTELLO; a luta contra o torpor, nos horrendos 50 dias em BORRA, durante a estabilização do inverno, apenas disfarçado pelo sacrifício inenarrável de oficiais e praças, componentes das patrulhas que, apesar de seus grandes capotes brancos, destacavam-se na

1 - Combate a MONTE CASTELLO:-

21-II-1945

Flaia

O R. I., com todos os seus meios, sob o Cmdo. do Coronel AGUINALDO CAIADO DE CASTRO, desencadeou, nesse dia, o esperado ataque a MONTE CASTELLO, que iria cobrir de glórias as armas brasileiras.

O dispositivo adotado era o seguinte:-

- a E. o III Btl., com a 7ª Cia. à direita, a 8ª à esquerda e a 9ª Cia. em 2º escalão;
- a W o I Btl., com a 2ª Cia. à direita, 3ª à esquerda e a 1ª em 2º escalão;
- em reserva do Regimento o II Btl.

Às 3,15 horas o III Btl. atinge a linha de pontos cotados 718 - 744 - 779 e 799 e às 3,50 horas o I Btl. ocupa FORNACE.

Nestas condições, a base de partida, que havia sido fixada, passando em MAZZANCANA, GAMBAIANA e LE RONCOLE (inclusive), estava já ultrapassada, em virtude do movimento audacioso das patrulhas do Sampaio, que, em busca do inimigo, ocuparam esses pontos importantes.

Às 5,30 horas estava toda a tropa do Sampaio pronta para iniciar a ação, em combinação com os americanos que, à nossa esquerda, pela crista que liga BELVEDERE ao MONTE TORRACCIA, continuariam o ataque a essa hora, em direção ao M. TORRACCIA.

A situação, porém, era confusa e exigia muita prudência, já pela mistura inevitável de elementos brasileiros com americanos (acrescida da diferença de uniformes, que, por vezes, nos assemelhavam aos alemães), já pela possibilidade de uma ação forte inimiga no nosso flanco.

De fato: às 19,10 horas o R.I. recebeu informação de que a cota 1053 havia sido tomada pelos americanos; mas às 20,52 horas o oficial de ligação da 10ª Div. de Mont. informava que àquela cota não tinha sido tomada, para mais tarde às 22,00 horas declarar que 1053 estava em poder dos nossos aliados.

Às 23,40 horas os alemães desencadearam forte contra-ataque na região 555-189 (NW de FORNACE), o que veio perturbar a situação, mormente com a informação chegada ao R.I. às 4,10 horas do dia 21, de que o ponto 1018 (a W de Cap. RONCHIDOS) havia sido atingido, mas a tropa americana fora aí detida.

O que devia ser deduzido das informações que ora davam os americanos de posse de 1027 e 1053 e ora davam-nos como detidos em 1018, isto depois da notícia do contra-ataque alemão em 555-189?

Às 5,20 horas as 1ª/I/1ª R.I. (entre Cap. RONCHIDOS e MAZZANCANA) e 3ª/I/1ª R.I. (na região da cota 952) informaram que os americanos, à sua esquerda, na altura de Cap. de RONCHIDOS estavam sofrendo

bombardeio e grande tiroteio. Projéteis traçantes passavam sobre essas Cias.. Assim, na hora da partida para o ataque, a situação no nosso flanco esquerdo era incerta e bem apreensiva.

Como se vê era preciso manter muita prudência, o que, de certo modo, diminuiu a velocidade prevista para as operações da esquerda do dispositivo do Regimento.

A situação do Regimento, às 5,30 horas, quando partiu o ataque, era a seguinte:

I Btl.:-

- 3ª Cia.:- em MAZZANCANA;
- 2ª Cia.:- em C. CORAZZA, tendo ocupado FORNACE com uma patrulha;
- 1ª Cia.:- entre RONCHIDOS DI SOPRA e MAZZANCANA.

III Btl.:-

- 7ª Cia.:- já ocupava os pontos cotados 799 (N de C.VITELI NE) e 779;
- 8ª Cia.:- já ocupava 744 e 718;
- 9ª Cia.:- GAMBAIANA - LE RONCOLE - Km 13.

II Btl.:-

- 5ª Cia.:- em LA GRILLA;
- 4ª Cia.:- em CÁ DI BERTO;
- 6ª Cia.+- no Km. 13.

C.C.A.C.:- na região de C. PREMAROLA - CASELINA.

6. Obuzes:- ligada à Central de Tiro da Artilharia, de quem recebia missão de fogo.

Às 6,45 horas o III Btl. avançava para 776 e 803, já vivamente hostilizada, ao passo que o I Btl. avançava o restante da 2ª Cia. - para FORNACE, a 3ª Cia. para a cota 875 e a 1ª Cia. para MAZZANCANA.

A A.D., mediante pedidos diretos do Cmt. do R.I., que assim ajustava tais fogos à sua manobra (o que não se passou em 12-XII-44), concorria grandemente para a neutralização das resistências encontradas.

Assim é que às 7,45 horas o Cmt. do R.I. pede fogos sobre - 930 e 887 do MONTE CASTELLO, bem como sobre arma revelada imediatamente ao N. de 776, que já molestavam fortemente o III Btl..

Às 7,50 horas o III Btl. ocupava com a 7ª Cia. o ponto cotado 803, mas já tinha 2 Pel. detidos; a 8ª Cia. avançava para 776, mas já tinha 1 Pel. detido; a 9ª Cia. continuava em 2º escalão.

O I Btl. já ocupava FORNACE, com a 2ª Cia. e progredia lentamente com a 3ª Cia. para a cota 875.

Às 8,30 horas os Pel. de 1º escalão do III Btl. estão detidos por fogos potentes partidos do alto do MONTE CASTELLO (977-887) e de C. ZOLFO, ao passo que às 9,00 horas, no I Btl. a 3ª Cia. atinge - CARGÉ, a caminho de 875. A 2ª Cia. se mantém em FORNACE, donde busca auxiliar o III Btl., atirando sobre os defensores de C. ZOLFO, enquan-

S. (oi) 29

to o Cmt. do I Btl. resolve empregar sua Cia. reserva para investir - contra a cota 920 (S. de MALANDRONE).

O ataque frontal contra o MONTE CASTELLO, pelo III Btl., devia ser facilitado ao máximo, pela ação de flanco, a cargo do I Btl.

Era preciso impulsionar a operação pela esquerda e o Cmt. do I Btl. sentiu bem esta necessidade.

Para auxiliá-lo neste empreendimento o Cmt. do R.I., já às 9,10 horas, a pedido do Cmt. I Btl., resolve empregar parte da sua - reserva, passando a 5ª Cia., do II Btl. à disposição do Cmt. do I Btl., para ser empregada no ataque ao longo da lingua de terra que, ao S. de MALANDRONE, liga o MONTE CASTELLO à cota 1036 (S. do M. TORRACCIA).

A manobra de flanco contra o MONTE CASTELLO estava em curso. Era mister aguardar seus resultados, que seriam decisivos, e só forçar a progressão do III Btl. quando isso fosse possível, como o mínimo de perdas.

Às 9,25 horas a 3ª Cia. atinge a cota 875, onde é fortemente hostilizada de 930; a 2ª Cia. permanece em FORNACE e a 1ª Cia. aproxima-se de 1036, para daí investir sobre 930. A 5ª Cia. está se deslocando de LA GRILLA para MAZZANCANA.

Às 11 horas o III Btl. - que havia conseguido progredir alguns dos seus elementos muito lentamente e cerrar os Pel. mais recuados das Cias. de 1ª escalão - tinha todos os seus elementos de 1ª escalão detidos pelas resistências de FORNELLO - região imediatamente ao N. de 776 - 887 e garupa 300 m. N.N.E. de 799.

Aumentava, porém, a situação de insegurança para o I Btl., que se via hostilizado de 1036, que já devia estar ocupada pelos americanos desde às 21,45 horas da vespera.

Um pedido de informação do R.I., feito à D.I.E. teve como-resposta que o G/3 da 10ª Div. Mont. não estava ao par da situação na frente, que era muito confusa.

Em virtude disto a 1ª Cia. foi encaminhada para a garupa entre 875 e 1036, para garantir o flanco do ataque do Btl., já que o R. I. não podia bombardear nem autorizar o I Btl. a atirar sobre 1036, em - virtude de ser zona de ação americana.

Até que se esclarecesse a situação em 1036 era preciso suspender a manobra, a espera que a 5ª Cia. pudesse chegar ao seu local de emprego.

Antes de autorizar o Cmt. do III Btl. a empregar sua Cia. de reserva, resolve o Cmt. do R.I. efetuar um violento bombardeio de toda a A.D. sobre as resistências que detêm essa Unidade.

O bombardeio foi iniciado às 11,15 horas e terminou às 11,32 horas. Foram batidas em primeiro lugar as resistências mais afastadas. Depois o bombardeio tornou-se regressivo até atingir o limite de segurança da tropa amiga.

h. laia 97

Desta forma as resistências alemãs diminuíram e ponde o III Btl. recomeçar a progressão, agora mais facil na 7ª Cia. que na 8ª onde as baixas eram grandes.

Às 12,00 horas o III Btl. avançava lentamente para o Nl de C. VITELINE e em direção a C. ZOLFO, coberto por granadas fumígenas que - seus morteiros atiravam.

Às 12,30 horas resolve o Cmt. do I Btl. montar seu ataque ao MONTE CASTELLO. Dispunha de 4 Cias. de Fuzileiros.

A zona de ação, muito apertada e limitada pelas profundas - grotas que o terreno apresentava, não permitia o emprego de maior densidade de tropa, caso em que o Cmt. do R.I. teria por aí empregado o restante do Btl. reserva. Era preciso agir com os meios à sua disposição e o auxilio da Art., cujos fogos, pedidos diretamente pelo Cmt. do R.I., em apoio da sua manobra, foram eficazes e oportunos.

A 1ª Cia. que estava fazendo frente à cota 1036, avançaria pela lingua de terra ao S. do MAIANDRONE, rumo à cota 930 e depois para MONTE CASTELLO.

A 5ª Cia., que atingirá a garupa E da cota 1053 atacaria na direção de 923 arvore isolada a E de 930.

A 3ª Cia. progrediria entre a 1ª e a 5ª Cias..

A 2ª Cia. atacaria de FORNACE PARA C. SOLFO rumo ao CASTELLO.

Para apertar o cerco do MONTE CASTELLO o Cmt. do III Btl. foi autorizado a empregar sua Cia. reserva, na direção de GAMBAIANA - 887, agindo entre as duas Cias. de 1º escalão.

Às 14 horas o I Btl. montando o seu dispositivo para o ataque final, já tem 2 Cias. na região de 930, a 5ª Cia. em 875.

A A:D: foi concentrada sobre as resistências do alto do CASTELLO e sobre outras que revelaram entre a arvore isolada a E de 930 e 977 de CASTELLO.

A cooperação dos Tanks americanos, que estavam em apoio ao - R.I. para o ataque (1Pel. Tanks e 1 Pel. T.D.) foi pedido neste momento, mas não foi dada, sob a alegação de que era proibido atirar na direção de BOMBIANA TORRACCIA e a mudança de posição não era possível, por causa das minas. A mudança de posição para GAMBAIANA, sugerida pelo Cmt. do R.I., necessitava de 4 horas, o que não interessava. Desta forma e pela 2ª vez, ficou o R.I. sem os fogos dos Tanks, com que devia contar.

Às 14,30 horas foi iniciado o ataque final do I Btl., ao mesmo tempo em que a Cia. reserva do III Btl. partia de GAMBAIANA para - 887, protegida por um bombardeio de nossa Artilharia sobre FORNELLO.

Nesse momento, às 14,50 horas, o Cmt. do I Btl. informa que os americanos, em virtude de perda de direção, surgiram se deslocando de MAZZANCANA para FORNACE, rumo a CASTELLO, fazendo fogo sobre os nossos elementos, em FORNACE.

causa

A confusão causada pelos nossos uniformes foi a caus disto,

W. L. L. L.

de que resultou 1 morto e alguns feridos na nossa tropa.

Essa tropa americana - cerca de 1 Cia. - continuou a progredir de sorte que, quando o I Btl. se dispunha a partir de 930 e 875 para CASTELLO, surgiram esses elementos à sua frente, impedindo assim o início do ataque.

Até que a ligação com eles fosse estabelecida o ataque foi retardado, enquanto os alemães retiravam tropa e material, sem que o I Btl. pudesse atirar. Afinal os americanos se detêm nas ravinas ao SE. de 930 e o ataque parte.

Em consequência o ritmo do ataque do I Btl. sofreu grandemente até que se esclarecesse a situação, o que levou o Cmt. do R.I. a empregar o restante da sua reserva, às 15 horas, na direção de 887 - CARULLO, afim de atrair os fogos do inimigo e facilitar a ação dos outros Btls.

À 16,35 horas o III Btl. consegue progredir de FORNELLO para 887 e às 17,00 horas o II Btl. (menos a 5ª Cia.) inicia o seu movimento para o N., partindo de CASE GUANELLA, sendo logo atingido por forte barragem de morteiros alemães.

Às 17,15 horas a 4ª Cia. já havia ultrapassado a barragem alemã e progredia francamente para 887.

Às 17,25 horas chega informação de que o I Btl., esclarecida a situação com os americanos, progredia combatendo rumo ao MONTE CASTELLO, tendo:

- a 1ª Cia. no colo entre 930 e MONTE CASTELLO;
- a 5ª Cia. subindo o MONTE CASTELLO por SW.;
- a 3ª Cia. progredindo entre as 1ª e 5ª Cias.;
- a 2ª Cia. progride combatendo, de FORNACE para C. ZOLFO.

À esta mesma hora o II Btl. informa que as 4ª e 6ª Cias. progridem ao N. de C. VITELINE, rumo aos seus objetivos em 887.

Às 18,00 horas o I Btl. ocupou a casa situada em 565-194, a NW, da cita 977, enquanto o III Btl. iniciava a subida para 977, ultrapassando a resistência de 887, que foi deixada para trás, a cargo do II Btl..

Às 18,30 horas estava ocupada o MONTE CASTELLO pelos I e III Btls., que, dobrando a crista de 977 faziam, agora, frente ao MAIANDRO-NE.

Estava vitorioso o ataque a MONTE CASTELLO, ao MONTE fatídico que tantos sacrifícios nos obrigou a fazer, que tantas amarguras nos causou.

Agora era o mesmo MONTE que nos enchia de alegria intensa, que levava os nossos homens a desdenharem do perigo e apresentarem-se de pé na crista, como que a afirmarem ao BRASIL e ao mundo que CASTELLO tinha sido tomado, que CASTELLO era nosso, que havíamos vingado os nossos mortos e afastado, para sempre, a sensação de inferioridade e

impotência que nos dominara após o 12 de Dezembro.

Sim, o soldado brasileiro era capaz de um esforço másculo, podia vencer o alemão, podia voltar de frente erguida para a Pátria es-tremecida.

Os soldados do Sampaio venceram as casamatas inimigas aquelas mesmas que haviam castigado com a morte a grupos de combate inteiros, - pela sua audácia de galgarem CASTELLO, a 12 de Dezembro.

E agora, encurralados nelas, como ratos, os alemães aprendem a respeitar os brasileiros.

VIVA O BRASIL - VIVAM OS SOLDADOS DO SAMPAIO

O ataque a MONTE CASTELLO foi agora vitorioso porque:-

- 1) - foi fixada ao R.I. uma zona de ataque que lhe permitia manobrar - o que não ocorreu em 12-XII-44, nem ele podia por não ter reservas;
- 2) - o ataque foi simultâneo com o da 10ª Divisão de Montanha americana, o que obrigou o inimigo a dividir seus esforços;
- 3) - foi deixada ampla liberdade de ação ao Cmt. do R. I., que agora dispunha de uma reserva forte e podia empregar os fogos de artilharia onde e quando quizesse, de acordo com a sua manobra, pois agia em combinação com o Exmº Snr. Gen. Cmt. da A.D.;
- 4) - as ligações entre o representante da artilharia, junto ao Cmt. do R.I. e a Central de Tiro foram estabelecidas solidamente, ao contrário do que se verificou a 12-XII-44;
- 5) - o inimigo não se apresentou no corredor de ABETIA, para molestar o ataque, mas se o tivesse feito teria recebido adequada resposta do R.I., que estava, desta vez, preparado para tal eventualidade, à vista do fracasso de 12-XII-44;
- 6) - por que a preparação do ataque foi feita minuciosamente por todos os escalões, que, para isso, - dispuseram de tempo necessário.

Urgia, porém, conservar a presa. Era preciso organizar a defesa. Por isso às 18,30 horas o Cmt. do Regimento expediu a ordem abaixo, para defesa a todo custo do MONTE CASTELLO conquistado:-

I - Idéia de manobra:-

- manter MONTE CASTELLO a todo custo, mesmo cercado, em condições de prosseguir amanhã para O

II - Dispositivo e Missões:-

- a) - I Btl.: - defender CASTELLO face a W., NW., e N., com ponto forte na garupa NW..
- b) - III Btl.: - defender CASTELLO face a NE e E. com pontos fortes em CAVRILLO, 987 e 977.
- c) - Limites:- ponto 977 (incl. para o III Btl.) e

W. Laias

crista NS. de BELLA VISTA - CIMON DELLA PIELLA.

d) - Vigilância:- até a linha: ponto 930 - MALANDRONE.

e) - Patrulhas de reconhecimento seguindo as estradas para:

- ponto 884

- BELLA VISTA.

- LA SERRA

- MONTE DELLA CASELINA.

f) - II Btl.:- em reserva na região de FORNELLO, em condições de intervir na defesa do MONTE CASTELLO e de atacar OJ.

Às 19,00 horas a A.D. informa que manterá inquietação, durante toda a noite, particularmente na região da estrada sinuosa, entre o fosso do MALANDRONE e BELLA VISTA. Em consequência foi ordenado aos Btls. que suas patrulhas não ultrapassem o MALANDRONE.

Durante o dia 22-II-1945, o P.C. do R.I. deslocou-se para CÁ DI TOSCHI; foi terminada a operação de limpeza de MONTE CASTELLO, tendo o II Btl. aprisionado os ocupantes da última resistência alemã nas pedreiras a NL. de C. VITELINE (574-185); fez-se o reajustamento do dispositivo; ultimaram-se os trabalhos de organização e o plano de fogos defensivos e foram lançadas patrulhas de segurança no Fosso do MALANDRONE.

Nos dias 21 e 22 o R.I. fez 20 prisioneiros.

Nas jornadas de 19, 20, 21, 22 a Cia. de Obuzes deu 2.375 tiros.

Às 16,00 horas do dia 22-II-45 foi transmitida ao R.I. a seguinte ordem telefonica da DII. E.:-

"A posição defensiva no objetivo ontem conquistado deve ser defendida a todo custo. Lançar P.A. entre esta Posição defensiva e o 3º objetivo, preferentemente em LA SERRA e 958.

Missão do P.A.:- repelir elementos ligeiros (patrulhas), alertar por completo a posição defensiva em caso de ataque em força.

Condições de execução:- A linha do P.A. deve estar instalada amanhã ao alvorecer.

Ainda uma condição de execução admitida:- Amanhã ao alvorecer a linha de pontos fortes deve passar em MONTE DELLA CASELINA e região S. da bifurcação - Valor total 1 Cia. reforçada si conveniente."

Esta ordem foi transmitida ao III Btl. às 16,30 horas, mas os elementos que deviam ocupar MONTE DELLA CASELINA, só puderam partir às 23,30 horas, por necessidade do reajustamento do dispositivo e esgotamento físico dos homens.

2 - Combate de LA SERRA

23-II a 25-II-1945

L. L. L. L. L.

Como já foi dito, às 23,30 horas do dia 22-II-45, partiu uma patrulha do valor de 1 Pel., comandada por oficial, para ocupar M^o DE LA CASELINA.

O terreno muito íngreme e completamente minado dificultou - sobretudo a progressão.

Às 00,20 horas em face de uma informação dada pelo G/3 da D. I.E., de que M^o DELA TORRACCIA não estava completamente ocupado, contrariamente ao que diziam informações anteriores, o Cmt. do R.I. emitiu sua opinião acerca da operação determinada, declarando que considerava uma temeridade lançar os P.A. além do MARANO, deixando enorme vazio a N e NW do M^o CASTELLO. Foi-lhe respondido pelo G.3 que essa opinião seria levada ao conhecimento do Cmt. da D.I.E., mas às 01,00 - horas foi-lhe ordenado que a progressão devia continuar, porém cautelosamente.

A patrulha destinada a ocupar a região de BELAVISTA, cuja - partida fora fixada, pelo Cmt. do Btl., para às 3,00 horas de 23-II, não havia iniciado seu movimento ao amanhecer de 23, devido ao esgotamento da tropa, resultante do esforço dispendido, na conquista de CASTELLO.

Às 9,17 horas a D.I.E. insiste em que BELAVISTA devia ser - conquistada ainda durante o dia e tal ordem é transmitida ao III Btl. que às 14,30 horas comunicou ter sido iniciada a operação sobre BELAVISTA, partida de CAVRULLO.

Os americanos, à nossa esquerda ocuparam LA PASSIONE às - 11,20 horas, devendo fazer ligação com o III Btl. no ponto 902 a E. - de LA PASSIONE, onde o III Btl. já tinha elementos seus.

O II/11^o R.I. estabelecia ligação com a nossa tropa em M^o - de LA CASELINA, às 10,55 horas.

Às 13, 35 horas o G/3 da D.I.E. transmite a seguinte ordem:

I - Conquistada BELAVISTA, prosseguir o movimento afim de constituir um ponto forte na região de 958, com cobertura em LA SERRA e região da estrada ao S. de SALSICCIA, no valor de uma Cia. Esta posição constituirá um objetivo intermediário para a conquista de 03;

II - repelir elementos ligeiros do inimigo, retraindo-se no caso de ataque em força.

III - Btl. Ramagem (II/11^o R.I.) ocupará ORATÓRIO DE LA SASSONE. Terá um ponto de apoio em 739 (S. do MARANO) em ligação com a cobertura de LA SERRA.

Esta ordem verbal foi confirmada pela Ordem Particular de Operações n^o 34, de 23-II-45, da D.I.E.

Esta missão foi confiada, às 14,30 horas, ao II Btl., que, - para ela destacou a 6ª Cia., reforçada por um Pel. da 4ª Cia..

Às 15,25 horas um Pel. da 6ª Cia. atinge CAVRULLO, outro está em VALLE, outro no ponto 826 (N. do MALANDRONE) e o Pel. da 4ª Cia., à disposição da 6ª Cia., segue na esteira do que está em 826.

Às 16,20 horas o III Btl. informa que sua patrulha está atingindo BELAVISTA e um Pel. da 6ª Cia. ocupava CASELINA, aguardando ordens para partir.

O Cmt. do R.I. havia determinado que a 6ª Cia. só partisse - para 958, depois de ocupada BELAVISTA.

Era, pois, chegado o momento.

Foi, assim, transmitida ordem ao II Btl. para fazer cerrar a 6ª Cia. sobre BELAVISTA, mantendo um Pel. em Mª CASELINA e só partir - para 958 mediante ordem.

Às 19,00 horas a 6ª Cia. atinge BELAVISTA e é-lhe transmitida ordem para prosseguir para 958, que atinge às 21,45 horas, com 1 - Pel. sem reação do inimigo.

Prepara esta Cia. a abordagem de LA SERRA. Para isso encaminha mais dois Pel. para 958 para atacar LA SERRA por W. e faz avançar o Pel. de CASELINA, para o ataque por L. Neste momento o Cmt. do R.I. põe os 2 Pel. do III Btl. (de BELAVISTA e de CASELINA) à disposição do Cmt. do II Btl., que, entretanto não deve retirá-los desses locais.

Às 23,00 horas a 6ª Cia. aborda LA SERRA, que resiste. Às - 23,52 horas cessou a resistência inimiga e LA SERRA é conquistada.

O dispositivo era o seguinte:

- 1 Pel. da 6ª Cia. em LA SERRA;
- 1 Pel. da 6ª Cia. em 958;
- 1 Pel. do III Btl. em BELAVISTA;
- 1 Pel. da 6ª Cia. entre 958 e LA SERRA;
- 1 Pel. da 4ª Cia. e 1 do III Btl. em CASELINA.

O inimigo, porém, feito da surpresa, resolve reagir e reconquistar LA SERRA e 958. Estas posições flanqueavam os movimentos americanos em Mª DELA TORRACCIA e não haviam ainda permitido sua conquista pelos nossos aliados, que ora ocupavam LA PASSIONE, ora a perdiam, ora avançavam para LE BORRE ora eram obrigados a recuar.

Assim às 00,20 horas do dia 24-II-45 desencadeiam os alemães o 1º contra-ataque contra a nossa tropa em 958 e LA SERRA.

A nossa tropa resistiu galhardamente, muito auxiliada pelos fogos de deter de toda A.D. e dos morteiros dos 3 Btls. do R.I., que o Coronel concentrou em proveito da tropa atacada.

Às 01,40 horas a situação era desafiada, mas às 03,55 horas os alemães voltam a atacar com maior intensidade, mas são mais uma vez repelidos pelos fogos ajustados das nossas armas, às 04,50 horas.

Às 6,45 desencadearam novo e terrível contra-ataque. A situação é crítica porque LA SERRA ficou cercada e, a tropa teve de se refu

giar em uma casa, onde o Tenente foi ferido e na qual os alemães procuravam atear fogo com granadas incendiarias. A posição de 958 estava ameaçada de cerco. O emprego judicioso e oportuno dos demais elementos da 6ª Cia., bem como dos fogos potentes da Artilharia e dos Morteiros de todo o R.I., fizeram abortar essa nova tentativa de reconquista de LA SERRA e 958. Às 10,00 horas a situação estava dominada e o ataque a lemão praticamente detido.

Às 8,00 horas os americanos desencadeiam o seu ataque para a limpeza de M. TORRACCIA e às 9,20 horas o General Cmt. do IV C. Ex. - transmitia ao R.I., por intermédio do G.3 da D.I.E. as suas congratulações pela conquista de LA SERRA e 958 e por haver mantido galhardamente a posição, que, à vista da sua importância para as futuras operações devia agora ser mantida a todo custo, em vez de constituir simples P.A..

À vista desta decisão do Cmt. do IV Corpo e da gloria que isto representava para o Regimento Sampaio, resolveu o Cel. Cmt. do R.I. empregar na manutenção dessa posição toda a sua reserva (II Btl.). E às 10,00 horas é transmitida ao Cmt. do II Btl. a O.G.O. nº 10, de 24-II-45, do 1º R.I..

O movimento de reforço às posições de LA SERRA e 958, determinado pela O.G.O. nº 10, era impossível de dia, pelo comando que sobre essas regiões, possuíam os alemães de CIMON DE LA PIELA e Mº - TERMINALE.

Só ao anoitecer foram as Sub-unidades do II Btl. deslocadas para as novas posições, indo ocupar:

a 6ª Cia. - a região de LA SERRA;

a 4ª Cia. - a região de 958

Os Pel. do III Btl. continuaram à disposição do II Btl.

A operação terminou às 22,45 horas.

O II Btl. procurou ligação com os americanos em 884 e o II/11º R.I. ocupou 739 e 749.

É reduzida uma casamata ao N. de 958 e, em LA SERRA, o contato é estreito.

Durante o resto da noite o inimigo bombardeou fortemente as posições do II Btl. que, no dia 25-II-45 reduziu cerca de 4 casamatas, fazendo um total de 22 prisioneiros, e sofreu novo contra-ataque inimigo, que foi repellido, como os anteriores, pela coragem e tenacidade dos nossos soldados e pelo emprego de todos os nossos fogos de apoio.

Estava vitoriosa a segunda operação de envergadura do Regimento, cumprindo salientar que, os brasileiros andaram sempre adiantados de um tempo no ritmo fixado para o ataque.

De fato: a operação contra M. CASTELLO devia partir quando os americanos atacassem M. TORRACCIA. No entanto ela foi feita simultaneamente com a conquista de 1036 pelos americanos.

O ataque a LA SERRA devia ser simultâneo com a ação contra CIMON DE LA PIELA, partida de M. DELLA TORRACCIA.

No entanto só após a conquista de LA SERRA é que M. DELLA TORRACCIA - foi totalmente conquistado.

As congratulações que o Regimento Sampaio recebeu, por este fato, do Cmt. do IV C.Ex., revelam bem a importancia da nossa atuação.

Outra missão, porém, já nos aguardava: substituir elementos americanos no maciço de BELVEDERE, a fim de que estes continuassem a ação ofensiva das suas tropas.

Para isto, às 9,20 horas do dia 25-II-45 foi recebida do G.3 da D.I.E. a ordem particular para deslocamento do I Btl. para a região de LE CROCIALLE - GAGGIO MONTANO, já que era desnecessária a presença dessa Unidade sobre o MONTE CASTELLO.

Às 10,30 horas o G.3 da D.I.E. confirmou a ordem acima, que devia ter cumprimento imediato.

O R.I. expediu sua O.G.O. nº 11, de 25-II-45, reajustando o dispositivo da defesa, à vista da retirada do I Btl. e dando ao II - Btl. um suplemento de missão, de estabelecer um ponto em 884, para ligação com os americanos, a W., e outro nas garupas da região do ponto cotado 687, em condições de cruzar fogos com os elementos do II/11º R. I.. Tudo isto constava da Ordem Particular Nº 35, de 26-II-45, da D.I. E., confirmando ordens verbais dadas.

Em fim de jornada o I Btl. tinha saído de linha e estacionava em CROCIALE e PORRETA. As operações de que resultou a conquista do MONTE CASTELLO e LA SERRA, custaram ao R.I. 128 baixas, entre mortos e feridos.

O R.I. no sub-setor BELVEDERE-TORRACCIA

Às 10,35 horas do dia 26-II-45 o G.3 da D.I.E. transmite ao R.I. a seguinte ordem verbal:-

- a) - O III Btl. deve sair de linha, o mais cedo possível. Será substituído pelo III/11º R.I., sem empregar todos seus meios. O III/11º R.I. passará, para esta operação, ao Cmdo. do Cmt. do 1º R.I., que regulará a substituição. O Cmdo. do 1º R.I. deslocar-se-á amanhã, fim da noite, para assumir novo S/Setor no maciço BELVEDERE possivelmente depois de amanhã.
- b) - O III Btl. deve enviar reconhecimentos (Cmt. ou S/3 e representantes de Cias. de Fuz.) para o P.C. da Montanha, em LIZANO, onde devem se achar às 14,30 horas, onde encontrarão o representante do G.3, - Major Cunha Mello.
- c) - O R.I. deve assegurar a proteção da construção da ponte sobre o MALANDRONE, por meio de patrulhas.
- d) - O III Btl. deve estacionar em PORRETA (todo ele) e deve indicar o local e hora em que deseja o transporte.

Esta ordem foi confirmada, às 16,20 horas pela Ordem Particular de Operações nº 36 de 26-II-45, da D.I.E., pela qual se verifica:

- S. Laia*
- que o I Btl. passou às 12,00 horas de 26 à disposição da 10ª Div. Mont. americana, de quem recebeu missão defensiva no sub-setor BELVEDERE, frente a ROCCA CORNETA;
 - que o III Btl., após sua substituição na tarde de 26, passaria à disposição da 10ª Div. Mont. às 12,00 horas de 27.
 - que o Cndo do R.I.; devia permanecer no atual sub-setor até a jornada 27.

Como consequencia das ordens anteriores (O.P.O. nº 35 e O.P.O. nº 36), foi expedida a O.G.O. nº 12 do R.I. fixando:

- II/1º R.I. - além da missão anterior:
 - Estabelecer a linha de vigilância dos P.A. em SENEVE GLIO - 788 - RONCOVECCIO, que deverá ser atingida progressivamente. Vigiar também a estrada de STANCADORA.
- III/1º deverá ser substituído pelo III/11º R.I. na tarde desse dia, não devendo os elementos em linha deste ultrapassar o valor de duas Cias.
- O III/1º R.I. estacionará em PORRETA e passará a disposição da 10ª Div. Mont. às 12,00 horas de 27.
- Durante a tarde procedeu-se a substituição integral do III/1º R.I. pelo III/11º R.I. que passou ao Comando do 1º R.I.. A operação ficou terminada às 20,20 horas.
- O III Btl. foi transportado, a cargo da 4ª Secção - da 1ª D.I.E., para PORRETA onde estacionou.
- O I Btl. passou à disposição da 10ª Div. Mont. (U.S.A.) entrando em linha a W. do M. BELVEDERE na noite de 26/27, onde substituiu o III/85 Reg. U.S.A.

Às 23,25 horas o G.3 da D.I.E. avisou que os II/1º R.I. e - III/11º R.I. deveriam estar prontos para, a partir de 8,20 horas, enviar reconhecimentos (Cmt. de Btl. ou S/3 e 1 representante por Cia.) a local e em hora a determinar posteriormente.

Às 11,00 horas foi entregue ao Cndo. do R.I. a titulo de informação, uma ordem da 10ª Div. Mont. dirigida ao 85 R.I., datada das 19,00 horas do dia 26-II-45, contendo detalhes de movimentos e operações a serem realizadas pelos Btls. do Regimento Sampaio, dos quais o Cmt. do Regimento ainda não tinha conhecimento.

Às 11,50 horas o G.3 da D.I.E. transmite a seguinte ordem verbal:

- II/1º R.I. iniciar imediatamente os reconhecimentos em CAPELA DE RONCHIDOS, no P.C. do I/85 R.I.. Será substituído ao anoitecer de hoje por tropa americana e -

provavelmente ocupará a nova posição, na crista BELVEDERE - TORRACCIA, ainda esta noite;

- o III/11º R.I. iniciar imediatamente os reconhecimentos em CAPELA DE RONCHIDOS, no P.C. do III/85 R.I..
Será substituído esta tarde nas suas posições e ocupará novas posições na crista BELVEDERE - TORRACCIA, - ainda esta noite.

Em consequência da ordem acima foram dados aos Btls. os seguintes detalhes:

- 1) Os reconhecimentos a realizar não devem prejudicar a substituição. É preciso deixar quem possa entregar as posições e reunir o Btl.
- 2) -Zona de reunião:
 - do II/1º R.I.: - ao longo e fora da estrada de GAGGIO, com a testa no quilometro 13;
 - do III/11º R.I.: - idem, com a testa na ponte 594 ao N. de GAGGIOMONTANO.
- 3) Hora de início do deslocamento para as novas posições e meios de transporte: a determinar oportunamente.

O G.3 não deu os limites das zonas de ação desses Btls., na nova posição e declarou que não sabia quais eram, mas que procuraria esclarecer o assunto.

Às 12,20 horas o G.3 telefonou para saber si os reconhecimentos dos Btls. já haviam partido. O S/3 do R.I. respondeu que não, porque havia dúvidas a esclarecer, entre elas a de que o II/1º R.I. tinha tido a ordem acima, de reconhecer o quarteirão do I/85, quando o marcado anteriormente coincidia com o III/85 R.I..

O G.3 respondeu que tinha havido engano e que o II/1º R.I. ficaria de CAPELA DI RONCHIDOS (excl.) até cota 1027 (incl.); que o III/11º R.I., ficaria da cota 1036 (incl.) para a direita, não sabendo bem, ainda, até onde se estenderia.

Perguntado quem daria missão ao III/11º R.I., respondeu que no III/85 R.I. o Cmt. do Btl. saberia a missão.

Comunicou o G.3 que o Cmdo. do R.I. permanecerá aqui até nova ordem, mas que assumirá o Cmdo. do novo sub-setor amanhã, 28, pela manhã.

Disse que provocou uma reunião, em GAGGIO MONTANO, entre os G.3 do IV Corpo, da 10ª D. Mt. e da D.I.E., para esclarecer a situação e que após, daria informação.

Às 14,50 horas o G.3, dá a ordem do IV Corpo para a C.C.A.C. enviar um reconhecimento para o Q.G. da 10ª D. M. em LISANO, o mais rápido possível, devendo procurar o G.3 afim de receber missão na região de ROCCA CORNETA.

Às 15,26, o G.3, diz que a entrada em linha do 1º R.I. na região BELVEDERE - CAP. RONCHIDOS, far-se-á nas seguintes condições:

III/1º R.I.: deve atingir QUERCIOLO às 20,00 horas, onde encontrará guias; a substituição se realizará, em princípio, na primeira parte da noite;

II/1º R.I.: será retirado da posição LA SERRA -958, a partir do anoitecer; a Cia. mais avançada do II/1º deve chegar a GARGIOMONTANO às 21,00 hs. e as seguintes intervaladas de 1 hora, 1/2 hora, 1/2 hora e 1/2 hora, onde encontrarão guias (562-168); o II/1º R.I. deve estar com a substituição terminada, em princípio, às 6,00 horas;

III/11º R.I.: (fora do Cmdo. do R.I.) ficará à direita do II/1º R.I. e deverá ter a testa do Btl. em 1036 às 22,00 hs., onde encontrará guias.

Limites: I/1º R.I.: ROCCA CORNETA (incl.) a VALPIANA (excl.);

III/1º R.I.: VALPIANA (incl.) a M. GORGOLESCO (incl.);

II/1º R.I.: do M. GORGOLESCO (excl.) a CAP. RONCHIDOS (incl.);

III/11º R.I.: CAP. RONCHIDOS (excl.) a cota 1036 (incl.).

O Cmdo. do 1º R.I. deixa o Cmdo. do sub-setor W. às 19,00hs. de hoje e o Cmt. do II/1º R.I. deixa o Cmdo., depois de retirar o último elemento da posição. Os Cmts. de Btls. brasileiros, assumem o Cmdo. dos novos quartelões, na crista BELVEDERE - cota 1036, depois que o último elemento americano deixar o local.

Os Btls. americanos substituídos serão reunidos à retaguarda dos locais de substituição, a saber:

I/85 R.I.: a S.E. de C. LAMAS;

III/85 R.I.: entre FORNACE e 875;

I/87 R.I.: região de QUERCIOLO.

O G.3 às 20,15 hs. comunicou que a C.C.A.C., como Cia. de Fuz. deslocar-se-ia ainda hoje para as imediações de BELVEDERE, onde aguardaria ordens para ocupar posição em PIZZO DE CAMBIANO.

Às 19,20 horas de 27-II-45, o Cmdo. do Regimento Sampaio, deslocou o seu P.C. para IL PALAZZO, no sub-setor BELVEDERE - TORRACCIA:

Nesta noite foi feita a substituição do II/1º R.I., por tropa americana e esta unidade entrou em linha no quartelão que lhe coube, no sub-setor BELVEDERE - TORRACCIA.

O inimigo bambardeou fortemente as posições durante toda a substituição, o que retardou a operação e ocasionou algumas perdas de

brasileiros e americanos.

Às 10 horas de 28-II-45 o Cmt. do Regimento Sampaio assumiu o Cmdo. do sub-setor de W., entre ROCCA CORNETA (excl.) e CAPELA RONCHIDOS, englobando o massiço de M^o BELVEDERE - M^o GORGOLESCO, com 3 Btls. em linha.

A C.C.A.C. estava à disposição do IV Corpo ocupando posição em CAPEL BUSO - PIZZO CAMPIANO, à disposição do quartelão OLLIVIER, - para guardar o flanco esquerdo da D.I.E. e a Cia. de Obuzes continuava à disposição do Cmt. da A.D..

É indispensável deixar aqui assinalado que o Cmt. do Regimento Sampaio assumiu o Cmdo. de um sub-setor, onde os quartelões não foram fixados por ele nem dados por ele as missões dos Btls., que eram, aliás, de seu Regimento.

Esses Btls. foram entregues à 10^a Div. Mont., que os empregou diretamente nesses quartelões e posteriormente passou o sub-setor ao Cmt. do R.I..

Nessas condições o dispositivo do R.I. e as missões das Unidades subordinadas já estavam determinadas.

Só às 12,00 horas de 28-II-45 retornou o Regimento Sampaio ao Cmdo. direto da D.I.E., deixando de estar à disposição da 10^a Div. de Montanha.

Às 14,00 horas o Exm^o Snr. General Zenobio da Costa assumiu o Cmdo. do Grupamento de W., do qual passou a fazer parte o Regimento Sampaio, tudo de acordo com a O.G.O. n^o 21., de 28-II-45, da D.I.E. O Sub-setor ocupado pelo Regimento Sampaio passou a denominar-se Sub-setor Caiado.

Às 9,00 horas de 1^o-III-45 o P.C. do R.I., deslocou-se para I RONCHI e às 9,00 horas de 2-III-45 foi transferido para GABBA, Neste mesmo dia o II Btl. passou 2 G.C. à disposição do Quartelão Ollivier, para a defesa da região de ROCCA CORNETA.

Até o dia 9-IV-45 o R.I. permaneceu neste Sub-setor, em situação de defensiva agressiva, de acordo com as ordens recebidas. Assim a 2-III-45, foi recebida a Ordem Particular n^o 1 do Grupamento W. de - terminando a remessa de reconhecimentos a viva força sobre a linha C. VIGONE FIOCCHI - SASSO DELL'OCA - pto, 832. Em consequência o R.I. baixou a O.G.O. n^o 13, de 3-III-45, pela qual foram regulados os reconhecimentos.

Foram determinados os reconhecimentos do valor de 1 Pel. Fuz. sobre:

- I Btl. - CAPELA IL MONTE;
- II Btl. - IL SERRETO;
- III Btl. - cota 906.

Esta ordem regula ainda o apoio de fogos de infantaria e art. a estes reconhecimentos, bem como medidas de execução.

O reconhecimento enviado pelo I Btl. atingiu seu destino, CA

PELA IL MONTE, onde reduziu uma casamata, fez 6 prisioneiros e tomou 2 metralhadoras.

O reconhecimento do II Btl. atingiu o ponto 887 onde fez 7 - prisioneiros e passou a noite aguardando o inimigo.

O reconhecimento do III Btl. foi detido entre os pontos 953 e 986, onde fez 1 prisioneiro.

Um oficial e uma praça feridos. Foram feitos 14 prisioneiros.

5-III-45 - Recebida, às 23,30 horas, "Ordem sobre P.A." do - Grupamento Oeste, confirmando ordens verbais e determinando a instalação de Postos Avançados de valor de 1 G.C. à frente do Sub-setor.

REAJUSTAMENTO DO DISPOSITIVO DA D.I.E.

(até 6-IV-45)

6-III-45 - Expedida "Ordem sobre P.A.", do R.I., confirmando ordens verbais que determinaram a ocupação de Postos Avançados no valor de 1 G. C. nos pontos:

- cota de coordenadas 534.185;
- LA FORNACE;
- casas de (524.184);
- cota 986;
- garupa a S.W. de VOEPIANA.

Esses pontos foram ocupados nos dias 3 e 4.

Recebido "Plano para a criação de campos minados e estabelecimento de obstáculos" do Grupamento Oeste e distribuído o Plano elaborado pelo Regimento.

Foi determinado aos Btls. a criação de campos de minas e redes de arame frente ao Sub-setor, em calco que lhes foi remetido.

7-III-45 - Foi recebida do Grupamento e retransmitida aos - Btls. a "no fire line" relativa as unidades de Tanks em apoio.

10-III-45 - Foi recebida a Ordem Geral de Operações nº 27 da 1ª D.I.E. pela qual o Cmt. da I.D.E. deixará o Comando do Grupamento - Oeste às 6 horas do dia 11, passando o 1º R.I. a constituir o Sub-setor Sul, sem ser alterada sua missão.

De 5 a 10-III foi executada, na frente do Sub-setor, a construção de redes de arame e campos de minas anti-tank e anti-pessoal.

Continua a atividade de patrulhas por parte dos 3 Btls., que foram fortemente bombardeados. Foram feitos intensos bombardeios sobre o inimigo, por Art., Tanks e Morteiros.

A 11-III-45 o Exmº Snr. General Zenobio deixou o Cmdo. do - Grupamento W., passando o R.I. a depender diretamente da D.I.E., constituindo o Sub-setor Sul.

Às 18,00 horas desse dia 11-III, em consequência de forte - bombardeio de morteiros dos I e III Btls. sobre CAPELA DE MONTE, onde o inimigo estava fortemente organizado, arvoraram os alemães bandeiras

brancas e bandeiras de cruz vermelha, com que pediram a suspensão de -
nosso fogo.

Suspensão este, por ordem do Cmt. do R.I. passaram para as nos-
sas linhas 17 desertores alemães, inclusive 1 oficial.

A 15-III-45 foi recebida a O.G.O. nº 28, da DiI.E., regulan-
do a conduta em caso de recuo inimigo e determinando ao R.I., nesta hi-
potese, estabelecer pontos de apoio em M. DELLA PIANA e cota 882, lan-
çando destes últimos, reconhecimentos sobre SORBA e SASSO DEI CARLI.

Expedida a Ordem Geral de Operações nº 14, do R.I., regulan-
do a ordem acima e atribuindo:

- ao I Btl. - o ponto de apoio de M. DELLA PIANA e o re-
conhecimento sobre SORBA;
- ao III Btl. - o ponto de apoio da cota 882 e o reconhe-
cimento sobre SASSO DEI CARLI;

O estabelecimento dos pontos de apoio seriam feitos a ordem
do R.I. e os reconhecimentos a iniciativa dos Cmts. de quarteiros, u-
ma vez estabelecidos os pontos de apoio.

A 17-III-45 foi recebida a ordem Geral de Operações nº 29, da
1ª D.I.E., reajustando o dispositivo defensivo.

Ao 1º R.I. (menos o II Btl., Cia. Anti-Carro e Cia. de Obuzes)
tocou a defesa do Sub-setor Oeste com a missão anterior, tendo o limite
W. incluído a região de ROCCA CORNETA e saindo de linha na noite de 20/
21 o II Btl. para reserva da D.I.E.. O apoio de Artilharia do Sub-setor
a cargo do II Grupo de Artilharia e Cia. de Obuzes do 1º R.I..

Apoio de fogos da 1ª Cia. de Tanks médios e 1 Cia. de T.D..

A 19-III-45 foi expedida a Ordem Geral de Operações nº 15 do
R.I. reajustando o dispositivo, em consequência da ordem acima. O R.I.
teve como idéia de manobra - fazer o esforço da defesa na região de Co-
rona - VOLPIANA, impedindo que o inimigo se apodere de Mº BELVEDERE;

- caso o inimigo penetre na posição, detê-lo na linha cota -
914- QUERCIOLA, para posteriormente retomar o terreno per-
dido.

- Foi adotado o dispositivo de dois Btls. em linha, ficando,
a defesa da Linha de Deter e os contra ataques, a cargo de
um Btl. reserva da D.I.E., posto oportunamente à disposição
do R.I..

- Apoio dos Tanks feito a pedido dos Cmts. de Btls. ao R.I..

A 20-III-45, em consequência da Ordem Geral de Operações aci-
ma.:-

- A 2ª Cia. do I Btl. foi substituída por elementos do III/1º
R.I., na noite de 20/21 e acantonou em QUERCIOLA.
- A 8ª Cia. do III Btl. foi substituída por elementos do 6º
R.I. e substituiu nesta noite a 2ª Cia. em suas posições na
região a W. VOLPIANA.
- O II Btl. foi substituído à noite por elementos do 6º R.I.
e deslocou-se para VIDICIATICO onde acantonou como reserva

da D.I.E., com a missão de:

- Reforçar a P. R. particularmente nas regiões de ROCCA CORNETA, M. BELVEDERE.
- Contra atacar tendo em vista restabelecer a integridade da posição, em particular nas regiões de ROCCA CORNETA - M. BELVEDERE.

21-III-45 - A 2ª Cia., na noite de 21/22, entrou em linha na região de ROCCA CORNETA, terminando o reajustamento do dispositivo do R.I..

22-III-45 - Expedida "Aditamento a Ordem Geral de Operações nº 15, do R.I., regulando os fogos dos tanks em apoio do R.I. pela O. G.O. nº 29 da D.I.E..

- A 23-III-45 é recebida a O.G.O. nº 30, da D.I.E., pela qual o R.I. recuperará sua Cia. de Canhões A. C., uma vez dissolvido o Grupamento Major OLLIVIER dia 27-III, devendo estacionar na região POZZA SARRACCA.

Em consequência é expedida, a 25-III-45 a O.G.O. nº 16, do R.I., dispondo sobre a recuperação da Cia. de Canhões Anti-Carro, A C.C.A.C., a 27-III-45, acantonou em POZZA SARRACCA.

- Ainda a 23-III-45, a ação de uma patrulha do III Btl. evidenciava perfeitamente a nossa agressividade, destemor e noção do cumprimento do dever. Uma patrulha do III Btl., lançada sobre o ponto 906 de SASSO DELL'OCA é fortemente hostilizada. Apesar de ter 6 homens feridos, conseguiu evacua-los; aprisionou 3 alemães, recuperou um sargento extraviado, mas deixou um cabo desaparecido.

- A agressividade das nossas patrulhas que penetraram a fundo em busca de contáto trouxe o inimigo em constante sobressalto, ocasionou-lhe fortes perdas e fez muitos prisioneiros.

Com isto mantinhamos o inimigo aferrado à nossa frente, enquanto outras unidades da D.I.E. cumpriam sua missão ofensiva no vale do MARANO e em CASTELNUOVO.

No período de 12 a 19-III-45, foram executados 34 patrulhas e golpes de mão contra o inimigo..

5º PERIODO

OFENSIVA DA PRIMAVERA
(7-IV-45 - 2-V-1.945)

1ª FASE:-

Reajustamento do dispositivo, tendo em vista a ofensiva:-

(7-IV-45 - 13-IV-45)

A D.I.E. ia reajustar o seu dispositivo, tendo em vista as futuras operações ofensivas e o inimigo, como pressentisse nossas in-

tenções, resolveu fazer uma forte sondagem.

Para isto, na noite de 7 para 8 de Abril atacou fortemente - nossos P.A. na cota 986, ao mesmo tempo que se infiltrava entre os P. A. e a L.P.R., com o objetivo evidente de fazer prisioneiros e colher informações.

Nossos P.A. foram cercados e atacados a granadas de mão e de fuzil.

Os soldados de Sampaio, entretanto, portaram-se à altura da situação e repeliram o inimigo com energia, utilizando todos os fogos de que dispunham, inclusive da barragem de deter da Artilharia.

O inimigo foi assim rechassado, sem fazer prisioneiros e - sem obter as informações que desejava, tanto que, as substituições, levadas a efeito na noite seguinte, não foram notadas nem molestadas.

Para garantir a segurança das substituições foi feito, na noite de 8 para 9 um forte bombardeio de Artilharia, com a cooperação de Tanks e Morteiros, à frente do R.I.

No dia 8-IV-45, em consequência da Ordem Geral de Operações nº 31, da 1ª D.I.E., o II/1º R.I. que se achava à sua disposição, entrou em linha na região de TAMBORINI, SASSOMOLARE, substituindo o I/365º Reg. U.S.A. entre o 11º R.I. e a 10ª Div. Mont., a quem passou a cobrir o flanco.

A 9-IV-45, foi recebida uma ordem particular sem número da 1ª D.I.E., confirmada no mesmo dia pela Ordem Geral de Operações nº 32, da 1ª D.I.E., determinando que o 1º R.I. fosse substituído na noite de 9/10 pelo 371º Reg. Inf. e transportado no dia 10 para a região de GAGGIO MONTANO, onde ficaria em condições de ulteriormente prolongar a posição da Div. ao N. SASSOMOLARE.

Em consequência, foi expedida a O.G.Ö. nº 17, de 9-IV-45, do R. I., em obediência à qual, durante a noite 9/10 o I e III Btls. foram substituídos pelo 371º Reg. e bivacaram à retaguarda das posições aguardando transporte no dia seguinte, a cargo da D.I.E..

O Cmt. do R.I. deixou o Cmdo. do Sub-setor às 21 horas, deslocando o P.C. para GAGGIO MONTANO.

Durante a fase de defesa do Sub-setor Mº BELVEDERE - Mº GORGOLESCO, de 28-II a 9-IV-45, o R.I., sob bombardeio inimigo de cerca - 2.000 tiros de Artilharia e Morteiro, neste período, manteve a todo o custo suas posições, em uma defensiva agressiva, caracterizada por grande atividade (92 patrulhas de reconhecimento e golpes de mão), além das patrulhas de segurança dos P.A., em contínua inquietação do inimigo, - conseguindo 65 prisioneiros, bombardeando periodicamente e continuamente as posições inimigas com ajustados programas de fogos de Morteiros, Artilharia, Tanks e Metralhadoras, cooperando assim eficientemente em iludir o adversário quanto a futura zona de esforço da ofensiva do IV Corpo.

O R. I. em reserva da D. I. E., em GAGGIO MONTANO

Na manhã de 10-IV-45, o I e III Btls. foram transportados - respectivamente para CROCIALE e GAGGIO MONTANO, onde acantonaram; no dia 11-IV-45, a Cia. de Obuzes mudou de posição para a região de 568. 211, ainda à disposição da D.I.E. e a C.C.A.C. deslocou-se para BORRA (593.235), onde acantonou.

Nova missão caberia, em breve ao Regimento e todos a aguarda-
vamos com a ansiedade de quem deseja colaborar, com o máximo de esfor-
ços, para a vitória final, que se avizinhasse.

No dia 11-IV-45, o II Btl. recebeu ordem de:

- a) - apoiar o ataque do III/11º R.I. a MONTESE - MONTE-
BUFFONE - MONTELLO;
- b) - cobrir com fogos o flanco direito do III/11º R.I.;
- c) - ocupar sucessivamente POSSESSIONE - CREDO - 778-
espigão a L de CÁ DI BERTOLINO;
- d) - acolher o III/11º R.I., em caso de insucesso e
- e) - manter a todo custo a posição atualmente ocupada.

O ataque devia partir no dia 12, mas foi adiado por 24 horas.

Assim, a 12-IV o III Btl. do Sampaio era empregado, diretamen-
te pela D.I.E., para prolongar o flanco direito da Divisão, substituín-
do o 10 Btl. A.T. (da 10ª Div. de Montanha), na região Mª GRANDE D'AIA
NO, o que se verificou na noite de 12 para 13 de Abril.

No dia 12 a D.I.E. informa que ha indícios de inimigo haver
se retraído.

Patrulhas do II Btl. enviadas em reconhecimento foram hosti-
lizadas, o que demonstrava não haver o inimigo abandonado sua posição.

Ainda a 12 o ataque foi adiado por 48 horas, isto é, para o -
dia 14-IV-45.

A 13-IV-45 a D.G.O. nº 33, desta data, da D.I.E., fixava mis-
sões aos nossos II e III Btls., para o ataque do dia seguinte: 14, -
prescrevendo que:

- O II Btl.: -

- 1ª) - Conservando as suas atuais posições e mediante
Ordem da D.I.E., o II/1º R.I. deverá, na jorna-
da de 14, cobrir estreitamente a progressão do
11º R.I. sobre MONTESE - 888 - MONTELO, progre-
dindo e ocupando 758 e as vertentes S. do ARROIO
DE CORNELLO.
- 2ª) - Às 07,00 horas de 14, o dispositivo deverá estar
realizado e pronto um sistema de fortes reconhe-
cimentos sobre o objetivo designado no item ante-
rior, a serem desencadeados mediante ordem da D.
I.E.. Ocuparão os pontos essenciais do terreno
não mantidos pelo inimigo.

W. L. ai 29

3º) - Ulteriormente, por ordem da D.I.E., reagrupar-se-á na região de SASSOMOLARE.

- O III Btl.:

1º) - Manterá a linha constante do calco anexo, com maior esforço na região de M. NUVOLETTI, onde cobrirá o flanco W. da 10ª Divisão de Montanha.

2º) - Deverá cooperar com seus fogos sobre a região - MONTEPUFFONE - MONTELO, durante a progressão do II/1º R.I. e do 11º R.I.. Ligar-se-á ao 11º R.I. quando seus elementos ocuparem MONTELO.

3º) - Lançará reconhecimentos, pelo menos até os Rios GEA e CAMELLI e particularmente na estrada que se dirige para MIGOLINO.

Prescrevia, ainda, a O.G.O. nº 33, que o Cmdo. do R.I., como reserva da D.I.E., devia estar em condições de prolongar a posição da D.I.E., no flanco N., nas seguintes condições:

- disporá do I/1º R.I. na região S.W. de CERRO GROSSO, na jornada de 14.
- terá à sua disposição o III/1º R.I., já em posição, na jornada de 14, em hora a ser designada.

2ª FASE

A T A Q U E

14-IV-45 a 18-IV-45

1) - Combate de MONTESE:

Às 8,35 horas de 14-IV-45, o P.C. do R.I. foi instalado em SASSOMOLARE (589.241), como prescrevia a O.G.O. nº 35 da D.I.E. e o Cmt. do R.I. recebeu comunicação de que o I Btl. só se deslocaria para a região S.W. de CERRO GROSSO, a partir de 10,00 horas, em transportes fornecidos pela D.I.E.. Disse ainda o G.3 que a operação da 10ª Div. de Montanha estava atrasada, mas que seria desencadeada ainda nesse dia 14.

Às 9,45 horas iniciou-se a preparação de 30 minutos sobre MONTESE e, às 10,15 horas, de acordo com as ordens recebidas o II Btl. parte para o ataque às posições de POSSESSIONE e CREDO.

Apezar da resistência inimiga o Btl. ocupa às 11,45 horas estas posições.

Às 12,03 o 11º R.I. começa a entrar em MONTESE e às 13,15 o II Btl. recebeu ordem para atacar a cota 778 em cooperação com o III/11º R.I.

A operação é dura à vista de violenta resistência inimiga, que assim defendia o último ponto forte antes de MONTELO. Apezar da bravura dos Cmts. de Pel. lançados contra 778, não consegue a nossa tropa atingir esse ponto. A noite caiu, o ataque foi suspenso, tendo o Btl. ocupado PARAVENTO, à vista do fracasso da tentativa do 11º R.I. de ocupar MONTELO.

2) - Ação sobre MONTEBUFFONE e MONTEILLO: *H. Leica*

A 15-IV-1945, foi recebida a Ordem Geral de Operações nº 34, da 1ª D.I.E., determinando:

- ao 1º R.I. (menos o II Btl.), deverá, com o III Btl. - manter o quartelão Norte da Divisão e estar em condições de prolongá-lo para N.E..
- ao II/1º R.I. - na jornada de 15, em ligação com o 11º R.I., conquistar 778 e infiltrar-se pelas encostas E. de MONTEILLO.

Às 9,30 horas de 15-IV-1945, o ataque foi reiniciado.

Às 11,00 horas 778 estava em nosso poder e aí foi instalada a base de fogos com que o II Btl. devia proteger o avanço do III Btl. do 11º R.I., sobre MONTEILLO.

Foram feitos 15 prisioneiros, 1 oficial e 4 praças mortos, 26 praças feridas.

3) - Ampliação do flanco direito do setor da D.I.E.:-

A 16-IV-1945, foi recebida a Ordem Geral de Operações nº 35, da 1ª D.I.E., determinando:-

- ao 1º R.I. (menos o II Btl.) manter as posições ocupadas pelo III Btl. (SASSO BALDINO - 1ª GRANDE D'ATIANO - 1ª NUVOLETTI) e estender o flanco da Divisão para E. substituindo elementos da 10ª Div. de Montanha em cotas 753 - 883 - 913.
- contará com o apoio do III Grupo.
- Em consequência de ordens verbais do R.I.:-
 - A Cia. de Canhões A.C. deslocou-se para a região de CANELO onde acantonou.
 - O III Btl. estendeu o dispositivo para E., ocupando a cota 813, onde substituiu elementos amerivanos.
 - O I Btl. na noite de 16/17 substituiu o II/85º R.I. e o 10º Bt. Anti Tank na região de cotas 753-883-913.
- Feitos 5 prisioneiros, 1 praça ferida.

A 17-IV-1945, foi recebida a Ordem Geral de Operações nº 36, da 1ª D.I.E., que estende mais para leste o limite do Sub-setor do R.I., onde deverá substituir elementos do III/85º R.I., O R.I. deverá ainda exercer o esforço na região de cotas 913 - 909 e cobrir o flanco S.W. da 10ª Div. de Mth..

- Em consequência:-

- O P.C. do R.I. deslocou-se para CANOLE.

- O I Btl. substituiu elementos do III/85 R. I. em cõta 909 - e Boca Dei Ravari, estendendo assim o flanco da Divisão mais para Leste.
- O III Btl. reajustou seu dispositivo, entrando em linha com a 8ª Cia., entre a 7ª e 9ª Cias., na região do Mº Grande D'Aiano, estendendo o flanco S.W. até o ponto 751.
- 1 oficial e 12 praças feridas.

Ainda a 17 o II Btl. recebeu ordem de cooperar no ataque do dia 18-IV-1945 com o 6º R. I. contra Montelo. Para isto devia atacar 758 e depois progredir pelas encostas E. de Montelo. Esta operação foi transferida por ordem superior.

A 18-IV-1945 foi recebida a Ordem Geral de Operações nº 37, da 1ª D. I. E., que para o R. I., mantém a missão anterior acrescida de:-

- em caso de recuo inimigo, ocupar imediatamente a linha Rio Gea - Rio Caneli - 762, lançar reconhecimento e, mediante ordem da Divisão, persegui-lo nas direções de Villa D'Aiano - Rosola e Castel D'Aiano - Cá Del Oste.
- reconhecer ativa e agressivamente o inimigo, particularmente nas regiões de Villa D'Aiano e Canobi.
- Foi barrado contra carro o eixo de Castel D'Aiano - com o valor de 1 Pel. da Cia. de Canhões A.C..
- 1 praça morta e 13 feridas.

Nas jornadas de 12 a 18, a C. Ob. 1º R. cooperando nas operações de Montese deu 1.877 tiros.

A 19-IV-1945 a D. I. E. dá ordem ao II Btl. para reconhecer as posições inimigas de 758 - Canelo e C-a de Bertolino. Às 11 horas partem as patrulhas que ocuparam estes pontos às 15 horas e daí, por ordem do Cmt. de Btl., progrediram sobre Montelo, Paiarolo e ponto 622, que ocuparam às 19 horas.

3ª FASE

Aproveitamento do êxito
(19-IV a 21-IV-1945)

- 1) - Progressão sobre a margem E. do Panaro:-

A 19-IV-1945 foi expedida a Ordem Geral de Operações nº 18 do R. I., regulando a missão recebida na Ordem Geral de Operações nº 37 da D. I. E., determinando, além da missão defensiva anterior:-

- 1) - aos Batalhões:-

- a) - barrar contra carro as direções:-

- S. Pamponio - Ca dele Gate - Sassomelano - M. Nuvoletti.

- b) - reconhecer ativa e agressivamente o inimigo, particularmente na região de Canobi e Vila D'Aiano, de

modo a ser percebido imediatamente o retraimento inimigo.

- c) - em caso de recuo, ocupar imediatamente a linha 762 - Rio Caneli - Rio Gea, lançando reconhecimentos para Serra de Marzana e Cá del Costa e estar pronto para cooperar na perseguição nos eixos Castel D'Aiano - Cá del Oste - Vila D'Aiano - Rosola.

2) - A Companhia de Canhões A.C.: -

- a) - barrar as direções Villa D'Aiano - Canole - Borro - Serra Sarzana, mantendo 1 Pel. em Canole (reserva).
b) - estar em condições de cooperar na perseguição, seguindo os eixos citados.

- Foi expedida a Ordem Geral de Operações nº 19 do R.I., determinando aos Btls.: - sem prejuízo de suas missões defensivas, deverão ocupar com P.A. as cotas 799 - 794 - Canobi - 762 - 558 - 545 - 605 e enviar patrulhas de reconhecimento para M. Balgaro - M. Righeti - Gambarate - C. di Rigone - C. del Costa - elevações a W. de M. Balgaro e Vila D'Aiano; caso essas patrulhas possam atingir os pontos de destino deverão aí permanecer, comunicando sem demora ao R.I. para prosseguimento imediato de operações; limites entre os Btls., inclusive para a perseguição - Vila D'Aiano - cota 738 - estrada para Rosola tudo inclusive para o III Btl.

- Em consequência: -

- O I Btl. enviou patrulhas sucessivamente para 709 - 749 - 799 - 762 - Gambarate - Mº Balgaro - Mº Righeti - cota 860 W. de M. Righeti e ocupou posteriormente os morros Balgaro e Righeti.
- O III Btl. enviou patrulhas sucessivamente para Vila D'Aiano - Cerreti - La Rivola - Monzone - Somelano di Sopra, ocupando posteriormente Monzone - cotas 756 - 788 - La Rivola, continuando a guarnecer suas antigas posições com o valor de 1 Cia.
- 1 Pel. anti-carro entrou em posição na região de Boesca dei Ravari.
- O Pel. de Reconhecimento foi lançado sobre os eixos de Vila D'Aiano - Pullano sem poder prosseguir devido a destruição da estrada.
- Foi feito intenso serviço de limpeza de minas nestes eixos.
- Foram feitos 8 prisioneiros, 4 praças feridas e 1 extraviada.

A 20-IV-45, foi recebida às 00,30 horas, a Ordem Geral de Operações nº 38, da 1ª D.I.E., com a seguinte missão ao R.I.: -

Progredindo na direção geral de VILLA D'AIANO - ROSOLA, capturar as resistências inimigas e, em fim de jornada, já ter reconhecidos os caminhos das vertentes S. do rio MISSANO.

Lu. Lai al

- Atingir os objetivos fixados e deles desembocar mediante autorização da Divisão.
- O R.I. contará com o apoio do III Grupo de Artilharia e o acompanhamento de 1 Cia. de Engenharia e recuperará o II Btl., em Vila D'AIANO.
- Foi expedida a Ordem Geral de Operações nº 20, do R.I., regulando a missão recebida e determinando o seguinte Dispositivo:-
 - III Btl. a W.; I Btl. a E.; II Btl. em 2º escalão sobre o eixo - VILA D'AIANO - ROSOLA. Limites entre os Batalhões:- VILLA D'AIANO - SASSOMELANO DI SOPRA - ROSOLA - CAVELLA - CA NOVA DI SOTTO - CA DI ZANO - CA DI LUCCA - C. BONETTI (tudo incl. para o III Btl.) com as missões:- I e III Btls. - reconhecer particularmente o s eixos da sua zona de ação, imprimindo velocidade na progressão e informando constantemente ao R.I.. - reduzir as resistências encontradas - partida dos objetivos mediante ordem; II Btl. e Cia. de Canhões Anti Carro - deslocam-se pelo eixo VILLA D'AIANO - ROSOLA - mediante ordem; - Cia. de Obuzes - em condições de apoiar o I e III Btls. na conquista dos diversos objetivos.
 - Início do movimento: às 5,30 horas de 20-IV-45.

Em consequência do audacioso movimento de patrulhas, determinado pelo Cmt. do R.I. em sua O.G.O. nº 19, os Btls. ocupavam, às 5,30 horas do dia 20, pontos importantes do terreno, muito além da sua L.P.R.:

Assim o dispositivo, em detalhe, do R.I., na hora de iniciar o movimento para o vale do PANARO, era o seguinte:

I Btl. - a E do dispositivo, com:

- 1ª Cia.: - 1 Pel. em 759 (N de M. RIGHETTI);
 - 1 Pel. em M. RIGHETTI;
 - 1 Pel. em GAMBAROTTI;
- 2ª Cia.: - 1 Pel. em GIACOMELLI;
 - 1 Pel. entre GIACOMELLI e M. RIGHETTI;
 - 1 Pel. em CANOBI;
- 3ª Cia.: - 1 Pel. em M. BALGARO;
 - 1 Pel. na cota 730 a E de M. BALGARO;
 - 1 Pel. em 799 a E de VILLA D'AIANO;

III Btl. - a W do dispositivo, com:

- 7ª Cia.: - 1 Pel. em MANZONE, com um reconhecimento em SOMELANO DI SOPRA;
 - 2 Pel. entre VILA D'AIANO e MANZONE;

- c8ª Cia.: - 1 Pel. em LA RIVOLA; *S. Loia*
2 Pel. na L.P.R., prontos para avançarem
para VILLA D'AIANO;
- 9ª Cia.: - sobre a L.P.R..

II Btl. - ainda não passou ao Cmdo. do R.I.

- C.C.A.C. - 1 Pel. em posição na região de BOCCA DEI
RAVARI;
1 Pel. em posição em LA MOLINELA;
1 Pel. em reserva junto ao P.C. do R.I.;

C. Obuzes. - ligada à Central de Tiro do Grupo de apoio,
está em posição na região de coordenadas -
610.266;

Pel. de Reconhecimento: - foi lançado às 18,00 horas de
19-IV-45, sobre o eixo de VIL-
LA D'AIANO para SOMELANO DI -
SOPRA, não podendo ultrapassar
VILLA D'AIANO em virtude da -
destruição da estrada.

O movimento foi iniciado às 5,30 horas, como estava previsto
e às 7,30 horas a situação era a seguinte:-

- III Btl.: - 7ª Cia. atinge o paralelo 29 (região SOMELA
NO DI SOTTO) e vai partir para L1;
8ª Cia. atinge o paralelo 29
9ª Cia. está em MONZONE

I Btl.: - havia apenas lançado reconhecimento à frente,
mas as Cias. continuavam nos locais atingidos
na noite de 19 para 20.

Às 8,00 horas chegou a 2ª Cia. de Engenharia, para começar a
desobstruir a estrada de VILLA D'AIANO, trabalho que devia ter começado
às 5,30 horas. Esta demora retardou muito o movimento do R.I. para a -
frente e seus reabastecimentos.

Às 8,45 horas o III Btl. atingiu com a 7ª Cia. PESCAROGGIO e
cota 786, a E de PESCAROGGIO bem como M. OSINELO, com a 8ª Cia.; estas
Cias. enviaram reconhecimentos sobre MONTALTO E MOLINACCIO; a 2ª Cia. de 2ª
escalão, a 9ª Cia., está sobre a estrada, na altura de SOMELANO DI SOPRA.

O I Btl., a essa hora atinge VAGLIE com a 3ª Cia. e lança um
elemento para 876 (E de POGGETO); a 2ª Cia. atinge CÁ DI NANDI; a 1ª Cia
atinge CÁ DEL OSTE e envia 1 Pel. sobre BIGANZERA.

Às 11 horas o R.I. ocupou L1 (rio ROSOLA) sem encontrar resis-
tência inimiga e partiu para L2 às 11,30 horas.

S. Loia

Às 12,40 horas o P.C. do R.I. deslocou-se para VILA D'AIANO.
Às 15,30 horas L2 foi ocupada, com:

III Btl.: - 7ª Cia. em CÁ DEL SARTO e CÁ DI FELIPPO;
8ª Cia. entre PRIONDELLI e cota 607 (a W de
CÁ DEL SARTO);

9ª Cia. PESCAROGGIO.

I Btl.: - 1ª Cia. sobre 828 (a E de QUESTIOLA);
2ª Cia. em CASONE (N.E. de M. QUESTIOLA);
3ª Cia. em M. QUESTIOLA.

C.C.A.C.: - em deslocamento para VILA D'AIANO.

A ocupação de L2 foi hostilizada pelo inimigo com fogos de Artilharia e Morteiros.

Às 17,00 horas a D.I.E. deu ordem verbal para fazer avançar o I Btl. para L3, a W de ZOCCA e manter o III Btl. sobre L2, devendo enviar reconhecimentos para a frente.

Dadas as ordens do R.I. neste sentido o I Btl. iniciou o movimento, sendo imediatamente batido por fogos partidos da região de ZOCCA, que detiveram seus elementos da direita.

Às 20,00 horas terminou a reunião do II Btl. em VILA D'AIANO, em reserva do R.I..

Durante a jornada foram feitos 9 prisioneiros.

2) - Combate de ZOCCA:

À 1,00 horas do dia 21-IV-45 o Regimento recebeu ordem verbal de cooperar no ataque a ZOCCA, que o 6º R.I. faria às 7,00 horas de 21. Para isto devia apoiar o ataque com fogos de I Btl. e procurar ocupar S. MICHELE. O restante do R.I. devia manter L2.

Esta ordem foi posteriormente confirmada pela O.G.O. nº 39, de 21-IV-45 da D.I.E., com a diferença de que determinava a ocupação - de MONZALE antes das 7,00 horas de 21, em vez de S. MICHELE.

Em consequência da ordem verbal recebida foi expedida à 1,00 horas de 21-IV-45 a O.G.O. nº 21, de 21-IV-45 do R.I. prescrevendo:

I Btl.:-

- 1) - cooperar com fogos potentes no ataque do 6º R.I. a ZOCCA;
- 2) - cobrindo-se na região de MONZALE, progredir pelos eixos MONZALE - S. MICHELE - MONTALBANO e LA CHIANA (599.318) - CASELINA - MONTALBANO, reduzindo as resistências que encontrar, de sorte a atingir, o mais rapidamente possível, a região de VALDICELA;
- 3) - prosseguir no movimento, mediante ordem, até L4, definida pela transversal: Mº VECCHIO (550.340) - SAMONE (570.354), cuja posse assegurará até a chegada dos demais elementos do R.I.;

S. Coia

4) - esforçar-se para atingir a região de S. MICHELE às 7,00 horas..

III Btl.:- manter a L2; cobrir-se em RONCOBOTO e levar um elemento do valor mínimo de 1 Cia. para a região de VALDICELA, afim de cooperar com o I Btl. na redução das resistências inimigas.

II Btl.:- deverá estar às 7,00 horas articulado na região de ROSOLA, em reserva.

O ataque a ZOCCA foi desencadeado à hora prevista, com o apoio dos fogos do I Btl. e às 9,15 horas de 21-IV-45, chegava a informação de que ZOCCA havia sido ocupada pelo I/6º R.I. e ultrapassada pelos Tanks americanos.

Em consequência às 9,40 horas, o Cmt. do R.I. deu ao I Btl. a ordem de encaminhar todo o Btl., o mais rapidamente possível, pela estrada de S. MICHELE - VALDICELA, donde só devia partir mediante ordem.

A esta mesma hora (9,40 horas) o III Btl. começava a travessia do rio de MISSANO, no ponto cotado 320, ao Sul de VALDICELA, enquanto a Cia. de Obuzes recebia ordem do R.I. de mudar de posição para a região de SOMELANO DI SOTTO.

Às 9,45 horas o Cel. Cmt. do R.I. deslocou seu P.C. avançado para SOMELANO DI SOTTO e às 9,50 horas de 21-IV-45, chega uma ordem verbal da D.I.E., dando ao R.I. missão defensiva, face ao PANARO, entre o rio RIVELLA e o ponto de coordenadas 562-378, apossando-se de SAMONE e Ponte SAMONE, empregando somente 2 Btls..

Esta ordem foi confirmada posteriormente pela O.G.O. nº 40, de 21-IV-45 da D.I.E. que dava ao R.I. a missão de:

- apossar-se, ainda na jornada de 21, da região SAMONE - PONTE SAMONE, capturar as resistências inimigas no eixo GAINAZZO - MINICHELLI e ocupar, face a Oeste, a margem Leste do PANARO, com maior esforço na região da PONTE SAMONE. Cobrir-se face a Leste e ao Norte enquanto o 6º R.I. não atingir o seu objetivo final. Reconceder ativamente a margem Oeste do PANARO.

Em consequência foram dadas as ordens para:

- O III Btl. tomar dispositivo defensivo no quartelão compreendido pelo rio RIVELLA e PONTE DI SAMONE(excl.);
- O I Btl. prosseguir sua marcha para o N. afim de ocupar o seu quartelão, entre PONTE SAMONE (incl.) e ponto 562.378.

Às 12,00 horas o P.C. avançado do R.I., deslocou-se para ROSOLA.

O III Btl. terminou a instalação defensiva às 14,20 horas - com a 8ª Cia. entre IL CASONE e CÁ DI MESIGNI; a 7ª Cia. entre C. FURIA e PIANEZZI. A 9ª Cia. atingiu o rio MISSANO.

Os elementos do I Btl. foram hostilizados por fogos partidos de GAINAZZO, onde reduziram uma resistência e fizeram prisioneiros, mas atingiram os seus objetivos.

Às 17,30 o II Btl., reserva do R.I. atingiu VALDICELA - CÁ - DI LUCCA, onde estacionou.

O P.C. do R.I. deslocou-se, mais uma vez nesta jornada, para MONTALBANO, às 19,30 horas.

A C.C.A.C. passou à disposição da D.I.E. às 22,00 horas de 21-IV-45, para ocupar um sub-quarteirão de cobertura, face ao PANARO, ao Sul do rio RIVELLA.

4ª FASE

PERSEGUIÇÃO

22-IV-45 a 2-V-45

1) - Transposição do PANARO:

Durante o dia 22-IV-45 o R.I. ultimou sua instalação defensiva e lançou fortes reconhecimentos sobre a margem W. do PANARO, que atingiram os pontos de coordenadas 534.324 e 526.351, sem contato. O II Btl. às 13,55 horas recebeu ordem para estar pronto para se deslocar, por conta da D.I.E. à cuja disposição passou nesta hora, para fazer parte do Destacamento Nelson de Mello.

Às 14,00 horas o Pel. de Reconhecimento foi lançado para reconhecer a ponte de SAMONE e a margem W. do rio, mas informou, às 16,00 horas, que a ponte estava destruída e o rio não dava passagem a Jeep. O Pel. atingiu a margem W., sem vestígios do inimigo.

A Cia. de Obuzes mudou de posição para a região de SPOLARINO (590.348).

Só às 14,00 horas do dia 23-IV-45, foi transportado para BAZANO, o II Btl., que aguardava os caminhões, em MONTALBANO, desde às 15,00 horas da véspera.

O II Btl. chegou a BAZANO às 20,00 horas; recebendo ordens para prosseguir para FORMIGENE, que devia ser ocupada e defendida. Às 3,00 horas do dia 24 o Btl. ocupa a cidade.

Os I e III Btls. enviaram patrulhas à margem W. do PANARO, que atingiram CHIGNANO - BENEDELLO e ponto 520384 - MADANA DI BOSQUE, fazendo 14 prisioneiros.

À 24-IV-45 foram recebidas ordens da D.I.E. fixando:

- Missão do R.I.: -

- O Regimento tem a missão de vigiar ativamente o curso do rio PANARO e de estar em condições de lançar-se na direção geral S-N. ou SE-NW., sem perda de tempo.

- Limites do Sub-setor: -

- ao S. - região de BERTOCCHI e ao N. - paralelo 41.

Em consequencia foi expedida a O.G.O. nº 22, de 24-IV-1945, do Regimento Sampaio, que prescreveu:

DISPOSITIVO:-

- um sub-quarteirão ao S. - a cargo da C.C.A.C.;
- quarteirão Centro - I Batalhão;
- quarteirão Norte - III Batalhão.

Limites: - entre o sub-quarteirão e o quarteirão Centro: RIO RIVELLA;
- entre os quarteirões: estrada SAMONE - P. DI SAMONE (incl.) para o I Btl..

MISSÃO DAS UNIDADES:-

- C.C.A.C.+ - ligar-se com o 371 R.I. ao Sul;
 - vigiar ativamente o curso do PANARO, impedindo a travessia de elementos isolados e aprisionando-os.
- I Btl. : - Ligar-se à C. C. A. C.;
 - vigiar ativamente o curso do PANARO, impedindo a travessia de elementos isolados aprisionando-os;
 - ter o grosso do Btl. reunido na região SAMONE MISSANO - POGGIOLINO em condições de, sem perda de tempo deslocar-se para N. ou Para NW.
- III Btl. : - ligar-se ao I Btl.
 - vigiar ativamente o curso do PANARO, impedindo a travessia de elementos isolados aprisionando-os;
 - ter o grosso do Btl. reunido na região W. do MONTE ORSELLO em condições de, sem perda de tempo deslocar-se para o N. ou para NW.
- Cia. de Obuzes: - Sem alteração.

PRESCRIÇÕES DIVERSAS:-

- 1) - execução imediata da presente ordem.
- 2) - O Pel. de Minas e o material da C.C.A.C. devem continuar onde estão, até segunda ordem.

Em consequencia os I e III Btls. foram reunidos respectivamente nas regiões de MISSANO e MONTE ORSELLO, continuando a vigiar ativamente o rio PANARO.

O P.C. do R.I. deslocou-se para GUIGLIA.

Foi enviado um elemento do III Btl., no valor de 1 Cia. reforçada, afim de exterminar um nucleo de resistência alemã na região MONTEBUDELLO.

Prisioneiros feitos pelo Regimento - 12.

Às 15,00 horas do dia 24 o II Btl. recebeu ordem para ocupar a localidade de ARCETO e defende-la. Atingiu essa cidade às 19 horas e estabeleceu seu dispositivo de defesa.

Às 11,00 horas de 25-IV-45, foi recebida, ordem verbal da D. I.E., da qual consta:-

- A D.I.E. continua na sua progressão pelo eixo VIGNOLA - SASSUOLO 4 (Quatro) CASTELO.
- Em fim de periodo de hoje 7 Batalhões devem estar a W. do rio SECCHIO, os mais avançados sobre a estrada 63.
- O 1º R.I. (menos o II Btl.) deverá deslocar-se na jornada de hoje, com seus próprios meios, para a região W. do PANARO, devendo ter no fim da progressão - 1 Btl. na região de MONFESTINO (4642) e outro na região Orat. di MONTE RANAGLIA para S.E..
- O R.I. deverá ter ligação com o 371 R.I. cujo limite de ação passa em SELVA (44.39), CASTAGNETO (52.32) excl.. O Regimento vai atingir a estrada 12;
 - deverá cobrir-se face a S.W. e reconhecer a região de 2 cruzamentos da coordenada 40.43; aprisionar todos elementos inimigos que por ventura ainda se encontram nessas regiões e nas imediações dos locais de ocupação dos Btls.
 - deverá estar pronto para ser transportado amanhã a tarde.

Em consequência, às 14.30 horas foi lançado um reconhecimento para a região de MONFESTINO, atingido às 16,00 horas e às 19,00 horas o Pel. de Reconhecimento foi lançado a frente para ocupar MONFESTINO, fazer a segurança do movimento e reconhecer as estradas a W. e N. de MONFESTINE;

Às 20,20 horas partiu o 1º comboio conduzindo o I Btl.

Neste mesmo dia o II Btl. teve ordem de se deslocar com seus próprios meios para RIVOLTA, que foi atingida às 15,00 horas e ocupada.

No dia 26-IV-45, às 8,30 horas seguiu o restante do I Btl. para MONFESTINE.

Às 10,30 horas e 16,00 horas seguiam os comboios com o III Btl., para Orat. di MONTE RANAGLIA.

Às 14,00 horas o P.C. do R.I. deslocou-se para LE CROCCI e o Pel. de Reconhecimento foi lançado pela estrada 12, para o N., por ordem da D.I.E., sem dever atingir MODENA.

Em fim de jornada a C.C.A.C. atingiu CROCERRA, a Cia. de Obus estacionou em MORANELLO e a Cia. Serviços em S. DALMAZZIO.

Às 3,00 horas do dia 27 foi comunicado pela D.I.E. ao Cmt. do II Btl. ter sido organizado um destacamento, com o nome de Destacamento Sizeno Sarmento, cuja missão era:

- 1) - progredir no eixo FORNOVO - SASSOMAGGIORE - CASTEL D'ARQUATO - CARPANETO - PODENZANO - BORGONOVO - CASTEL S. GIOVANI;
- 2) - reconhecer o inimigo;
- 3) - aprisionar o inimigo que encontrar;
- 4) - ocupar a margem S. do PÓ e reconhecer a margem N.;
- 5) - ligar-se à 34 D.I. americana.

Às 18,00 horas o Btl. atingiu FIDENZA, mas às 17,00 horas o Cmt. Btl. recebeu nova ordem da D.I.E. de deslocamento para SASSOMAGGIORE, onde devia barrar as direções de S., E., W., SW. e SE.. Trizava a ordem que o Btl. devia ser a primeira tropa aliada a entrar em FIDENZA e SASSOMAGGIORE.

Às 13,30 e 17,30 horas do dia 27-IV-45, foram recebidos radios da D.I.E. com as ordens abaixo:

"1º R.I. deverá iniciar hoje transporte para região S.W. FIDENZA. Meios transportes reduzidos. Cmt. D.I.E. lembra cerrado concurso meios R.I.. Btl. transportado primeiro lugar deve ocupar região de SASSOMAGGIORE (825.885)pt. Outro Btl. para região de bifurcação em - 851.912 (pt) Comboio caminhão já seguiu MONFESTINO".

"Em consequência da Ordem 5º Exército nova missão à D.I.E.:-

- Todo Regimento Sampaio vai operar amanhã. II Btl. sendo transportado SASSOMAGGIORE; Os outros dois devem ser transportados e estacionar região FIDENZA (9X9Bis).
- R.I. vai operar para S. e S.W.. Amanhã o R.I. receberá missão.
- Não deverá ultrapassar FIDENZA, cruzamento 9 X 8 bis. Não deixar seguir para SASSOMAGGIORE".

Às 18,00 horas de 27-IV-45, partiu o comboio com o I Btl., - que atingiu FIDENZA, onde permaneceu aguardando ordens de emprego a qualquer momento.

À 28-IV-45 o II Btl. é lançado pela D.I.E. para SASSOMAGGIORE, afim de bloquear todas as estradas vindas do Sul para a via EMILIA, completando, assim, o cerco das forças inimigas em FORNOVO, conforme consta da Ordem Particular de Operações nº 43, de 28-IV-45 da D.I.E.. O III Btl. é transportado para FIDENZA às 3,00 horas de 28-IV-45 e às 11,00 horas o P.C. do R.I. era instalado nessa cidade.

2) - Ocupação de PIACENZA e passagem do PÓ:- *L. biad*

Entretanto o I Btl., que havia chegado a FIDENZA na madrugada do dia 28-IV-45, foi lançado, pela D.I.E., para PIACENZA, com a missão particular, que lhe foi dada, de ocupar as orlas S. da cidade, cobrir-se a W. e barrar a retirada inimiga do Sul para o rio PÓ, substituindo o II/371 Reg. americano. Patrulhas motorizadas do Btl. buscaram fazer prisioneiros num raio de 20 Km.

Às 12,00 horas o II Btl. terminou seu deslocamento para SASSOMAGGIORE e às 16,00 horas envia uma Cia. reforçada para CASTEL D'ARQUATO, que é ocupada às 19,00 horas.

Às 13,00 horas é recebida ordem verbal da D.I.E., da qual consta:-

- 1) - O I Btl. vai operar hoje isoladamente do R.I., já devendo ter substituído elementos da 34ª D.I. no rio PÓ;
- 2) - O R.I. (menos o I Btl.), tem a seguinte missão:-
 - Bolquear em SASSOMAGGIORE a estrada nº 9 Bis, - lançando nesta estrada reconhecimentos profundos, particularmente estrada 9 Bis.
 - Lançar reconhecimentos profundos na estrada FIRENZE - LA GAGNANO - VERNASCA (Tais reconhecimentos se destinam a verificar a presença de elementos em fuga, saber a orientação das suas colunas e capturar elementos inimigos.
 - Conservar o restante do R.I. na região de FIDENZA em condições de atuar ao S. da Estrada nº 9 e também em condições de se deslocar para a região de PIACENZA.
 - Colunas desorganizadas do inimigo tentam atravessar o PÓ pelos eixos que de S. conduzem a estrada nº 9.

Desta sorte o II/Btl. retornou ao Cmdo. do R.I., continuando com a missão anterior e o III Btl. foi conservado em reserva, em FIDENZA.

A C.C.A.C. teve ordem do R.I., a 28-IV-45, de deixar seu material (canhões e munição) no P.C. da D.I.E. em MONTECCHIO, passando a agir, daí por diante, como Cia. de Fuzileiros.

Neste mesmo dia 28, foi recebida ordem da D.I.E., para o R.I. destacar um Pel. para o P.C. do IV Corpo, em CASTIGLIONE, afim de tomar parte, como representante da F.E.B., na ocupação simbólica de MILÃO.

Coube ao II Btl. fornecer esse elemento.

Às 22,00 horas de 28-IV-45, foi recebida a Ordem Particular de Operações nº 45, da D.I.E., com a seguinte missão para o R.I.:-

- L. Vieira*
- O R.I. (menos o II Btl.) deverá manter a margem Sul do rio PÓ, estabelecendo sua posição desde a região de PIACENZA até a de CAORSO, tendo em vista impedir que o inimigo passe para o Sul deste curso. Deverá barrar a retirada inimiga, do Sul para o Norte, nas estradas que vão ter à região de PIACENZA.
 - Lançará fortes e ativos reconhecimentos na margem Norte do rio PÓ, esforçando-se por ocupar as localidades de CASALPUSTERLENGO, CADDONO, PIZZIOGLIETONE. Ligar-se ao II/11º R.I. na região de CAORSO. Cobrir-se-á face a Oeste.
 - O I Btl. do Regimento já se encontra na região de PIACENZA. Os demais elementos do Regimento (menos o II - Btl.) serão transportados na jornada de 29, a partir das 5,00 horas (vêr Plano de Transporte da 4ª Secção).
 - Entrada imediata em posição.
 - O P.C. do Regimento sobre a Estrada nº 9, em PONTENURE, ou mais a Noroeste.

Em consequencia foram expedidas ordens particulares do R.I., prescrevendo:

- ao III Btl., às 23,30 horas:
 - DISPOSITIVO:
 - I Btl. face a W. e SW.
 - III Btl. face ao N.
 - Limite entre os Btls.: PIACENZA inclusive para o I Btl., que já ocupa a cidade.
 - MISSÃO DO III BTL. (menos 1 Cia. Fuz.)
 - 1) - ocupar a margem Sul do rio PÓ, desde PIACENZA (excl.) até CAORZO (incl.);
 - 2) - impedir que o inimigo passe para a margem Sul;
 - 3) - lançar fortes reconhecimentos sobre CASALPUSTERLENGO, CADOGNO e PIZZIOGLIETONE, que se esforçará por ocupar;
 - 4) - ligar-se ao II/11º R.I., em CAORSO.
- ao I Btl., às 0,35 horas de 29-IV-45:
 - "além das estradas que já está guardando, deverá deslocar um elemento para a região de CARPANETO (68.00) e bloquear as estradas que aí vão ter, vindas do Sul. Deve procurar ligação com o II Btl. do 1º R.I., na região de CLAMINATA (71.99), às 6,00 horas, 10,00, - 15,00 e 19,00 horas".
 - O III Btl. deslocou-se para E. de PIACENZA, ocupando a margem S. do rio PÓ, donde enviou reconhecimentos que atravessaram este rio, penetrando profundamente em margem N., atingindo as localidades de ISOLA - S.

STEFANO - CODOGNO - CASALPUSTERLENGO - PIZZIOGLETONE - MALÉO - CORNO e outras.

O III Btl. iniciou seu deslocamento para cumprir a missão acima às 9,00 horas do dia 29-IV-45, quando o P.C. do R.I. também se deslocou para PONTENURSE, sobre a estrada nº 9. Ainda a 29-IV-45, o I Btl. ocupou a cidade de PIACENZA, com 1 Cia. Fuz. e Pel. metr..

Às 2,00 horas de 29-IV-45, a C.C.A.C. chegou a FIDENZA, seguindo, logo após, para PONTENURE, onde acantonou às 10,00 horas.

A Cia. de Obuzes deslocou-se para TRE REZZE (663.125), onde entrou em posição, em condições de apoiar os I e III Btls..

A Cia Serviços acantonou pela madrugada em FIDENZA.

A ocupação dos pontos determinados nas ordens acima foi feita sem incidentes e sem intervenção do inimigo, que, ao contrário, deixava-se aprisionar em grande número, sem resistência.

Só no dia 29-IV-45, foram capturados, 293 prisioneiros, o que levou o R.I. a organizar um campo de reunião de prisioneiros, em FIDENZA, sob a guarda da 7ª Cia., reserva do R.I.. Posteriormente a C.C.A.C. tomou a seu cargo esta guarda.

Às 18,00 horas de 29-IV-45, o III Btl. enviou patrulhas para o N. do rio PÓ.

Essas patrulhas atravessaram o rio em Jeeps, sobre uma balsa e vasculharam as localidades de ISOLA - S. STEFANO - CODOGNO - CASALPUSTERLENGO - PIZZIOGLETONE - MALÉO - CORNO e outras, sem encontrar vestígios do inimigo. Tais patrulhas foram recebidas com palmas e flores pela população civil. Regressaram às 21,00 horas, quando também apresentou-se ao R.I., o Cmt. de uma Cia. Eng. do Btl. de Eng. da F.E.B., com a missão de auxiliar os elementos do R.I., na travessia do rio PÓ. Tal travessia, entretanto, já havia sido feita pelas patrulhas do III Btl., antes da chegada da Cia. Eng..

A 29 e 30 de Abril verifica-se a rendição da 148 Divisão Alemã e do restante de uma Divisão Italiana, operação para a qual o II Btl. do Regimento Sampaio cooperou, como se vê adiante.

No dia 29, por solicitação do Cap. Boby, oficial de ligação do Exército americano com os "partisanos" de REGIO EMILIA e em consequência de entendimentos havidos entre o Cmt. do II Btl., aquele Cap. americano e o Cmt. dos partisanos, foi organizada, com a tropa do II Btl., um Destacamento, comandado pelo Cap. Celestino Nunes de Oliveira, com a missão de ocupar VARANO DI MOLIGARI e barrar a estrada que vinha de FORNOVO, impedindo a fuga do inimigo.

Às 16,30 horas, o Destacamento atinge VARANO DI MOLIGARI. O Cap. Celestino entra em entendimentos com o Cmt. Riqueto, partisano, de quem soube quais as posições ocupadas pelos alemães e de sua intenção de renderem-se a uma tropa aliada regular.

Diante disso o Cap. Celestino faz redigir um ultimatum ao Cmdo. alemão, assim concebido:

"DESTACAMENTO BRASILEIRO

Séde em VARANO, em 29-IV-45.

Do Comdo. Brasileiro

Ao Comdo. Germanico em FORNOVO.

V. L. L. L. L.

*Este episódio é uma consequência natural
do fato de se deixar decidido entre os dois comandos -
Brasileiro e alemão - as zonas das duas frentes
e nove de Abril de 1945*

*General Mascarenhas de Moraes
Comda 1º S. G. E.*

I - O Comdo. Brasileiro que, em colaboração com o Comdo. Partisano ocupou VARANO DI MOLIGARI, envia-vos o seguinte ultimatum:

- a) O Comdo. Brasileiro oferece-vos segurança completa e convida o Comdo. Germanico a render-se com sua tropa;
- b) O Comdo. Brasileiro assume inteira responsabilidade de quanto ao tratamento que será prestado à tropa Germanica, no caso de rendição incondicional. Serão tratados como prisioneiros de guerra, dentro dos princípios das convenções internacionais.
- c) O Comdo. Germanico deve enviar ao Comdo. Brasileiro, com séde em VARANO DI MOLIGARI, um parlamentar, afim de assentar os detalhes para a rendição. O mensageiro deve vir em viatura conduzindo bandeira branca e deverá chegar a VARANO DI MOLIGARI às 21,30 horas de hoje, 29 de Abril.

II - Aguardamos o regresso do mensageiro às 21,00 horas.

(a) Celestino Nunes de Oliveira.

Cmt. do Destacamento Brasileiro.

Após o envio deste ultimatum o Cap. Celestino dirigiu-se a uma posição de partisanos, onde encontrou 1 oficial do 6º R.I. e 2 oficiais germanicos que tinham vindo entrar em entendimentos para cessar fogo, à vista de estar a rendição germanica já assentada com o Comdo. Brasileiro. O Cap. Celestino fez cessar fogo e entendeu-se com o Cmt. do III/6º R.I., a quem expôs a situação e o que estava feito. Deste entendimento ficou assentado que o Destacamento Cap. Celestino continuaria com a missão de barrar a estrada FORNOVO - VARANO, não permitindo a intervenção dos partisanos no ato da rendição. Em seguida o Cap. Celestino teve entendimento com o Cmt. da D.I.E. em COLECCHIO.

No dia 30 às 9,00 horas o Destacamento deixou VARANO de acordo com ordens recebidas e regressou a SASSOMAGGIORE.

Às 4,50 horas do dia 30-IV-45 é recebida uma ordem da D.I.E. suspendendo todo movimento ao N. do rio PÓ, porque aí iria operar a 34 D.I. americana. Todos os elementos de tropa brasileira deveriam permanecer ao S. do referido rio, Entretanto, às 15,50 horas o R.I. recebeu uma mensagem direta do IV Corpo para transmiti-la à D.I.E., determinando que a tropa brasileira protegesse o lançamento de uma ponte sobre o PÓ, na região de PIACENZA, o que determinou o estabelecimento de uma cabeça

S. Cordeiro

de ponte ao N. do rio, que foi feita pela 7ª Cia. do III/1º R.I.

No dia 30-IV-45, foram capturados 367 alemães.

A 1-V-45, foi recebida a O.G.O. nº 49. de 30-IV-45, da D.I. E., pela qual foi constituído um Grupamento de forças, sob o nº 1, - composto do 1º R.I., II Gr. Art. e 3ª Cia. Eng., com a seguinte missão:

Na região de PIACENZA, deverá capturar elementos inimigos em retirada do Sul para o Norte e do Norte para o Sul. Na margem Norte do Rio Pó, estabelecer uma cabeça de ponte, afim de proteger a construção de uma ponte na região de PIACENZA.

A S.W. de FIDENZA, de ALSENO, barrar os elementos inimigos em retirada vindos do Sul. Reconhecer ativamente a presença do inimigo nas estradas que vão ter as regiões entregues ao Grupamento. Capturar os elementos inimigos encontrados.

Em consequência foi expedida a O.G.O. nº 23, de 2-V-45, do R. I., que manteve as missões dos I e II Btls. (que retornaram ao Cmdo. do R.I.) e deu ao III Btl. a missão de :

Dispondo da 7ª Cia., deverá além de sua missão anterior, estabelecer imediatamente uma cabeça de ponte ao N. do rio Pó, afim de proteger a construção da ponte na região de PIACENZA. Esta cobertura deve ser estabelecida na linha geral GUARDAMIGLIO - CHIAVICONE, barrando as estradas que conduzem à região de PIACENZA e substituirá os elementos do I Btl. aí empregados.

Os Batalhões devem continuar a reconhecer ativamente a presença do inimigo, nas suas respectivas regiões e nas estradas que a estas conduzem, capturando os elementos inimigos encontrados.

C.C.A.C.: - como Cia. de Infantaria, em reserva do R.I..

Cia. de Obuzes: - Sem alteração.

A 1º-V-45, foi expedida a Ordem Particular nº 8, ao III Btl., para enviar diariamente reconhecimentos sobre os eixos principais que, de PIACENZA se irradiam para o N., até as regiões de LODI, MONTODINE e SORESINA, vasculhando, também, a região cortada pelos eixos secundários. Capturar os elementos inimigos que forem encontrados. O Cmt. da D.I.E. recomenda todo esforço na captura dos elementos isolados, mesmo a pazana, que se ocultem na região. Foram feitos 152 prisioneiros.

Ainda neste dia seguiu para Alessandria 1 Pel. da C.C.A.C., escoltando 1 Pel. de Tanks americanos.

A 2-V-45, regressou de Alessandria o Pel. da C.C.A.C. e foi recebido o complemento à O.G.O. nº 49, pelo qual o Exmo. Snr. General Cordeiro de Faria foi designado Cmt. do Grupamento nº 1, devendo assumir o Cmdo. às 21,00 horas de 21, com P.C. em PIACENZA.

Os reconhecimentos do III Btl. atravessaram o rio Pó e penetraram nas cidades de LODI, MONTEDINE e SORESINA.

6º PERÍODO

(3-V-45 a 26-VI-45)

S. L. G. 1945

DISPOSITIVO DE OCUPAÇÃO:

A 3-V-45 foi recebida a O.G.O. nº 50, da D.I.E., que mantém, em essência, a missão anterior do Grupamento e restringe sua área de ocupação.

Por ordem verbal do Cmt. do Grupamento o II Btl. deve se manter na região de SASSOMAGGIORE.

O dispositivo de ocupação era o seguinte:

- I Btl. - ocupando a cidade de PIACENZA - S. GIORGIO - PODENZANO - CASSOLANCO, barrando as estradas que do Sul se dirigem para esta cidade. P.C. em S. POLO (54.07);
- II Btl. - ocupando SASSOMAGGIORE e CASTELL ARQUATO e barrando as estradas que do Sul vão ter a estrada 9 - (via EMILIA). P.C. em SASSOMAGGIORE (82.88).
- III Btl. - mantendo a margem S. do rio PÓ entre PIACENZA e CAORSO e com uma cabeça de ponte ao N. de PIACENZA. P.C. em RONCAGLIA K(69.14):
 - Cia. de Obuzes - TRE RAZZE (K-6612).
 - Cia. de Canhões A.C. - PONTENURE.
 - Cia. de Serviços - S. LAZZARE K (63.14):
 - P.C. do R.I. em PONTENURE K (68.09).
 - Foram feitos 33 prisioneiros, 2 praças feridas.

A 6-V-45, em consequência de ordem verbal ao Cmt. do Grupamento nº 1, foi retirado a Cia. do I Btl. que ocupava a cidade de PIACENZA, acantonando em TURRO e o III Btl. retirou a Cia. que fazia a cabeça de ponte ao N. de Piacenza, a qual acantonou em RONCAGLIA.

No período de 3 a 7 foram feitos 489 prisioneiros, o que perfaz um total de 1.718, aprisionados pelo R.I. durante a Campanha da Itália.

A 8-V-45, foi recebida a Ordem Geral de Operações nº 51, da 1ª DiI.E., reorganizando o dispositivo e passando o R.I. para o Comando da I.D..

Foi recebida a missão de:

- Todas as tropas deverão destruir ou capturar quaisquer elementos inimigos que venham ter à zona do seu estacionamento ou às suas proximidades.
- O 1º R.I. deverá guardar a ponte sobre o rio PÓ, construída ao Norte de PIACENZA.

A 9-V-45, foi expedida a Ordem Geral de Operações nº 24, do R.I., regulando a missão recebida na véspera.

Foi dissolvido o Grupamento nº 1, que estava sob o Cndo. do Exmo. Snr. General Cordeiro de Farias.

A 10-V-45, o P.C. do R.I. e a Cia. de Canhões A.C. deslocaram-se para PIACENZA. *11.6.45*

Nos dias 11 e 12-V-45, o II Btl. deslocou-se da região de SASSOMAGGIORE para a cidade de PIACENZA.

A 18-V-45 era a seguinte localização das tropas:

- I Btl. - Reunido e acantonado na região de S. POLO.
- II Btl. - Acantonado na cidade de PIACENZA.
- III Btl. - Reunido e acantonado na região de RONCAGLIA.
- Cia. de Obuzes - TRE RAZZE.
- Cia. Canhões A.C. - PIACENZA;.
- Cia. Serviços - S. LAZZARO
- P.C. do R.I. - em PIACENZA.

De 18 a 29-V-45, foi ministrada instrução ao R.I., de acordo com a Nota de instrução nº 14 e seu aditamento de 7-V-45, da 1ª D.I.E..

A 21-V-45, foi recebida a Ordem Particular de Operações nº 49, da 1ª D.I.E., determinando que a guarda da ponte sobre o rio PÓ, ao N. de PIACENZA, passará a cargo das tropas americanas.

Em consequência foi expedida a Ordem Particular nº 9 ao III Btl., regulando o assunto acima.

A 30-V-45, houve revista e desfile do R.I. com a presença - Exmos. Snrs. Gens. Cmts. da D.I.E., I.D. e A.D..

Seguiu-se um almoço de confraternização a que compareceram - todos os oficiais do R.I., oficiais do E.M. da D.I.E. e os Generais citados. Foram também convidados para as solenidades o Governo Militar aliado, o Major TOWN de PIACENZA e o Cmt. da Sub-Area nº 3.

ÚLTIMOS DESLOCAMENTOS

A 2-VI-45, foi recebida a Ordem Preparatória nº 1, da D.I.E., alertando sobre o deslocamento da D.I.E. para a área de FRANCOLISE, a partir do dia 7, onde deverá aguardar regresso ao BRASIL.

Foi expedida ordem verbal alertando o R.I..

A 4-VI-45, foi recebida a Ordem Geral de Movimento, da D.I.E., regulando o deslocamento para a área de FRANCOLISE.

A 5-VI-45, foi expedida Ordem Preparatória do R.I. sobre o - deslocamento para FRANCOLISE:- O deslocamento será feito em 3 etapas, bivacando a tropa durante a noite em - 1ª parada LIVORNO - 2ª parada - CIVITAVECCHIA.

A tropa será transportada pelos meios próprios reforçados pelos da Cia. de Intendencia.

O R.I. deverá levar, para consumo durante a viagem, 4 dias de ração de reserva.

Pontos de reabastecimento de gasolina: VOGHERA - LIVORNO - PIOMBINO - ROMA.

h. leia

Partida:- I Btl.: dia 15; II Btl.: dia 16; III Btl. e órgãos regimentais: dia 17.

A 12-VI-45, em consêquência de ordens verbais recebidas da D. I.E. que modificaram a Ordem Geral de Movimento da 1ª D.I.E., do dia - 3-VI-45, foi expedida a Ordem Preparatória nº 10, ao I Btl., regulando o deslocamento do 1º Grupamento sob seu Comando, para a área de FRANCOLISE, a partir do dia 14.

A 13-VI-45, foi recebida a Ordem Particular de Operações nº 55, da 1ª D.I.E., determinando o deslocamento do R.I. em escalões que deverão partir dia 14, 15 e 17, para a área de FRANCOLISE.

Foi expedida a Ordem Geral de Operações nº 25, do R.I., regulando o deslocamento do R.I..

A 14-VI-45, o R.I. iniciou o deslocamento de PIACENZA para a região de NAPOLES.

Seguiram os estacionadores do R.I. (chefe Dest. Saúde Reg. - S/1 do R.I. e dos Btls. - 45 praças), atingindo a zona de FRANCOLISE a 16, iniciando trabalhos de preparo do estacionamento.

Seguiram:- o I Btl. - órgãos Regimentais e 260 homens do II Btl. que foram transportados em caminhões, estacionando - a 15, em Tenuta de S. ROSSORE, próximo a PISA. Este Grupamento embarcou a 16 em LIVORNO, via marítima, desembarcando a 17 em NAPOLES, donde seguiu para FRANCOLISE onde acampou ainda a 17.

Nesta mesma data seguiu o E.M. do R.I., via terrestre, atingindo FRANCOLISE a 16.

A 15-VI-45, partiu da área de PIACENZA o III Btl. transportado em caminhões até BOLOGNA onde embarcando via ~~ferrea~~ atingiu a 17 a área de FRANCOLISE onde acampou.

A 17-VI-45, seguiu de PIACENZA o restante do II Btl., transportado em caminhões até BOLOGNA, donde, por via ~~ferrea~~, atingiu a 19 a área de FRANCOLISE onde acampou.

Nesta data o P.C. do R.I. passou a funcionar em FRANCOLISE, onde o Regimento Sampaio aguarda transporte para regressar ao BRASIL.

A 11 de Agosto de 1.945, o Regimento Sampaio embarcou, em - NAPOLES, a bordo do navio transporte americano "MARIPOSA", aportando ao Rio de Janeiro a 22 de Agosto.

Após o desembarque e o desfile, realizado às 14 horas de 22-VIII-45, recolheu-se o Regimento ao seu quartel na Vila Militar, onde, a partir de 24-VIII-45, começaram os trabalhos de desmobilização da tropa.

4ª P A R T E

h. Vieira

OBSERVAÇÕES GERAIS

As operações realizadas pelo Regimento Sampaio, durante a Campanha da Itália, no decurso da Segunda Grande Guerra Mundial, sugerem os comentários abaixo, que a experiência e a observação cimentaram em seis meses de ação ininterrupta na linha de frente.

É verdade que o Regimento, como em geral a F.E.B., não trouxe da Campanha uma experiência completa.

Embora nossas operações tenham tido um cunho de grande intensidade, exigindo, de todos, esforços sem conta e dando-nos salutar ensinamentos, não percorreram elas toda a escala tática. Limitaram-se à defensiva, ao ataque e à persiguição.

Não fizemos aproximação, nem precisamos buscar contato com o inimigo, para combatê-lo. Ele já estava em posição defensiva, à nossa frente, quando entramos em linha, durante um tempo de parada na manobra ofensiva dos Exércitos aliados.

Não suportamos, também, nenhuma ação ofensiva de vulto; não experimentamos o poderio blindado alemão, nem a ação em massa dos seus aviões e paraquedistas. Os gases não tiveram emprego nesta guerra.

As ações inimigas se limitaram a ataques locais, feitos por Grupos de choque, que, embora agissem com inaudita violência e ferocidade, não tinham objetivo profundo.

A F.E.B. foi encontrar um inimigo já decadente no seu conjunto, encurralado em sua jaula, incapaz de um esforço de grande porte, - sem forças para tentar novos golpes espetaculares.

Não quer isto dizer que estivesse, na frente da Itália, proporcionalmente fraco, nem menos ardoroso. Não possuía porém, a potencialidade indispensável a operações ofensivas de vulto.

Na defensiva, como se encontrava, era, porém, mestre no uso de suas armas e no disfarce das posições.

Mantinha o terreno com denodo e tenacidade, como o provam as investidas infrutíferas contra o Monte Castelo e o número de baixas, - que aí sofremos.

Por estas razões nada podemos dizer acerca das ações ofensivas potentes do inimigo, nem como a nossa tropa se portaria, diante delas.

Apenas nos julgamos em condições de expressar o que observamos sobre o material, seu emprego e processos de combate usado na nossa frente, bem como sobre a nossa conduta e os nossos meios.

A) - Com referência aos alemães:-

N. B. ...

I) - Elemento humano:

Era de primeira ordem.

Fanático, no ponto de vista nacionalista e racista, o soldado alemão nasceu e cresceu sob uma mentalidade de guerra e de revanche, herança dos seus antepassados, cuidadosamente orientada e explorada pelos dirigentes nazistas.

Ao seu preparo físico e psicológico completo acrescentou um conhecimento perfeito da técnica militar e um sentimento do terreno digno de admiração.

Por isto o adversário que enfrentamos era considerado um dos melhores, quicá o melhor soldado do mundo, constatação que mais exalta a nossa participação no conflito, decidida quando a sorte das armas - ainda o bafejava.

II) - Material:

1) - na nossa frente os alemães empregaram:

- o fuzil Mauzer
- a metralhadora de mão
- pistolas de diversos tipos
- o fuzil semi automático
- a metralhadora leve
- a metralhadora pesada
- a metralhadora anti-aérea de 1, 2 e 3 canos
- o morteiro de 60 m/m
- o morteiro de 81, 107 e calibres maiores
- canhão 88 e de calibres maiores
- granadas de mão e de fuzil
- basoukas de 2 tipos: um pequeno, cujo tubo era ao mesmo tempo cartucho e outro sensivelmente igual ao americano, mas de calibre maior.

Empregaram projetis explosivos, fumigenos e incendiarios e, no S/setor do MARANO lançaram uma ocasião, projetis de NEBEL WERBER e outros de propaganda.

2) - apreciação técnica sobre o armamento e seu emprego:

- fuzil Mauzer:- de 7 m/m de calibre, já é nosso conhecido e é de qualidade superior ao fuzil Springfield americano.

- metralhadora de mão:- semelhante à usada por nós é uma arma leve, portatil e de grande potencia de fogo. Com as granadas de mão, era largamente usada pelas patrulhas alemãs e pelos Grupos de choque, que atacavam nossas linhas.

H. G. 1949

- pistolas e fuzil semi automáticos:- não temos apreciação a fazer. São semelhantes aos correspondentes americanos.

- a metralhadora leve, jocosamente apelidada por um soldado nosso de "Lourdinha", é uma arma excelente.

De 7 m/m de calibre e de fácil manejo e tem uma velocidade de tiro muito superior à metralhadora leve americana. Era a arma que causava respeito no campo de batalha. Quando ela começava a atirar todos se abrigavam. Seu ruído era característico, perceptível ao longe e impressionava fortemente.

À guiza de "historia" relatamos aqui que a designação de "Lourdinha", surgiu da semelhança encontrada por um soldado nosso entre o ruído da arma alemã e a noiva que deixara no Rio a qual, por ter o hábito de falar muito e muito depressa, parecia uma metralhadora.

Era a arma da defensiva, ao lado dos morteiros, habilmente manejados.

Com o sentimento profundo do terreno que os alemães possuem, tendo tido sempre tempo suficiente para preparar suas posições, colocaram suas metralhadoras em locais, donde pudessem bater fortemente as zonas eleitas para a progressão contra suas linhas.

Servidas e manejadas, essas armas, por homens conscientes da sua missão e que não se arreceiavam de serem cercados e mortos, só abriam fogo quando a nossa tropa estivesse a uma distância mínima da posição inimiga.

Deixavam os alemães que avançassemos. Nenhum indicio eles davam, de possuir uma metralhadora ali adiante, enquanto os homens pudessem evitá-la e assinalá-la aos nossos morteiros.

De repente ela abria fogo. É que os homens não podiam mais escapar. E os que não fossem logo atingidos ficavam de tal forma colados ao terreno que nem podiam identificar donde partia o tiro.

Deste modo os alemães mataram Grupos de Combate inteiros, na escalada de MONTE CASTELLO, a 12-III-44.

Os corpos desses companheiros, nós os fomos encontrar, enterados na neve, no mesmo dispositivo em que avançavam contra C. VITELLI-NE,

- da metr. pes. e da anti-aérea nada temos que referir.

- os morteiros de 60 eram identicos aos nossos e, como estes, não muito precisos no seu tiro.

- já os morteiros de 81 eram ótimos e soberbamente manejados pelos alemães.

Arma de grande rendimento, cujo projétil era muito potente, o morteiro de 81 foi considerado mais perigoso que a própria Artilharia Alemã. Seu projétil não sibilava no espaço, como o da Artilharia.

Era por isso, mesmo, traiçoeiro. Só nos últimos metros da trajetória fazia forte ruído, mas já não havia tempo para ninguém se a

brigar.

Para empregá-lo, lançavam mão, os alemães, da observação cruzada, que dava, com precisão bastante grande o local do objetivo.

Além disto, em regra, não atiravam com as peças situadas na frente do objetivo a bater. Utilizavam peças colocadas lateralmente, o que dificultava sobremodo a nossa observação. Davam poucos tiros com uma peça que, em seguida ficava calada, enquanto outras atiravam.

Dispunham de uma rede de transmissão muito boa, de sorte que o emprego de seus morteiros era preciso e oportuno.

Desta forma tinham possibilidade de fazer concentrações poderosas, que constituíram barragem intransponível no ataque de 12-XII-44 a MONTE CASTELLO, a um dos nossos Btls.

O morteiro alemão era de calibre um pouco maior que o - nosso.

Apreendemos várias dessas armas e as empregamos, com a nossa munição, contra os tedescos. Entretanto a munição alemã não entrava no nosso morteiro.

- o canhão de 88, devido à tensão de sua trajetória, fazia o tiro direto sobre nós. Não há o que assinalar, de especial nessa arma.

- quanto às granadas de mão e de fuzil, dispunham os alemães de vários tipos. Um entretanto, era bem interessante e prático, porque servia indiferentemente para ser lançado à mão ou com o fuzil, o que não acontecia com o americano. Eramos obrigados a remuniçiamen- to mais difícil. O efeito das granadas é semelhante ao das nossas.

- os alemães empregavam dois tipos de "basoukas":

- um, pequeno, muito menor que o nosso, cujo tubo servia também de cartucho; outro sensivelmente igual ao nosso, embora de calibre maior. Ambas essas armas eram de grande potencia, mas não foram usadas prodigamente.

3) - Minas:-

Os alemães empregaram largamente as minas anti-carro e anti-pessoal, além de armadilhas (boob trap) em profusão. São de variados tipos os engenhos deixados no nosso caminho, pelos alemães, que lançavam mão dos ardís mais inteligentes para ludibriar-nos. E inumeras vidas assim nos roubaram.

4) - Defezas accessórias:-

Não foram encontrados na nossa frente, nem fossos, nem redes de arame, salvo redes baixas em certos trechos.

S. L. G. 1

5) - Artificios:- os alemães empregavam artificios de sinalização identicos aos nossos, como sejam foguetes de estrela vermelha ou verde, lagrimas de diversos números e cores etc... Este fato causava - confusão, como aconteceu a 12-XII-44, no ataque fracassado a MONTE CASTELLO, mas não podemos afirmar que os alemães os empregaram com este - objetivo, ou si, com eles sinalizavam normalmente para a retaguarda.

6) - Carros blindados:- não foram empregados na nossa frente, salvo em 1 ou 2 ocasiões, sobre o MONTE CASTELLO, com Artilharia Blindada (T.D.). Identificadas pela nossa observação, foram alvo dos nossos projetís e desapareceram.

7) - Gases de Combate:- em nenhuma ocasião foram empregados - contra nós.

8) - Viaturas:- como já tivessemos surpreendido os alemães - em quasi completa penuria de combustível, não empregaram eles, na nossa frente, viaturas auto, salvo as ambulancias da Cruz Vermelha, que - trafegavam de dia, livremente, sem serem alvo das nossas armas. Apesar das reiteradas denúncias, de italianos fugitivos, de que os alemães utilizavam as ambulancias para transporte de munição e viveres, nunca - foram molestadas por nós, que assim obedeciamos ao estatuido nos convenios internacionais.

9) - Seus uniformes eram de lã verde oliva e visivelmente iguais aos nossos. Por esta razão, algumas vezes houve confusão por parte dos americanos, que, de longe, nos julgavam tedescos e, trataram-nos como tal.

10) - Os alemães usavam como distintivo da Cruz Vermelha, uma especie de tunica ou avental branco, comprido, que cobria a frente e as costas dos enfermeiros e padioleiros, até abaixo dos joelhos, sobre o qual pintavam uma grande cruz vermelha. Tal fardamento era facilmente visível ao longe, ao contrário das nossas insignas, que eram muito pequenas.

III) - Processos de combate:-

1) - Ofensivos:-

Como já referimos, não tivemos ocasião de sofrer a ação ofensiva potente do inimigo. Não temos, pois, experiência dos seus processos de combate na aproximação, no engajamento ou no ataque.

Apenas experimentamos a ação de suas patrulhas de reconhecimento e de seus golpes de mão, de maior ou menor intensidade.

a) - Patrulhas de reconhecimento:

- Em regra não tinham a missão de combater. Compunham-se de 4 ou 5 homens, que buscavam observar os nossos movimentos, colher informações, ou fazer prisioneiros. Agiam largamente disseminados no terreno e não raras vezes provocavam os nossos homens, atirando contra as nossas linhas. Queriam, assim, que nos revelássemos, ou que caíssemos em sua armadilha. Não tinham, entretanto, os alemães grande necessidade de utilizar este meio para obterem informações, já que eles ocupavam sempre posições dominantes, estabelecidas com grande antecedência. Tais patrulhas serviam mais de engodo. Si faziamos sair tropa, para tentar o aprisionamento desses homens, era certo verem-se os nossos

ameaçados de cerco, ppr outro grupo alemão, bem colocado e até então não revelado. *L. B. 1947*

b) - Golpes de mão:

- Várias vezes tentaram os alemães ações ofensivas violentas contra a nossa frente. Eram sempre, porém, ações locais, com objetivo e tropa limitadas. Revestiam a forma de golpes de mão, em regra precedidos por fortíssima preparação de Artilharia e Morteiros. - Eram feitos por grupos de choque, constituídos por fanáticos tedescos, que variavam de 30 homens até 3 Cias., como ocorreu na noite de 22-XI-44, na TORRE DI NERONE, frente à 7ª Cia.. Dividia-se o grupo em um escalão de reconhecimento e um escalão de choque, todos fortemente armados com metralhadoras leves, metralhadoras de mão e granadas de mão. Agiam com grande rapidez e violencia. Atiravam-se contra as nossas linhas - com incrível ferocidade, chegando, quasi sempre à luta de granada de mão e ao corpo a corpo. Buscavam envolver uma pequena parte da frente, e infiltrando elementos pelos flancos. Tais ações ocorreram sempre à noite, talvez devido à nossa superioridade aérea, que facilmente assinalava quaisquer movimentos de dia. Manifestavam grande impetuosidade, muita disciplina, ótimo aproveitamento do terreno e escolha do objetivo. Segundo informação prestada por um sargento alemão, aprisionado - por nós, estes grupos de choque não eram tirados da tropa ocupante da primeira linha. Eram elementos especiais, existentes nas Cias. e Btls., cuja missão unica era esta. Preparavam-se minuciosa e objetivamente a retaguarda e, à noite, aproximavam-se e ultrapassavam seus primeiros elementos.

2) - Defensivos:-

Embora seu Exército e seu poderio tivessem sido criados visando a ofensiva (porque só ela dá a vitoria), manifestavam-se - os alemães mestres na arte de defender um trato de terra e nele economizar efetivos. Dispondo de vasto território à sua retaguarda, constituído de terreno extremamente movimentado e variado, puderam eles, recuando mais ou recuando menos, estabelecer suas linhas defensivas em terreno favoravel à sua ação, sob todos os aspectos. Fomos encontrarlos montados em uma linha de alturas, que formavam um verdadeiro anfiteatro, do qual nós ocupavamos a arena. Todos os nossos movimentos, - por menores que fossem, ainda mesmo individuais, eram percebidos pelo inimigo. Estudemos em detalhe o seu dispositivo e seus processos de combate.

a) - a posição defensiva:-

- Era constituída por várias linhas de defeza, - escalonadas em profundidade, solidamente estabelecidas e fortemente amarradas aos pontos-chaves do terreno. Cada linha era constituída por nucleos de resistências, sem idéia de alinhamento, que não ocupavam so-

mente a crista militar das elevações, mas, magistralmente disseminadas pelo terreno, derramavam-se encosta abaixo na nossa direção. Dentro de cada linha, a defesa era, assim feita também em profundidade, ao inverso do processo que usamos, como veremos adiante. Flanqueando-se mutuamente, organizados em obras de fortificação de maior ou menor porte, - conforme a importancia do ponto - e ocupados por fanáticos, dispostos a se deixarem matar, tais nucleos podiam varrer qualquer parte do terreno por onde o ataque fosse canalizado. Resistiam mesmo cercados e ultrapassados, criando, dentro do dispositivo de ataque, novos problemas de emprego das reservas e um mau estar extraordinário para a tropa que já estava adiante. No ataque de 12-XII-44 a MONTE CASTELLO, um destes nucleos, em 799 a N. de C. VITELINE, resistiu valentemente embora atacado pela retaguarda e saiu, afinal vitorioso. No ataque de 21-II-45, - ao mesmo Monte, vários desses nucleos continuavam combatendo 24 horas depois de conquistado o objetivo. Todas as linhas da posição defensiva eram servidas por uma soberba rede de observatórios e por sólida cadeia de transmissão, que empregava todos os processos conhecidos.

Eram cobertas por campos minados, estabelecidos nas zonas de progressão obrigatória, perfeitamente estudadas e determinadas, além - das minas anti-carros e anti-pessoal que deixavam para traz, sobre o - nosso caminho, quer nas estradas quer nos campos, quer nas casas, arvores e objetos, sob a forma de armadilhas (booby traps).

Tais minas e armadilhas criaram um verdadeiro complexo na - tropa atacante e canalizavam a progressão, pela quasi obrigatoriedade de passarem os homens em coluna, pelos locais onde outros já tivessem passado.

Os morteiros e a Artilharia inimiga tinham possibilidade de criar zonas de difficil travessia, por meios de barragens ou de concentrações muito bem ajustadas ao terreno e desencadeado com toda oportunidade.

Como elemento ativo dessa organização encontravamos, como já dissemos, os fanáticos alemães, servidos por armas de excelente rendimento, muito eficazes e de grande potencia. A base do armamento nesses nucleos era a metralhadora (Lourdinha) e granadas de mão.

Não havia de ser, portanto, facil, como de resto não o foi em parte alguma nesta guerra, quebrar esta armadura e aniquilar o braço - que dela se utilizava.

b) - a organização do terreno:-

- Consistia em:

abrigos à prova de Artilharia, para ninhos de metralhadoras e suas guarnições, construidos especialmente (alguns de concreto armado), ou adaptados em obras já encontradas, como casas, igrejas, pedreiras etc... Eram organizados de maneira a permitir a vida no seu interior e a defenderem-se, mesmo cercados.

H. Biagi

A guarnição desses ninhos de metralhadoras, fortemente dotados de metralhadoras (Lourdinha), metralhadoras de mão e granadas; era variável segundo a importância do ponto a defender. Ia de 5 a cerca de 15 homens.

- campos minados, contra carro e contra pessoal e armadilhas (boob traps), contra pessoal. Constituíam o terror do campo de batalha. Disseminados abundantemente, cobriam as zonas de progresso e obrigavam o atacante a uma parada diante das casamatas inimigas. Não foi possível o trabalho previo do Pel. de minas do Regimento, no levantamento desses campos. A tropa era, pois, constrangida, por instinto de conservação, a progredir em coluna, pela brecha aberta pelos companheiros da frente, que ou descobriam faixas limpas, ou limpavam-nas a custa da própria vida.

- postos de comando, também organizados à prova de Artilharia.

- postos de observação, judiciosamente escolhidos e largamente disseminados, de sorte a cobrir todo o terreno à frente da posição. O emprego da observação cruzada deu aos alemães - e posteriormente a nós - grande vantagem.

- locais de tiro para os morteiros, em grande número e sumariamente organizados. Eram servidos por abrigos para pessoal, situados de maneira a servir às guarnições de várias peças.

c) - disciplina de trincheira e de fogo:

Era perfeita.

Por mais acurada que fosse a nossa observação, não conseguimos distinguir nenhuma organização inimiga, nenhum movimento de seus homens.

O serviço de reabastecimento era feito sempre à noite, com um mínimo de movimentos.

Durante o dia os homens das guarnições, repousavam, enquanto um vigia estava de serviço dentro do abrigo ou nas suas proximidades, habilmente oculto e ligado à casamata por um meio qualquer. Em regra empregavam a campainha de mão (cincerro).

A impressão era de absoluto vazio do campo de batalha, do lado alemão, em contraste com a nossa linha, onde os homens se mostravam demasiadamente, a ponto dos alemães julgarem (declaração de prisioneiros) que o fazíamos de caso pensado, para os alemães atirarem e, assim se revelarem.

Qualquer movimento de patrulhas, porém, como também movimentos maiores dentro das nossas linhas, eram imediatamente castigados pelos morteiros inimigos, cujo local de tiro raras vezes conseguimos identificar.

S. biad

A camuflagem empregada era perfeita, porque, em geral não modificavam o aspecto do terreno em que se instalavam. Só durante os meses do inverno conseguimos localizar algumas obras e abrigos alemães, já porque a neve, cobrindo tudo, fazia destacar esses locais, já pelas pegadas, impressas na neve, dos homens que circulavam à noite.

A disciplina de fogo também era perfeita.

Não atiravam inutilmente, antes de estarmos a distancia do tiro certo (poucas dezenas de metros) das peças. Abatido o inimigo cessavam o fogo a espera de nova onda.

Desta forma, a identificação dos locais das armas inimigas - era difficilima.

Preferiam os alemães fazer a pontaria na cabeça ou no peito do lado do coração.

As barragens dos seus morteiros foram sempre desencadeadas - com absoluta precisão e oportunidade. Só um Btl. do Sampaio, o III, - conseguiu burlar a observação alemã, progredindo cautelosamente, durante a noite e ultrapassando a zona da barragem, de sorte que, ao amanhecer, já não foi molestado por estas armas. Isto ocorreu a 12-XII-44, - no M. CASTELLO; onde, estretanto, o II Btl., não se tendo beneficiado da surpresa da noite e só ultrapassando a base de partida com meia hora de atraso, foi imediatamente colhido pela barragem, que só nesse momento foi desencadeada e só na frente deste Btl..

d) - Transmissões:-

Era perfeita a rede de transmissões de que dispunham os alemães, a avaliar pela instantaneidade com que desencadeavam o tiro, por exemplo o de morteiro, nos locais e momentos oportunos, durante as nossas operações ofensivas.

Utilizavam: o telefone - radiotelefonia - foguetes e outros sinais luminosos e acusticos.

e) - Sinais de reconhecimento:

Os alemães usavam vários meios de fazer o reconhecimento ou estabelecer ligação.

Por exemplo: - entre o vigia de um abrigo e os demais homens do mesmo, usavam o cincerro, sempre ouvido pelos nossos homens, quando saiam em patrulhas; entre os homens de uma patrulha, usavam os alemães os sinais sonoros (canto ou pio de passaros, gemido, choro de criança, etc...) para fazer a ligação ou transmitir ordens.

Este último meio (choro de criança) fazia uma forte impressão aos nossos homens.

f) - Conduta da defesa:

No ataque de 12-XII-44, a M. CASTELLO os nossos movimentos - preliminares não foram percebidos pelo inimigo e, assim, não sofremos a ação de sua Contra Preparação. Até mesmo um Btl., o III, conseguiu -

ultrapassar a base de partida e a zona da barragem inimiga, por surpresa, aproveitando a escuridão da madrugada.

Já no ataque de dia 21-II-45, os nossos movimentos preparatórios foram percebidos ou denunciados e a contra preparação se fez sentir, mormente contra o II Btl., reserva do Regimento.

Desencadeado o ataque os alemães cobrem suas posições com as barragens de morteiros, nas zonas onde o ataque se movimenta.

Tal desencadeamento é instantâneo.

Com a possibilidade que eles tinham de concentrar os fogos de seus morteiros e Artilharia em uma zona, a barragem densa e dificilmente transposta, podia ajustar-se a faixas de terreno escalonadas em profundidade.

Além dessas barragens podiam os alemães fazer concentrações sobre pontos importantes, por ventura tomado pelo inimigo e barragens interiores, para limitar a progressão.

Si a tropa atacante não consegue passar a barragem, as metralhadoras não se manifestam; não se ouve, nesse período, um unico tiro dessas armas.

Quando o atacante a transpõe e chega à distancia do tiro certo das metralhadoras, apesar dos campos minados, então as Lourdinhas fazem ouvir sua musica infernal. É um tiro certo, feito quasi a queima roupa, por uma arma em regra ainda não identificada pelo atacante.

Si uma casamata é assaltada, as demais atiram sobre os assaltantes.

O flanqueamento reciproco desses ninhos de metralhadoras e a possibilidade de resistência mesmo quando cercados, limitam consideravelmente a velocidade do ataque e canalizam a progressão para zonas, - que os morteiros e a Artilharia tem mais facilidade de bater.

Em regra os defensores das casamatas combatem até o esgotamento de meios, sem levar em conta o que esteja acontecendo nas demais partes da frente.

Sempre que possivel buscam atirar de flanco sobre o atacante.

Si uma parte importante da posição é perdida, os alemães desencadeiam logo os contra ataques. São ações imediatas, feitas por grupos de choque, fortemente armados a metralhadoras de mão e granadas, - que vêm à abordagem, aproveitando a desarticulação momentanea do vencedor.

Outras vezes tais contra ataques são desencadeados posteriormente, de preferencia à noite, fortemente precedidos por bombardeios de Artilharia e morteiros. Contam com a fadiga dos atacantes, ao passo que eles os executam com tropa fresca, cuja unica missão é esta.

Perdida uma linha de defeza, agarram-se os alemães à linha seguinte, onde combatem com o mesmo ardor, onde defendem o terreno com o mesmo encarniçamento e onde era preciso vencer resistência após resistência.

3) - Na retirada:-

*L. biagi
ul*

Por informações soubemos que, desde o Sul da Itália, até a região onde, nós do Sampaio, nos defrontamos com os alemães, estes - manobraram em retirada.

Suas novas linhas eram a priori escolhidas e organizadas, em geral utilizando mão de obra civil.

Quando era oportuno a tropa se transferia para a nova posição deixando pequenos nucleos de resistência, em pontos muito bem escolhidos, ou verdadeiros destacamentos retardadores.

A ação destas destacamentos era auxiliada pela sistemática - destruição a que os alemães procediam, de todas as obras de arte, estradas, caminhos ou meios de transporte e de vida e o estabelecimento de campos de minas.

Neste aspecto impressionou fortemente aos brasileiros a destruição feita na linha ferrea de Roma para Pistoia.

Todos os trilhos foram inutilizados pelo seccionamento e arrancamento de cerca de um palmo de trilho a intervalos regulares, de sorte a impossibilitar o aproveitamento de uma barra inteira, que fosse.

Tinha-se a impressão de uma possante maquina trituradora, que ali tivesse passado.

Após a conquista de MONTE CASTELLO e do Massiço BELVEDER- TOR RACCIA, a desorganização nas linhas alemãs acentuou-se.

Em outros teatros o circulo de ferro apertava-se, também, cada vez mais, em torno do nucleo central alemão. Não havia mais esperanças. Era a derrocada.

A retirada, por isso, apresentou-se aqui com características diferentes.

Tratava-se, para eles de atravessarem o rio PÓ, o mais rapidamente possível e chegar a Alemanha.

Decidido o retraimento sistemático e geral das forças, deixaram os alemães uma cobertura, instalada na linha de resistência, então mantida, e retiraram o grosso para o N. do rio PÓ.

Esse movimento não foi percebido por nós, nem tivemos notícias de que nossa aviação o tivesse surpreendido.

Feito provavelmente à noite, durante vários dias e utilizando todos os meios de transporte, furtaram assim o seu grosso a um aniquilamento ou rendição.

A cobertura alemã cumpriu religiosamente a sua missão e, quando retomamos o movimento, rumo às margens do PANARO e, daí, para as margens do PÓ, encontramos restos dessa cobertura, já desorganizada que se entregaram sem luta.

Uma pequena parte desse grosso, a 148 Divisão P. Gr., não teve tempo de ganhar o vale do PÓ e foi cercada e aprisionada pela F. E. B..

*S. Biagi
al*

Nessa fase não encontramos mais campos minados; as destruições eram insignificantes; a Artilharia inimiga não atuou em ações retardadoras, nem mesmo encontramos núcleos de resistência, que nos molestassem: caímos no vazio.

Por tudo isso verifica-se, com segurança, que os alemães foram mestres na derrocada, como o haviam sido nas ofensivas fulminantes.

IV - CONDUTA PARA COM OS FERIDOS E OS MORTOS

Demonstraram grande crueldade com os nossos feridos e uma absoluta falta de respeito e caridade para com os nossos mortos, como, aliás, faziam com os seus próprios.

Os alemães não recolheram e trataram os nossos feridos, ainda mesmo aqueles que, no ataque fracassado de 12/XII/44, a Monte Castelo, caíram junto de suas linhas, como aconteceu com o então Cap. Tarcisio Bueno e outros muitos, que ficaram a menos de 30 metros das casamatas de Abetaia, e tantos e tantos outros bravos, caídos junto às metralhadoras camufladas de C.Viteline, 799,803 etc...

Muitos deles foram por nós recolhidos, à custa da vida de outros bravos brasileiros, quando competia aos alemães esse dever.

Aos nossos mortos trataram, também, com idêntica ausência de sentimentos.

A 21/II/45, quando vitorioso o nosso ataque e conquistado o Monte Castelo, fomos encontrar dezenas de cadáveres nossos, insepultos.

Muitos caíram logo à frente das linhas alemãs, onde estes podiam ir à noite, e onde nós não podíamos ir; outros jaziam dentro das linhas alemãs, já à retaguarda de muitas de suas casamatas.

Apenas uma excessão podemos registrar e que muito nos honra: após um renhido combate de patrulhas do nosso II Btl. com os alemães, perto de Precaria, 3 soldados brasileiros não regressaram às nossas linhas. Foram dados como desaparecidos. Depois da vitória de Monte Castelo fomos encontrar 3 sepulturas, com as cruzeis características alemãs, ostentando a inscrição: "Três heróis do Brasil!"

A conduta desses homens deve ter impressionado fortemente aos alemães, que assim lhes prestaram justíssima homenagem.

V - CONDUTA PARA COM A POPULAÇÃO CIVIL

Pelo que pudemos apurar e pelo que verificamos, os italianos, após o golpe do Gen. Badoglio, foram tratados pelos alemães como inimigos. Todos os homens válidos foram levados para o N. da Itália, para mão de obra. Tudo quanto tivesse valor - mormente quando se tratava

de alimentação - foi levado.

Trouxas e trouxas com objetos caseiros e mesmo vestidos de senhoras eram levadas pelos soldados, cuja rapina era comandada pelos oficiais alemães.

Encontramos uma Itália, desolada, pobre e faminta.

VI - AUXÍLIO ITALIANO ÀS OPERAÇÕES:

Entre a população que ficou deixaram os alemães grande número de espiões.

Além deles, contaram, com o auxílio de muitos italianos que lhes forneciam informações, sabotaram invisivelmente as nossas operações, cortando os fios telefônicos etc.

Em contraposição, os italianos livres organizaram-se em brigadas de partigianos, que nos prestaram grande auxílio, já porque conheciam bem a região, já porque combatiam nas montanhas, criando uma situação de insegurança para os alemães, que lhes foi muito prejudicial.

B) - COM REFERÊNCIA À NOSSA TROPA:

I - ELEMENTO HUMANO:

1) - Seleção e preparo físicos:-

A seleção física dos nossos soldados e até mesmo dos oficiais, não correspondeu à expectativa, nem atendeu às necessidades da guerra moderna.

Apesar das magníficas instruções elaboradas pela Diretoria de Saúde, e do empenho dos médicos examinadores, o resultado não foi 100 % compensador.

A razão do aparecimento de tantos portadores de deficiências orgânicas, que viram seus males agravados consideravelmente em campanha, com prejuízo da eficiência que deviam possuir, reside na designação dada aos grupos selecionados pela inspeção médica: excepcionais, normais e incapazes, temporária ou definitivamente.

Pela técnica de seleção americana, base das instruções aplicadas no nosso Exército, só os excepcionais deviam ser incorporados na tropa expedicionária.

É que, para fazer esta guerra, contra um inimigo tão preparado, naquele terreno, com os meios materiais que usamos e seguindo o ritmo que se impunha, na conduta das operações, era preciso dispor de homens fisicamente acima do nível normal. Os normais, conquanto tivessem saúde suficiente para as atividades do tempo de paz, não estavam em condições de dispendir o esforço físico necessário às operações, numa guerra que, mais que qualquer outra, estava exigindo um dispêndio excepcional de energias.

L. biagi

Assim se fez na America, onde o indice de robustez do homem é muito superior ao nosso.

Aqui, porém, a designação dada aos normais levantou questão: como pode um homem ser normal e não servir para a guerra?

Em consequência foram os normais incluídos na tropa expedicionária, sem que seu organismo armazenasse a soma de energias, que as operações comuns iriam exigir, ou estivesse habituado aos grandes e prolongados esforços físicos.

Por outro lado não se fazia a menor idéia do que a guerra exigiria, em assunto de robustez dos homens, e em consequência, o preparo físico, foi deficiente, limitado à educação física, poucas vezes seguida de adaptação.

Mandamos para a guerra oficiais dentro dos limites de idade para a reforma em tempo de paz, sem atender em que, para o esforço que iriam dispendir, nas funções dos seus postos, muitos deles já estavam velhos.

Da combinação destes fatores resultou a incapacidade da grande maioria dos homens para um esforço físico prolongado, como foi verificado, quer na véspera do ataque de 12-XII-44 a MONTE CASTELLO, quando, terminada a tomada do dispositivo, a tropa do II Btl. estava exausta (por ter percorrido terreno íngreme e lamacento), quer no ataque de 21-XII-45, ao mesmo objetivo, quando conquistado CASTELLO, a tropa ficou incapaz de continuar a progressão e até o lançamento de patrulhas de segurança e reconhecimento foi grandemente retardado; dado o esgotamento físico de oficiais e praças, quer durante a persiguição ao inimigo, quando a fadiga impedia que nossos homens imprimissem maior velocidade à sua progressão.

No entanto, ao nosso lado, os homens da 10ª Div. de Montanha já combatiam ininterruptamente a mais de 48 horas e continuaram a progressão, sem descanso. E é preciso acrescentar aqui que o terreno palmiado pelos americanos (Mº Belvedere e Gorgolesco) era incomparavelmente pior que o nosso.

É verdade também que a tropa da 10ª Div. de Montanha era especialmente treinada para aquele fim, o que evidencia mais ainda a necessidade de rigorosa seleção e profundo treinamento físico, orientado objetivamente.

É mister confessar que, neste aspecto de treinamento, muito tempo foi perdido, aqui e na Itália, porque não se avaliava suficientemente a necessidade de uma robustez tão acentuada.

A despeito de tudo isto o nosso homem portou-se galhardamente.

Dotado de uma notável capacidade de percepção e de adaptação e de um forte espírito de sacrifício, destemido, audaz e bem humorado, o nosso soldado enquanto lhe restavam energias, cumpria magnificamente o seu dever, enfrentando o inimigo com ardor invulgar e o

levando a respeitar-nos tanto quanto aos russos, conforme confissão - de inúmeros prisioneiros.

Podemos sintetizar dizendo que a nossa massa é muito boa, - mas precisa ser preparada e moldada convenientemente.

2) - Preparação Psicológica:-

Falha no seio de toda a nossa população, havia de sê-lo, - também, entre os soldados.

Não tinham os brasileiros o sentimento exato do que fosse - inimigo, nem da necessidade superior de vencê-lo, não apenas para des- truir seu poderio militar no campo de luta, mas para aniquilar sua men- talidade, sua ideologia.

O objetivo do soldado brasileiro, em geral, não ia além do campo de batalha, não atingia uma necessidade superior e subjetiva, - não encarava o futuro.

Quem quer que estivesse do outro lado das nossas linhas se- ria tratado do mesmo modo, com a mesma impetuosidade, despertando em nós a mesma audácia, o mesmo desprendimento pelo perigo, a mesma bra- vura.

Lutavam os nossos homens - em maioria - porque ordenávamos que lutassem, porque seu sangue é quente, porque seu sentido de honra na peleja é sui generis e muito aguçado.

Muitos e muitos dos soldados brasileiros não sabiam porque lutavam.

Tinham, das injurias sofridas pela nossa Pátria, uma noção muito vaga; ouviram falar no afundamento dos nossos navios, mas não - tinham deste fato uma percepção perfeita, completa.

Sabiam que o Brasil declarara guerra ao Eixo, mas não conhe- ciam todas as causas, nem sentiam toda a grandeza desse ato.

Nenhum de nós sentia este rancor surdo, concentrado, do indivi- dúo ofendido gravemente.

Lutamos quasi esportivamente e, lutando, o brasileiro é sem- pre o mesmo: impetuoso, bravo destemido.

Passada a refrega, chegávamos quasi a ter pena dos alemães e frequentemente nossos soldados dividiam com os prisioneiros as suas - rações e os seus cigarros.

Si tivesse havido, porém, uma preparação psicológica adequa- da, não só o aparelhamento da nossa retaguarda teria sido mais eficien- te, como também a própria organização da Fôrça Expedicionária ter-se-ia beneficiado.

Além disto o homem plenamente convencido da grandeza do seu esforço, teria compreendido melhor o adversário, teria cuidado com mais rigor de sua preparação, teria verificado a necessidade de ven- cer e de aniquilar não somente o indivíduo que estava à sua frente, - mas o inimigo com que nos defrontávamos e, depois dele, todos os ou-

tros inimigos.

É preciso dizer-se que o espírito de corpo, carinhosamente cultivado pelo Cmdo. do Regimento - através do exemplo dos oficiais, do estudo cuidadoso dos feitos dos nossos antepassados, da melhoria das condições materiais das praças, da assistência quotidiana aos homens - operou milagres de dedicação, de disciplina, de desprendimento e de abnegação, mas não atingiu à meta superior, que só a preparação da própria nação teria conseguido.

II) - MATERIAL:-

1) - Necessidade de abundante material:-

A guerra, que ora tem seu término, demonstrou, mais que qualquer outra, que sem riqueza e abundancia de material, não se vence.

Pouco valem a preparação técnica e a bravura pessoal dos homens, si eles não dispõem de material farto e adequado.

Não entrassem os alemães em penuria de material, após 4 anos de guerra, - pela limitação dos territórios conquistados, pelo esgotamento de suas reservas em virtude da destruição causada pelos gigantescos bombardeios e pelo desequilíbrio ocasionado pela avalanche de material americano, - e outra teria sido a solução do conflito, que acabamos de encerrar.

Não lhes faltou nenhum requisito técnico, psicológico ou intelectual para vencerem. Lançaram mão e exploraram, como mestres consumados, como verdadeiros artistas, tudo quanto podia conduzi-los à vitória, desde o preparo intenso da sua gente, sua preparação técnica e profissional, até os recursos insidiosos da espionagem interna e externa e da quinta coluna - arma talvez mais perigosa, mais terrível, que a própria bomba atômica.

Faltou-lhes, porém, em certa altura, o material a ser manejado por tão hábeis obreiros. E a vitória lhes fugiu das mãos.

Si esta conclusão se afirma, sem sombra de dúvida, na conduta e no resultado das operações, não menos imperativa ela é desde os tempos de paz.

As nações fortemente industrializadas podem suprir suas necessidades no momento da guerra - si as circunstâncias o permitirem.

As que não possuem parque industrial aparelhado, precisam prover-se do material em tempo útil, já porque os transportes, em tempos de guerra, são precários e incertos, já porque ha necessidade imperiosa - mormente para nós brasileiros, onde o indice de cultura da massa é ainda baixo - de um treinamento intenso e prolongado, um verdadeiro habito do manejo do material a ser usado.

2) - Necessidade de conhecimento perfeito do material:-

Impõe-se, pois, a organização de Unidades - e mesmo Grandes Unidades - completas, fartamente dotadas de todo material a ser usado.

Não se improvisa um atirador de metralhadora, de morteiro ou de um lançador de granada, sem dotar as unidades de meios abundantes para o treinamento indispensável.

Não é com meia dúzia de tiros que um especialista destes se prepara.

E da mesma forma como se treina o homem, é preciso treinar os quadros.

É mister que os oficiais de todos os escalões disponham de Sub-Unidades e Unidades completas, que se habituem a empregar em terreno variado, nas diversas situações táticas.

3) - Apreciação técnica sobre o armamento:-

Da experiência vivida pelos nossos homens, durante a guerra, resultaram apreciações e preferências acerca do armamento empregado, que procuraremos resumir abaixo:-

- a) Fuzil Springfield:- apresentou acabamento precário e funcionamento irregular. Alguns não abriam a caixa da culatra. É pouco preciso: - seja por condições balísticas (relação da carga de projeção com o comprimento do cano), - seja devido ao aparelho de pontaria, com orifício de visada, que dificulta a operação. O fuzil Mauser é considerado superior e apresenta um entalhe em forma de V no aparelho de pontaria, que facilita a visada.

A luneta empregada para o tiro de precisão, é pouco prática.

Graduada em segundos (fração da circunferência), precisa uma regulação para cada distância, o que é incomodo e demorado. Em regra não foi empregada por nós.

- b) Carabina:- substitue com vantagem o nosso mosquetão. Muito leve, de fácil manejo e muito precisa a pequenas distâncias, foi disputada pelos nossos oficiais e praças. Recebemos muito poucas dessas armas.

- c) O fuzil Garant (semi automático):- deu excelente resultado, apesar da pequena velocidade do tiro automático, menor do que a das armas semelhantes alemãs.

- d) Metralhadora de mão:- O defeito principal que apresenta é ser demasiado pesada, para arma portátil, em relação ao seu tamanho.

Fatigava muito os homens.

4. biado

- Além disto o botão retém do carregador é colocado do lado do corpo do atirador e funciona facilmente, com qualquer pancada leve, saltando o carregador. Não raro no momento de empregá-la, a arma estava sem munição. A munição de 45 parece constituir calibre demasiado grande para uma arma portatil. Em consequencia o peso de 3 ou 4 carregadores, a tiracolo, feria o hombro dos homens. Sua pequena velocidade de tiro era flagrante, diante das armas alemãs, que impressionavam fortemente o nosso soldado, dando-lhe uma impressão nitida de inferioridade. Apesar disso os soldados preferiam essa arma, na missão de patrulha, de esclarecedores, sentinelas etc...
- A metralhadora de mão italiana e a Thompson são melhores.
- e) - Metralhadora .30, - leve:- foi a melhor arma usada durante a guerra. Funciona perfeitamente, é de facil manejo, muito precisa e muito portatil. Não chama demasiado a atenção do inimigo sobre o atirador e pode ser facilmente mudada de posição. Acompanha o escalão de fogo sem dificuldade e é a arma da 1ª linha. Entretanto seu carregador em fita de lona acumula muitos detritos, lama etc..., o que as vezes, dá incidentes de tiro.
- f) - Metralhadora .30 - pesada:- é uma arma potente, mas apresenta serios inconvenientes. Por ser de tipo muito diferente das demais armas, devido ao refrigerador a agua, é muito visivel e chama a atenção sobre o atirador que, assim perde a calma e o controle. Apesar da mistura anti congelante usada na Itália, a agua congela no refrigerador e a metralhadora não funciona. É muito pesada. Seu transporte é difficil e uma mudança de posição, durante o ataque é quasi impossivel. Nos ataques efetuados pelo Regimento Sampaio, na Itália, verificou-se que, a partir de certa linha do terreno, o escalão de ataque não contava mais com o apoio aproximado das bases de fogos, que não podiam mudar de posição no tempo preciso. Só podiam daí em diante, fazer tiros mais afastados, deixando o escalão de ataque entregue a si mesmo, às suas próprias armas. Nessas ocasiões, foi a metralhadora .30 leve, as granadas de mão e as metralhadoras de mão que resolveram a situação.

St. Gial

A metralhadora Madesem é mais precisa e melhor. Podendo ser usada com ou sem repara, funciona como F.M. ou como metralhadora e seu transporte é fácil.

- g) - Morteiro 60:- funciona bem, mas é pouco preciso, porque seu tiro é feito pelo sentimento (inclinação do tubo feita sem aparelho regulador).

Sendo destinado a bater pessoal, dificilmente atinge os homens abrigados em fox holles.

Contra abrigos não deu resultado, visto que sua munição não é provida de retardo. Explode à superfície.

Entretanto, empregado contra casas, conseguia atravessar o telhado e explodia no interior.

A munição fornecida vinha em lotes (cerca de 18 tiros). Acontece, porém, que cada lote trazia uma carga diferente, o que obrigava o emprego das tabelas de tiro, dificultando e retardando o emprego da arma.

Na ofensiva não deu resultado. Muito pesado e facilmente identificável, não acompanhou o escalão de ataque em nenhuma ocasião. Os homens não podem progredir transportando-o, mormente em terreno acidentado. Além disto sua munição é muito pesada, o que dificulta sobremodo o remuniciamento.

Na defensiva, entretanto, pode ser usado com vantagem contra a tropa que progride, salvo o inconveniente do precario processo de pontaria.

- h) - Morteiro 81:- é uma arma excelente. É muito precisa e muito potente. Sua pontaria é feita com exatidão e facilidade. De manejo simples e rapido, era a arma ideal na defensiva, quando os observatórios estavam montados, estaveis e podiam acompanhar o tiro e corrigir a pontaria.

Empregou granadas de capacidade normal e de grande capacidade.

As primeiras eram excelentes, mas fornecidas com parcimonia demasiada. As segundas tinham fornecimento abundante, mas não funcionavam regularmente.

Grande parte delas não explodia. Além disso o recuo provocado chegava a furar a placa base.

Na ofensiva o morteiro 81 padecia do mesmo mal da metralhadora .30 - pesada. Muito visivel e portanto - muito vulneravel, sua mudança de posição exigia sacrificios físicos enormes, que o nosso homem não podia fazer em tempo util.

Assim, partido o ataque e ultrapassado certa linha do

Is. biado

terreno, não podia mais o morteiro 81 dar o apoio imediato que o escalão de fogo exigia.

Por outro lado as dificuldades de observação e transmissão (regulação do tiro) aumentavam com a progressão. - Por isso o morteiro 81 passava, daí em diante a funcionar como Artilharia, batendo objetivos afastados assinalados ou supostos.

- i) - Bazoukas:- Por ser uma arma de grande volume e de difícil transporte, torna-se muito visível e, por conseguinte, muito vulnerável.
É muito pesada e, por isso, seu emprego na ofensiva é limitado, pelas dificuldades de transporte, nas mudanças de posição do atirador, durante a progressão. Construída para atirar contra carros, não teve emprego normal na campanha, pela ausência de blindados inimigos. Seu projétil foi construído visando perfurar a couraça dos Tanks, e, para isso, desenvolve alta temperatura - ao explodir.
Contra casamatas não tem o mesmo efeito, mas deu resultados satisfatórios nas ações contra abrigos, ninhos - de metralhadoras etc... O efeito moral é muito grande. Na defensiva é de mais fácil emprego pela desnecessidade de continuas mudanças de posição que, quando necessárias, são facilitadas pela própria situação. Entretanto perdeu grande parte do seu valor pela ausência, já citada, de carros blindados alemães.
- j) - Granadas de mão: eram boas, portáteis e de grande confiança para o lançador. Os nossos patrulheiros insistiam sempre em levar grande número delas. Funcionavam perfeitamente e o efeito sobre o inimigo é bem sensível.
Apresentam o defeito de não poderem ser usadas no fuzil, o que exige um remuniamento mais difícil.
- K) - Granadas de fuzil:- eram boas, mas o tiro era pouco - preciso, pela falta de um aparelho de pontaria adequado. Feito pelo sentimento e pela inclinação variável do cano da arma, não dava a precisão desejada. Os alemães usavam um aparelho de pontaria perfeito e o tiro de suas granadas era respeitado.
- l) - Canhão anti carro 57:- é uma boa arma. Possui grande - precisão, é de fácil manejo e transporte do tiro para outro objetivo e sua pontaria é muito simples. Entretanto apresenta um grave defeito, que se relacio-

h. bi

na com sua mobilidade.

Como faz somente o tiro direto precisa chegar à crista para atirar. É tracionado por uma viatura de 1 1/2 Ton. que nem sempre pode chegar à posição de bateria, mormente contra inimigo ativo e um terreno acidentado, como o que encontramos.

Nestas condições o canhão tem de ser levado a braço, até a posição de bateria, o que ou exige esforços sobrehumanos, ou é impossível, se o terreno não ajuda.

No 1º ataque a MONTE CASTELLO, a 12-XII-44, feito pelo Sampaio, a C.C.A.C. não pôde colocar suas peças em posição, porque as viaturas não podiam ir até à posição de bateria, já porque o terreno lamacento o impedia, - já pela atividade da observação inimiga, sobre as nossas linhas, inteiramente dominadas pelos seus observatórios.

Na ação seguinte contra o mesmo MONTE, a 21-II-45, pudemos colocar algumas peças em posição, contra o corredor de Abetais, porque dispuzemos de tempo para fazê-lo a braço e à noite e o terreno seco e duro facilitou o movimento.

Entretanto foi impossível muda-lo de posição durante a ação.

É muito pesado e pouco manevável.

Às vezes o guincho da viatura ajuda a colocar o canhão em posição, mas isto só ocorre em condições especiais do terreno e situação.

A pontaria do 57 é mais fácil que a do similar de 37 - m/m de calibre.

Empregamos na campanha munição perfurante e umas poucas granadas de alto explosivos.

A perfurante deve ser boa contra blindagens, mas não - foi experimentada, porque os alemães não nos facilitaram oportunidade, salvo uma ocasião em que uns carros blindados (Artilharia Blindada) apareceram em PIETRA COLORA, fazendo fogo contra nós. Um canhão anti carro do I Btl., que tinha sido levado até a crista, após ingentes esforços, fez fogo contra eles, que se calaram. - Não podemos, porém, dizer, se foram atingidos ou se mudaram de posição com o cair da noite.

Contra abrigos, a munição perfurante é praticamente ineficiente. Já a de alto explosivos é ótima e de grande efeito contra casamatas, abrigos, casas etc...

m) - Metralhadora .50 (anti-aérea):- é uma arma excelente, de grande potencia de fogo e grande efeito moral sobre

o inimigo.

Nunca foi usada contra avião inimigo, pela ausência destes. Mas foi empregada como metralhadora pesada, nas bases de fogo, com efeitos surpreendentes.

Diziam os prisioneiros alemães que, quando a nossa metralhadora .50 abria fogo, eles ficavam desmoralizados e incapazes de levantar a cabeça.

Muito precisa, de fácil manejo e regulação (por causa da munição traçante), seu projétil tem grande poder de penetração e foi empregada com sucesso contra as casamatas inimigas.

Entretanto é uma arma muito pesada. Apesar de divisel em 3 fardos, qualquer deles é demasiado pesado para um homem, o que dificulta extraordinariamente as mudanças de posição, porque nem sempre podem ser transportadas em cargueiros.

Em consequência sua nova entrada em posição é demorada e, muitas vezes, inoportuna.

A mola recuperadora desgasta-se facilmente, perdendo o poder de elasticidade, ocasionando incidentes de tiro..

n)- Obuzes de 105:- Arma excelente, que sempre esteve pronta para atender aos pedidos de tiro.

Pela localização normal das posições de bateria, entra facilmente em ação e com grande facilidade faz transportes de tiro e concentrações, atendendo, assim, às necessidades da Infantaria.

Em resumo, parece aconselhável:-

- aumentar a potência de fogo do escalão de ataque, dotando-o de armas leves, mas de grande velocidade de tiro. Neste aspecto é oportuno assinalar que, ao contrário do que parece lógico, o remuniamento mostrou ser mais difícil para as armas de tiro lento (morteiros canhões etc...), pelo peso do projétil, do que para as de tiro rápido, apesar do seu consumo.

Em toda a campanha nunca faltou munição para metralhadoras, ao passo que escassejavam para os morteiros.

- Quanto à velocidade de tiro das armas frizamos que as metralhadoras alemãs impunham respeito e deixavam aos nossos homens uma sensação de inferioridade, por possuírem armas que, diziam eles, "guaguejavam".
- aumentar a potência de fogo dos Btls. dotando-os de um Pel. de metralhadoras .50, além das já destinadas ao tiro anti-aéreo. Com maior número dessas armas poderá o Btl. dotar fortemente sua base de fogos e fazer oportunamente as mudanças de posição, por escalões.

h. bi...

- dotar o Regimento e os Btls. de um canhão anti-carro mais movel, mas com as características de potencia do atual;
- Conservar no Regimento a Cia. de Obuzes, que representa uma Artilharia na mão do Coronel, pronta para emprego imediato, onde ele entender, o que nem sempre ocorre com a - Artilharia divisionária, cujas missões, aliás, são muito diferentes e com a qual as ligações não raro são precárias.

III - PROCESSOS DE COMBATE:-

1) - Das pequenas uindades e do Btl.:-

Não houve modificações substanciais nos processos de combate das pequenas unidades: G.C., Pel. e Cia., na defensiva como na ofensiva:

a) - Na defensiva:

O G.C. continuou a ser um grupo de homens, servindo a arma automática leve - fuzil metralhador Browning - e a desempenhar sua - missão simples de, com ela barrar a progressão inimiga em um trato de terreno.

Instalado em "buracos de raposa" (fox holles), que substituíram as trincheiras antigas, adquiriram mais capacidade de resitencia, pela menor vulnerabilidade do seu abrigo e pela possibilidade de flanquearem-se mutuamente, defendendo-se em todas as direções. É o embrião da resistência nuclear, que fôí muito usada nesta guerra.

Dotados igualmente de granadas de mão e de fuzil, assim como de algumas metralhadoras de mão, podiam os homens do G.C. oferecer - como o fizeram em várias circunstancias - encarniçada defeza.

Sua missão principal, entretanto, era a defeza à frente de sua posição.

Nos períodos de calma o G.C. repousava, cada homem no seu - buraco. Eram todos guardados contra a surpresa, por um vigia, bem do lado, donde pudesse divisar o terreno em frente.

Diversos sinais de alarme eram estabelecidos, desde as campainhas, gritos e pios, até o simples pedaço de barbante que ligava o o dedo do vigia, ao de um homem do G.C. na região dos fox holles e o telefone de mão (combinado), conforme a situação e as circunstancias.

Nunca fomos apanhados de surpresa.

O Pel., reunião de 3 G.C., agia com os seus elementos em linha, quando as frentes eram muito grandes (oque ocorreu frequentemente), ou conservava um G.C. instalado em 2º escalão, seja para fazer a defeza estática em profundidade, seja para assaltar e retomar um pedaço de terra por ventura perdido.

A ligação de fogo entre os G.C. era feita pela possibilidade mesmo de atirarem os homens em todas as direções. Não havia, pois,

h. biassi

intervalos não batidos.

Os morteiros de 60 da Cia. completavam o quadro, batendo ravinas, onde as armas de tiro tenso não atingiam com eficiência.

A Cia. dispo~~ndo~~ de 3 Pel. de Fuz. e 1 Pel. de petrechos (me~~tr~~alhadoras .30 leves e morteiros de 60) empregava~~m~~ os, dentro da mes~~ma~~ idéia de defender uma faixa de terreno. Ou os seus 3 Pel. estavam em linha, com ou sem G.C. em 2º escalão, ou conservava o Cap. um Pel. em 2º escalão, para fazer a defeza em profundidade ou lançar contra ataques imediatos. Poucas vezes, porém, pudemos dispor de Pel. em 2º escalão, dadas ~~as~~ grandes frentes que nos eram atribuídas.

Com o Pel. de petrechos havia a possibilidade de reforçar, com fogo, uma parte da frente mais vulneravel ou mais importante, bater intervalos ou zonas pouco ou mal batidas pelos Pels.

Quanto ao Btl., embora apresentasse alterações sensíveis de organização, com relação ao nosso tipo antigo, não alterou profundamente seu modo de ação.

Efetivamente, o Btl. da organização americana, além das 3 Cias. de Fuzileiros, possui uma Cia. de Petrechos Pesados (metralha~~do~~ ras .30 pesada e morteiros 81) e uma Cia. de Cmdo. onde estão enfeixa~~dos~~ os órgãos de Cmdo. do Major e um Pel. de C.A.C.. Dispõe, também, de auxiliares imediatos - o S/2 e o S/3 - que facilitam sobremodo o - Cmdo. do Major, por serem os encarregados exclusivos dos assuntos relaciona~~dos~~ com os trabalhos das 2as. e 3as. Secções dos Estados Maio~~res~~.

Aliviado, dessa forma, pode, o Major dedicar-se mais profundamente à condu~~ta~~ das operações e ao Cmdo. da Sua Unidade.

Quanto ao emprego do Btl. na defensiva, não ha alterações - sensíveis, salvo no que é decorrente de sua maior potencia de fogo.

De fato, com as metralhadoras .30 pesadas pode o Major esta~~be~~lecer o arcabúço de barragem, na frente da posição, completado pelas metralhadoras .30 das Cias. e pelo fogo frontal dos G.C.. Com os morteiros de 81 o Cmt. do Btl. tem possibilidades muito grandes de fazer concentrações rápidas sobre áreas de terreno, constituindo verdadei~~ras~~ barragens no ponto ameaçado. Isto foi feito frequentemente.

O Pel. de C.A.C., de que dispõe o Btl., permite-lhe fazer - frente a uma ameaça de blindados inimigos, completando a rede anti-car~~ro~~ estabelecida pelo Regimento.

Só em uma ocasião tivemos uma Cia. completa em 2º escalão, no I Btl. Todas elas tiveram de ser empregadas em linha, ficando a de~~fe~~za em profundidade, das posições, a cargo do R.I..

Nunca sofremos ataques profundos, que exigissem a defeza em profundidade, mas havíamos previsto e estabelecido que os Btls., com recursos próprios (G.C. ou Pel. de 2º escalão), encarregar-se-ia da de~~fe~~za da L.P.R., inclusive da retomada imediata de um ponto perdido.

3) - Na ofensiva:-

*H. biagg
me*

O movimento audacioso para a frente, até a abordagem e o aniquilamento da resistência inimiga, continuou a ser a preocupação máxima.

Os G.C. progrediam, rumo seu objetivo, beneficiando-se dos fogos visinhos e dos que lhes eram fornecidos pela Cia. pelo Btl., Regimento e pela Artilharia. Quando detidos, buscavam auxiliar pelo fogo a progressão dos visinhos.

Não havia preocupação de alinhamento e a penetração profunda era sempre procurada, embora deixando para traz resistências não subjugadas totalmente.

As Cias. procuravam prestar aos seus Pels. o apoio de fogo que lhes era possível, dando, batendo resistências observadas diretamente ou assinaladas pelos Pels., quer pelo telefone, quer pelo rádio de mão. Para isto empregavam suas metralhadoras .30 leves e morteiros 60, ou assinalavam ao Btl. as resistências que não podiam bater.

O Btl., com os seus morteiros 81 prestava inestimável apoio ao escalão de fogo, pela justeza dos tiros fornecidos e pela potência apreciável dessa arma.

Na falta de objetivos aéreos, que ocupassem as metralhadoras anti aérea .50, foram elas grupadas no Btl., formando um Pel. que, empregado na base de fogos deu excelente resultado.

Várias resistências inimigas, mesmo abrigadas em casamatas, foram caladas pelo fogo dessa arma, que causava aos nossos homens uma sensação de apoio eficaz que as demais armas (salvo o morteiro 81) - não lhes davam.

No momento oportuno iniciava o Cmt. do Btl. a sua manobra. Empregava a Cia. de 2º escalão (que sempre teve), apoiada fortemente pela base de fogos e pela Artilharia, rumo ao objetivo nitidamente fixado, quer ultrapassando as Cias. detidas em 1º escalão, quer progredindo pelo intervalo delas, quer buscando o flanco do inimigo.

Cumprir aqui assinalar, mais uma vez, a dificuldade de mudança da base de fogos do Btl., em virtude do peso excessivo das metralhadoras .30 pesadas, dos morteiros 81 e das metralhadoras anti aérea - .50.

Muitas vezes a continuação do apoio, da base primitiva, era impossível ou ineficiente e a mudança de posição não podia ser feita em tempo útil.

Havia um momento, pois, em que o escalão de fogo ficava entregue a si mesmo, pois não raro os próprios morteiros de 60 não acompanhavam a progressão com a velocidade desejada.

As granadas de mão e a arma branca entravam, então, em cena, provocando esta última verdadeiro pavor nos alemães.

H. Biaggi

2) - Do Regimento:-

Cabe fazer aqui uma apreciação sumaria da organização do Regimento, tipo americano, em confronto com o nosso tipo antigo. Daí deduziremos as possibilidades novas que se apresentam ao atual Regimento.

A Unidade do tipo americano atende muito melhor aos diversos aspectos da vida de campanha, a começar pelo estado maior do Regimento, dotado de órgãos até então inexistentes.

Assim é que dispõe o Coronel de elementos e órgãos especializados, entre os quais se destacam o S/2 e o S/3, encarregados especialmente dos trabalhos relativos às 2as. e 3as. Secções dos estados maiores. Este trabalho era feito pessoalmente pelo Coronel, auxiliado pelo Sub-Cmt., em detrimento de outros encargos e preocupações, que agora pode encarar com mais nitidez e oportunidade.

O R.I. atual dispõe, assim, de um verdadeiro estado maior: o S/1 e o S/4, encarregados da parte de 1ª e 4ª Secções, já existiam, - sob as designações de Ajudante e Fiscal Administrativo; o S/2 e o S/3 são órgãos novos, que muito bom serviço prestaram na guerra.

A Cia. de Cmdo., antiga Cia. Extranumeraria, é um órgão - mais completo, contendo todos os elementos necessários à vida e função do Cmdo. do R.I..

Além dos órgãos de vida, de função logística, possui um Pel. de Transmissões e um Pel. de Reconhecimento. Aquele trabalha ligado ao Sub-Cmt., de acordo com as necessidades apresentadas pelo S/3; este - trabalha com o S/2, no reconhecimento e busca de informações.

A Cia. de Serviços, enfeixa todos os órgãos necessários à vida e manutenção da Unidade, em funcionamento sincronico com as necessidades da guerra.

A C.C.A.C. e a Cia. de Obuzes são órgãos absolutamente novos no Regimento.

A primeira, destinada especialmente a fazer face às ameaças de blindados inimigos, dá ao Regimento uma sensação de segurança e uma garantia, que ele não possuía, dependendo de órgãos de fogo potentes da retaguarda. É dotada de um Pel. de minas capaz de minar rapidamente uma larga área de terreno, contra carro ou contra pessoal, acrescentando o poder defensivo da posição, ou de limpar uma faixa de terra - por onde a tropa deva progredir.

A segunda forneceu ao Regimento uma quantidade de fogo potente e eficaz, no momento justo da necessidade.

São órgãos preciosos na mão do Coronel, que aumentaram a capacidade combativa da Unidade e lhe multiplicam as possibilidades de manobra.

E sua permanência no âmbito do Regimento é essencial, à vista da rapidez das operações atuais, mormente de blindados, cuja incur

H. Vieira

são instantanea pode por em grave risco a integridade da posição, si ela estiver amarrada a apoio fornecido por órgãos mais recuados.

A Cia. de Obuzes, que tão soberbos frutos forneceu nessa guerra, é uma artilharia sempre pronta a fornecer seus fogos no local necessário e no momento perigoso.

A combinação dessas duas armas, aliada às possibilidades normais de emprego dos 3 Btlz., aumenta de muito a potencia e capacidade do Regimento, que é agora um verdadeiro destacamento em miniatura.

a) - Na defensiva:-

O Regimento agiu, nas diversas situações defensivas em que se encontrou, dentro dos moldes classidos da defeza.

A forma do abrigo individual (fox holle) abolindo a trincheira, afastou desde as pequenas unidades a idéia de defeza linear, dando corpo à concepção da defeza nuclear, que, aliás, já era preconizada pelos nossos regulamentos.

As grandes frentes que nos eram atribuidas normalmente (chegamos a defender sub-setores de 13 Km. de frente; as mais das vezes, porém, eram de 6 a 8 Km.) não permitiam, entretanto, a constituição e ocupação efetiva de uma segunda linha, qual a L.D., nem a Divisão e o C. Ex. possuíam linhas, à retaguarda da nossa.

Assim a defeza, apesar do aspecto diferente que lhe davam as pequenas unidades, apresentava nitidamente a forma linear.

Nossas organizações defensivas foram estabelecidas sempre na crista militar das elevações, ao contrário dos alemães, que as organizavam em profundidade na própria enconsta voltada para nós.

Enquanto os alemães buscavam obter a razancia das armas, em pregando-as nos vales, nas partes planas do terreno, atirando em flaqueamento, nós só podíamos atirar de frente (raras vezes de flanco).

Supriamos essa deficiencia com projetis de morteiros e de Artilharia.

A explicação de tal fato pode ser encontrada na situação do inimigo, que tinha tempo de organizar, construir e camouflar suas obras, muito antes que chegassemos a vê-las, ao passo que nós já o fazíamos sob as vistas e fogos inimigos bem ajustados. Ademais estávamos em fase ofensiva e as pequenas paradas que fazíamos eram intervalos destinados a reajustamento de dispositivo.

As mais das vezes, como foi referido acima, não tínhamos ocupação efetiva da L.D..

Era apenas prevista, para ocupação eventual pela tropa que refluisse da frente, caso fosse rompida.

Só uma vez, no Sub-setor de BORRA, possuiu o Regimento uma L.D. organizada e ocupada por 1 Cia. de 2º escalão do I Btl., cujo emprego na L.P.R. dependia de autorização do R.I., e a C.C.A.C., como Cia. de Fuzileiros, diante da ausencia de ameaça de blindados.

H. bi...

A frente atribuída ao R.I. (Sub-setor) era defendida pelos Btls., nos seus quartelões, fracionados em sub-quartelões.

Nos sub-quartelões a defesa incumbia às Cias. de 1º escalão, reforçadas pelos fogos fornecidos pela Cia. de Petrechos Pesados dos Btls., quer formando arcabouço da barragem de Infantaria, quer ligando ou cobrindo os sub-quartelões, quer batendo intervalos ou partes do terreno mais perigosos ou menos acessíveis às armas das Sub-Unidas.

A defesa do quartelão era missão dos Btls. que jogavam com elementos de 2º escalão (quando existentes), para uma manobra eventual. Na maioria dos casos, porém, essa manobra se limitava às concentrações de fogos que o Btl. podia fazer, tornando mais densa a barragem no ponto ou na parte da frente que o exigisse.

A defesa do Sub-setor incumbia ao R.I., que nunca dispôs de tropa suficiente (relação entre a frente atribuída e o efetivo disponível) para uma manobra, que visasse a retomada de uma parte importante do terreno. Limitava-se, pois, o Coronel, a manobrar com seus fogos de Obuzes, a pedir o concurso da Artilharia de apoio ou o seu reforço pelo restante da A.D..

Normalmente empregava também os fogos orgânicos de um Btl., em proveito de outro mais ameaçado, com excelente resultado quer material, quer moral.

A defesa das posições foi sempre controlada e dirigida pelo Coronel, que dispôs, em todos os momentos, de magnífica rede de transmissões.

Sempre ao par da situação, a qualquer hora do dia ou da noite, poudo oportunamente tomar suas decisões, dar as ordens correspondentes e informar o escalão superior, de quem solicitou sempre as medidas necessárias, em tempo útil.

b) - Na ofensiva:-

No ataque a MONTE CASTELLO, de 12-XII-44, o Coronel limitou-se a assistir à operação, logo depois de partido o ataque.

Efetivamente, não podia fazer coisa diferente.

Não dispunha de reserva, nem foi previsto o emprego da existente, por conta do Regimento, apesar das sugestões então feitas pelo Coronel.

Não dispunha de fogos, porque a própria Cia. de Obuzes foi anexada provisoriamente à A.D. e os Grupos de apoio ligavam-se diretamente aos Btls. de 1º escalão.

A ligação com a A.D. foi precaríssima, de sorte que nem mesmo informações podia dar, quanto mais pedir fogos a Grupos por demais sobrecarregados de missões.

Assistiu, pois, ao espetáculo, impotente, como estava para intervir.

H. biagi

Já a 21-II-45, no ataque vitorioso ao mesmo Monte, a situação foi completamente diversa.

O Regimento agiu com todos os seus meios e o Coronel teve oportunidade para agir e para manobrar, como o fez.

Empregando 2 Btls. em 1º escalão, um em ataque frontal, outro em ação desbordante pela esquerda, guardou um Btl. como reserva - sua, afim de fazer sentir a sua vontade, afim de expressar a sua decisão, quando a situação o exigisse.

E assim sucedeu.

Quando o Btl. da ação desbordante começou a encontrar resistência tais, que deixaram prever um retardo na manobra projetada, o Coronel empenhou parte da sua reserva, uma Cia., para reforçar esse Btl. e assim imprimir-lhe maior potencia e velocidade.

Quando, apesar da manobra desbordante, o ataque apresentou os primeiros sinais de crise, não hesitou o Coronel em empenhar o restante da reserva, em ação frontal, ultrapassando uma Cia. do Btl. já detido, para tentar a manobra pelo flanco direito. E o acerto das medidas que tomou, bem como dos fogos que pediu à Artilharia, não se fez esperar: o inimigo cedeu diante do nosso impulso e conquistamos CASTELLO.

Nenhuma novidade, portanto, ha a assinalar na manobra ofensiva, no ambito do Regimento, que pode ser assim resumida: fixação do objetivo, manobra desbordante ou envolvente.

É bem verdade que o poder ofensivo do Regimento está consideravelmente acrescido, com relação ao R.I. antigo.

Dispõe o atual de armas mais potentes e em número maior que o antigo, o que permite encarar ações de maior amplitude e um esforço mais prolongado.

3) - Patrulhas:-

Neste assunto muita experiencia adquiriram os homens de Sampaio.

Um programa de patrulhas diárias, algumas diurnas, as demais noturnas, foi estabelecido e rigorosamente executado.

Devassava-se a terra de ninguém constantemente, em busca de informações sobre movimentos inimigos, ou como simples medida de segurança das nossas linhas. Muitas vezes, porém, foram as nossas patrulhas ao interior das linhas inimigas, provocar suas defezas ou aprisionar elementos que nos fornecessem os dados que buscavamos para o escalão superior.

Estas últimas afastavam-se muito das nossas linhas, percorrendo não raro, 2 e 3 Km. rumo ao inimigo.

Para dar-lhes o apoio de que necessitavam e mereciam, foi preciso montar uma técnica nova para nós.

Artilharia

A patrulha, constituída de 10 até 30 homens, conforme a missão, o terreno e a situação, era comandada por um oficial, que levava junto a si outro oficial.

Si fosse necessário devidi-la, no cumprimento da missão, cada oficial assumia o Cmdo. da metade. Em caso de acidente com um deles o outro comandava a patrulha.

Progredia a patrulha escalonada em largura e em profundidade, coberta por elementos de segurança (esclarecedores).

Seu armamento era constituído de algumas metralhadoras .30 leves, muitas metralhadoras de mão, grande número de granadas de mão e às vezes uma Bazouka.

Dada, porém, a profundidade de sua penetração, era necessário fazê-la apoiar por outra patrulha, que se interpunha entre a primeira e as nossas linhas.

Assim evitavamos ações de envolvimento da primeira, por elementos inimigos alertados, bem como poderíamos apoiar seu retraimento, quasi sempre feito sob pressão, combatendo.

A penuria dos nossos efetivos exigia que os elementos da patrulha e de seu grupo apoio saíssem das Unidades de primeira linha, o que de certo modo as enfraquecia.

Para compensar este inconveniente e porque a patrulha em regra regressava por itinerario diferente de ida, todo o Btl. ficava alerta, a postos, pronto para acolhê-la ou para qualquer ação eventual.

O apoio das patrulhas era dado, também, pelas metralhadoras .30 pesadas e pelos morteiros 81 do Btl.

A patrulha era ligada à Cia. de origem e ao Btl. por fio telefonico e pelo radio.

Recebia, pois, o seu Cmt. ordens diretas e imediatas e fornecia informação de tudo quanto se passasse.

Assim, o lançamento de uma patrulha de reconhecimento das linhas inimigas era operação que interessava a todo o Btl., desde o Major até o último homem.

4) - Ação da nossa Artilharia:-

Deve ser classificada de excelente.

Servida por elementos de escol do nosso Exército, empenhados a fundo na luta que travamos e sabendo que estavam apoiando os seus irmãos de sangue, em situação real, esmeraram-se os nossos artilheiros em nos fornecerem todo o apoio que podiam.

É verdade que a falta de munição, que sofreu a Artilharia, limitou, em certas oportunidades, a ajuda que lhe era pedida. Mas nos momentos críticos lá estava a Artilharia a colaborar conosco, sem desfalecimentos nem objeções, fazendo tiros surpreendentes.

L. Caiado

Na defesa do Sub-setor de MARANO um dos nossos Btls. foi atacado violentamente pelo inimigo, em uma das suas mais fortes ações locais.

Pedimos à Artilharia que desencadeasse a barragem e ela não esperou segunda chamada. O inimigo, porém, estava já entre a zona de barragem e as nossas linhas. A situação era por demais crítica. Pedimos, então, que a Artilharia fizesse uma espécie de barragem rolante regressiva. E os seus tiros magistrais, dados até cerca de 100 metros das nossas linhas, deixaram o solo juncado de cadáveres alemães. A ação estava perdida para eles.

No ataque a MONTE CASTELLO, de 12-XII-44, porém, a Artilharia não nos prestou o apoio que podia, dada a dispersão de suas baterias, que batiam uma infinidade de objetivos, sem atingir, portanto, a ação em massa, potente e eficaz.

Já no ataque de 21-II-45, porém, a Artilharia agiu como esperávamos e como se impunha. Atendendo às solicitações do Cmt. do ataque, que era o Cmt. do Regimento Sampaio, a Artilharia agiu em massa sobre os objetivos que indicávamos em tempo justíssimo. Assim pudemos desenvolver nossa manobra e conquistar CASTELLO.

5) - Ação da nossa Engenharia:-

Foi sempre excelente. Dotada de um pessoal competente e disposto a enfrentar o perigo no cumprimento das missões recebidas, as frações de engenharia (Cias. ou Pelotões) que acompanharam o R.I. em diversas fases defensivas e na ofensiva, prestaram excelente auxílio às operações, quer minando trechos das nossas posições defensivas, contra prováveis incursões de carros, quer limpando faixas por onde a tropa devia progredir, quer reparando as estradas e mantendo-as em tráfego, apesar do terreno adverso, do frio, da chuva ou da neve e do degelo.

6) - Ação dos Carros americanos:-

Durante a campanha o Regimento Sampaio dispôs dos fogos de Unidades de carros americanos, nas situações defensivas e os teve à sua disposição, durante os ataques a MONTE CASTELLO.

Eram Pelotões de T.D. ou de Carros leves que, na defensiva agiam como Artilharia blindada e faziam frente a qualquer possível ação dos blindados inimigos.

Durante essa fase os carros americanos prestaram bons serviços, atendendo com presteza aos nossos pedidos. Seus fogos eram potentes e precisos, contra resistências inimigas, abrigos ou ninhos de metralhadoras, que lhes assinalávamos, nos seus setores de tiro.

Os Carros ancoravam num local abrigado, onde pudessem fazer o tiro em certas direções. Só excepcionalmente mudavam de posição, pa-

ra atirar em outras direções.

Na ofensiva o auxílio desses blindados americanos foi nulo, aprisionados como ficaram pela lama e pelo terreno minado ou supostamente minado.

Assim é que no ataque de 12-XII-44, os 2 Pels. de Carros leves, que estavam à disposição do R.I., para progredirem com o escalão de ataque, não puderam sair das suas áreas de reunião. Seus comandantes informaram que a lama não os deixava progredir.

No ataque de 21-II-45, quando chamados à ação pelo Cmt. do R.I., alegaram que dificilmente poderiam subir o MONTE CASTELLO; que não podiam fazer fogo como Artilharia, em virtude da posição em que se encontravam e do "no fire line" estabelecido; que não podiam mudar de posição porque o terreno estava minado e tal deslocamento exigiria um mínimo de 4 horas.

Como se verifica, foi nulo o auxílio prestado à Infantaria e não é difícil concluir que ha qualquer coisa errada nisso, seja quanto à sua localização, emprego ou previsão.

Não nos forneceram a impressão de arma potente, que deles esperavamos, nem nos forneceram o auxílio que lhes pedimos, baseados nas combinações anteriores à ação.

7) - As nossas Transmissões:-

São merecedoras dos maiores elogios, por terem constituido a espinha dorsal da organização e do desenvolvimento das manobras do R.I..

Possuia o Regimento organicamente um Pel. de Transmissões, - comandado por um Capitão, técnico nesta especialidade e servido por homens habéis, destemidos e conhecedores profundos da sua missão.

Cada Btl. era também dotado de um Pel. de Transmissões, comandado por um Tenente e as sub-unidades possuíam um 2º Sargento de Transmissões, além dos operadores, constituídos pelos mensageiros, observadores etc...

Foi abundante e ótimo o material de que todos dispuzeram.

Empregamos: o telefone, a radiotelegrafia, a radiofonia, os pombos correios e os agentes de transmissão.

O telefone constitue a grande malha das transmissões.

Seu emprego foi largamente difundido, ligando sempre o R.I. com os Btls. e órgãos Regimentais; os Btls. às suas Cias. e órgãos de serviços; as Cias. aos seus Pels., aos abrigos ou postos mais arriscados e até mesmo com as patrulhas de reconhecimento. Estas transportavam telefonistas e bobinas de fio, que ia sendo distendido à medida da progressão da patrulha.

As ligações do R.I. com os Btls. e Cias. regimentais eram sempre construídas em circuito dobrado, além da precaução de se construir

J. B. B. B.

a "malha", pela organização de ligações laterais.

Dobrando as ligações telefônicas com os Btls., dispunha o R. I. de sua rede radio que muitas vezes, durante intensos bombardeios inimigos que rompiam as linhas telefônicas, salvou a situação. Os Btls. possuíam sua rede interna com as Cias. e estas dispunham do rádio de mão e do rádio bengala, para fazerem a rede com os Pelotões e Patrulhas.

Na ofensiva as transmissões funcionaram também de forma a merecer todos os elogios.

Na base de partida era montada a rede telefônica completa: - centrais, estações intermediárias, linhas etc...

A medida que o ataque progredia, a rede do R. I. acompanhava os Btls. através da Central instalada na base de partida, da mesma sorte que os Btls. acompanhavam suas Cias. distendendo seus próprios fios.

Em todas as situações de combate ofensivo estivemos ligados aos Btls. e, através da Central deles, às próprias Cias. de 1º escalão.

Não raro os bombardeios inimigos, rompiam as linhas, mas não rompiam as ligações, porque estas passavam a ser feitas pelo rádio, - quer por telegrafia, quer por fonia.

Tivemos oportunidade de acompanhar o desenrolar das operações, até mesmo dos Pels., através da rede de rádio-fonia e o Cmt. do R. I. esteve sempre em condições de tomar uma decisão, transmitir uma ordem ou uma palavra de alento. Com a retaguarda as nossas ligações correram por conta da D. I. E., que, devido às dificuldades técnicas oriundas das grandes distâncias, nem sempre esteve permanentemente ligada ao R. I., pelo telefone.

A falta de ligações, solidamente estabelecidas, entre o Representante da A. D., junto ao Cmdo. do R. I., e a central de tiro, no decorrer do ataque de 12-XII-44, redundou no fracasso do emprego da Artilharia, que não atendia aos nossos pedidos, nem podia conhecê-los.

Já a 21-II-45, tais ligações foram estabelecidas com o máximo cuidado e funcionaram perfeitamente. Em consequência pôde o Cmt. do R. I. chamar a Artilharia em proveito de sua manobra. E ela chegou sempre a tempo, inspirando em todos sólida confiança e concorrendo grandemente para a vitória final.

Quanto mais necessárias se tornam as transmissões e mais imperioso é o seu funcionamento regular e constante, tanto mais se afirma a necessidade de formação dos especialistas.

A instrução desses homens, dada normalmente no Brasil, provou ser insuficiente, tendo em vista a variedade do material, os incidentes diários verificados e as situações de campanha, que exigem um trabalho perfeito, em bora sob o fogo inimigo.

Por outro lado, os recompletamentos recebidos pelo R. I. não incluíam especialistas de Transmissões. Os claros verificados nos Pels. de Transmissões eram preenchidos, por indivíduos de boa vontade, mas -

falhos em técnica.

Foi preciso suprir essa deficiência com instruções dadas em plena campanha.

IV - FUNCIONAMENTO DE DIVERSOS ORGÃOS:-

1) - Serviço de Saúde:-

a) - Funcionou a contento.

Disponha o R.I., de um destacamento de Saúde, comandado por um Major Médico.

Este destacamento fracionou-se, de sorte a ter sempre elementos juntos aos Btls., constituídos por médicos enfermeiros e padiroleiros.

Os casos de molestias comuns eram atendidos pelos médicos que, ou tratavam o doente na própria linha de frente, si o caso o permitia, ou evacuava-o para os hospitais da retaguarda.

Em certa ocasião no sub-setor de Borra, chegamos, a ter pequena enfermeira, instalada em uma casa, onde os doentes eram tratados com mais recursos que nos seus fox holles, evitando-se, com isto, a evacuação de homens que, em poucos dias, foram recuperados.

Nos momentos de ação, quer defensiva quer ofensiva, os feridos eram recolhidos pelos padiroleiros, distribuídos pelas Cias.

Transportados para os Postos de Socorro dos Btls., onde recebiam os socorros de urgência, prestados pelos médicos e enfermeiros: - garrotes, compressão e soro.

Em seguida eram evacuados pelos órgãos da Cia. de Evacuação para os postos de triagem e daí para hospitais.

Passavam todos, entretanto, pelo posto de socorro do Regimento, colocado em ponto de passagem obrigatória, onde era feita a estatística.

A presteza com que eram atendidos os feridos e os recursos da técnica moderna salvaram inúmeras vidas. O trabalho penoso e arriscado dos padiroleiros, na busca de feridos merece toda a consideração.

O serviço de saúde nesta guerra fez jus ao padrão de glória, que ostenta hoje merecidamente.

b) - Na parte dentária, dado o estado precário dos nossos homens e a deficiência da nossa alimentação habitual, foi insuficiente o dentista único que a organização americana fixava para o Regimento.

Chegamos a ter um dentista em cada Btl., auxiliado por soldados de odontologia e o trabalho que tinham era enorme.

c) - O recolhimento dos cadáveres era feito pela tropa da 1ª linha. Transportados em meios precários e improvisados, ou em viaturas do próprio R.I., eram recolhidos, posteriormente, pelo Pel. de Sepultamento, em pontos de coleta, determinados pela Divisão.

Temos a impressão de que este serviço não foi bem feito dentro das Unidades, pela falta de pessoal a isto destinado e de meios de transportes especializados.

d) - No aspecto de alimentação, ficou patente a deficiência e incoerência do nosso sistema habitual.

Seja por carencia de recursos, seja por educação, os nossos homens habituaram-se a ingerir grandes massas de alimentos, alguns fálhos de propriedades, outros desnecessários ou excessivos. A alimentação americana demonstrou ser racional e substancial.

Não tivemos casos de intoxicação alimentar, nem de perturbação digestiva, o que ocorre frequentemente no Brasil. Seja só por este fato, seja também por causa do clima, a saúde da tropa foi excelente durante a campanha.

2) - Serviço religioso:-

Deu excelente resultado a introdução dos capelães militares no seio da tropa em campanha.

Disponha o Regimento de um capelão em cada Btl. e um junto ao Estado Maior do Regimento. Aqueles eram católicos romanos, este era protestante.

Prestaram excelente serviço de assistência espiritual à tropa.

Sempre em contáto com os soldados, ouvindo-lhes as cousas - mais íntimas, as preocupações mais subtlis, foram capazes de orientar o comando em soluções de ordem moral e espiritual e não raro, de ordem material, como seja a família etc...

Desvelados no cumprimento do seu dever, a todos atandiam, sem distinção de crença.

Demonstraram grande espírito de tolerancia, de renuncia e deixaram sempre os soldados a vontade.

Homens educados, compenetrados do seu dever superior, nunca deram lugar a atritos com a tropa, nem entre os próprios capelães de crença diferente.

Foram excelentes auxiliares deste Comando.

Cumprer destacar o serviço prestado pelo Capelão protestante João Filson Soren, no piedoso trabalho de recolhimento de cadáveres.

Homem habituado à vida pratica, ao contáto mais íntimo com a massa popular, isento do preconceito com que, em regra, são vistos os padres católicos, ponde penetrar mais fundo no coração dos soldados.

Possue finíssima educação, grade cultura e desembaraço, aliado a extraordinária abnegação e sangue frio, como demonstrou na piedosa missão de busca e recolhimento dos nossos mortos.

Não descansava este homem, enquanto perdurasse a duvida sobre

L. Caiado

um soldado nosso, que pudesse estar morto e perdido no campo de batalha. Improvisou padiolas com que recolhia os restos mortais, alguns já em franca decomposição e pessoalmente assistia e dirigia esse serviço, que nunca lhe foi solicitado, mas que fazia espontaneamente.

3) - Órgãos de Serviço:-

O funcionamento detalhado dos órgãos de serviço, consta do relatório do S/4 do Regimento, anexo nº 5 deste relatório.

V - O FATOR MORAL:

1) - Ação dos chefes:-

É preponderante a ação dos chefes sobre o moral da tropa.

Vivendo a mesma vida que seus homens, correndo os mesmos riscos, desfrutando as mesmas alegrias e sofrendo as mesmas tristezas, o chefe é, na guerra mais que em qualquer outra situação, o espelho da tropa.

Pela sua competência e pelo seu exemplo, impõe-se ao respeito e à admiração dos soldados.

Precisa sentir a alma dos seus homens e tratá-los com verdadeiro senso de psicologia.

Enérgico, quando isto se impõe, brando e sobretudo humano, o chefe precisa moldar o estado moral de sua tropa, pela justiça de suas decisões, pelo estímulo dos que se esforçam, pelo amparo aos fracos, - pela solicitude com que busca atender ao físico e ao sentimento de cada um.

Não castigar sistematicamente, não desdenhar do esforço alheio, nem menosprezar o amor próprio dos homens.

É um erro profundo tratar a todos igualmente e em todas as ocasiões. É preciso sondar o ânimo de cada um, suas tendências, seu caráter e seu estado de alma, mormente quando se trata de oficiais. É preciso conhecer bem a cada um, para não se cometer a profunda injustiça de exigir dele mais do que ele pode dar. Constitue isto um desestímulo - perigoso, quando não atinge mesmo o amor próprio e a sensibilidade moral do oficial, o que pode levá-lo aos maiores desatinos de disciplina.

Energia não é sinônimo de brutalidade. Ser enérgico não é ser intratável.

A energia de atitudes afirma-se pela firmeza e justeza das decisões, cuja execução pode ser exigida e não pela crítica sistemática ou pela admoestação a todo momento, por todas as formas, em todas as ocasiões e circunstâncias, por palavras ou por gestos.

O verdadeiro condutor de homens, seja ele um Tenente ou um General, não pode prescindir na sua bagagem ilustrativa, de conhecimentos profundos de psicologia humana.

E aqui fica a sugestão de ser criada, na Escola Militar, uma cadeira deste assunto, a ser regida por um verdadeiro professor. Talvez seja este um dos conhecimentos mais uteis ao futuro oficial.

Sentindo a alma dos homens e, tratando-os como eles merecem, pode-se formar um ambiente de sadia confiança, que gera os maiores desprendimentos, a mais forte coesão moral e os rasgos de renúncia, de abnegação e de heroísmo.

2) - Ação psicológica sobre as massas:-

Em todos os setores da atividade humana, impõe-se a formação de uma mentalidade uniforme, quando se trate de obter um esforço coletivo.

O conhecimento perfeito do que vai ser empreendido, a compreensão exata das causas determinantes do fenômeno, como das suas consequências, são fatores indispensáveis a uma vontade firme e a uma decisão serena, mas inabalável, de atingir o objetivo. Só fará bem feito, quem estiver convencido da necessidade de fazê-lo.

Não se conduz uma coletividade somente com o apontar-lhe o caminho a seguir. É mister elucidá-la; é imperioso imprimir vibração à sua alma; é indispensável fazê-la sentir a necessidade do ato a praticar.

E se isto é verdadeiro, quando se trata de atos materiais, da vida quotidiana normal mais evidente se torna, quando encaramos os fenômenos subjetivos, que se relacionam com a vida política de uma nação.

Ora, o ato supremo da vida política de um povo é, sem dúvida, a luta externa, em defesa da sua integridade, da sua honra, da sua liberdade e sobrevivência.

O aspecto atual da guerra modificou profundamente o quadro antigo, de uma pequena minoria, batendo-se bravamente no campo da luta, muito distante do local onde a maioria da nação quasi ignorava os acontecimentos.

Não existe mais diferença entre frente e retaguarda. A nação inteira precisa debruçar-se sobre a mesma trincheira. Toda ela está na 1ª linha, porque a guerra é total e só com um esforço total poderá um povo vencer e sobreviver.

Tal objetivo só pode ser atingido, si a nação inteira estiver comprometida do sacrifício a realizar, convencida da necessidade de vencer e disposta a empenhar todas as suas energias.

É mister, portanto, moldar a massa popular, encaminhar seu raciocínio, forjar seu sentimento e inculcar-lhe o ódio pelo inimigo.

N. biad

Empolgada dessa forma a nação vibra e marcha como um só homem para a luta, para a vida ou para a morte.

Não importa que uns enverguem farda e outros mantenham suas vestes civís. Todos são soldados, todos sentem que a Pátria está em perigo e que só a união faz a força.

Tirados da massa assim moldada, assim dirigida, os soldados serão conscientes do seu papel e do seu esforço e o darão com alegria.

Tão importante é a preparação psicológica das massas, tão grande força ela representa, que o inimigo procurou - e conseguiu, em muitas nações - desviá-la do seu sentido natural, dividi-la e assim enfraquecê-la. Nem outro é o espírito da formação da 5ª Coluna, ação deletéria, insidiosa, que espalha a desconfiança, corróe os animos, divide as nações.

Tiremos desta guerra o ensinamento precioso que ela nos deu.

Examinemos atentamente o drama vivido pelas nações onde a massa não constituiu um todo; meditemos nos processos subtis empregados com o fim de abatê-la moralmente e trilhemos, para o futuro, o unico caminho a seguir.

VI - INSTRUÇÃO DAS FUTURAS UNIDADES:

Da tremenda luta que acabamos de viver, podemos tirar as seguintes conclusões:

1) - os conflitos armados, entre as nações, assumem o carater de guerra total, aí compreendidos:

- o esforço total de uma nação, que precisa arriscar e empenhar tudo, si quizer estar em condições de sobreviver;
- o aniquilamento total do vencido;
- o gravíssimo desequilíbrio de ordem interna, que os vencedores devem encarar;

2) - Nos campos de batalha a luta é de técnica:

- técnica de movimentos;
- técnica de defesa ou de ataque;
- técnica de serviços;
- técnica de material e de seu emprego;

a par de uma mentalidade sadia, alevantada e de um rigido preparo físico dos homens, que deve começar na infancia.

A preparação militar dos Exércitos - instrumento com que a nação impõe a sua vontade nos conflitos - precisa estar a altura das graves responsabilidades decorrentes da primeira conclusão.

O exemplo dos Estados Unidos, que improvisaram, em curto prazo e sob pressão dos acontecimentos, a mais formidavel força armada do mundo, não deve servir de padrão para povos, como o nosso, de mentali-

dade fraca, de nivel intelectual baixo e de potencial industrial incipiente.

Lá, a força da preparação psicológica, aliada à cultura média do povo e à sua capacidade industrial, operou o milagre, mesmo porque o fator geográfico e a evolução do conflito foram seus aliados, fornecendo-lhe o tempo indispensável à mobilização total.

Não podemos contar, em curto prazo, com um nível elevado de instrução do nosso povo, nem com um parque industrial à nossa disposição imediata, nem com as vantagens das grandes distancias geográficas, ou outras eventuais.

Mas podemos e devemos contar, - porque pode começar desde já, - com uma preparação psicológica intensa do povo e com o nosso devotamento absoluto à preparação do Exército para a guerra.

Para isto é preciso:-

- que o povo seja, desde já, orientado para um sentido claro, nítido de destino da nacionalidade;
- que se lhe dê coesão e o arrégimento em torno de ideais precisos de sobrevivência com honra e com liberdade;
- que as forças armadas tenham ambiente moral e material propício ao seu trabalho.

Aos dirigentes políticos da Nação cabe encarar e resolver os problemas de ordem geral acima enunciados; a nós militares, integrados no espírito de sadia brasilidade que empolgar o país inteiro, incumbe o estudo e a solução dos problemas de ordem técnica militar decorrentes.

Como elemento primordial de sucesso nas operações e na vida em campanha, impõe-se uma aptidão física sem falhas, de todos os homens, além do conhecimento perfeito do papel que cada um representará.

As forças armadas cabe receber o elemento humano assim preparado e dar-lhe os conhecimentos técnicos para agir isoladamente ou em conjunto.

O Exército não pode continuar a ser, a um só tempo, escola de alfabetização, escola de educação, de civismo, de preparação militar e de especialistas. É preciso deixar aos demais órgãos da administração pública, os encargos que lhes são próprios.

Ao Exército deve, caber unicamente a preparação militar e de especialistas paralelamente com o desenvolvimento do sentimento cívico dos homens, agora sob a forma especial de "civismo militar".

A nossa preparação militar, orientada objetivamente, precisa, então, encarar a necessidade de:

- preparar os quadros de oficiais e treina-los na conduta de unidades completas, idênticas às que comandarão na guerra;
- instruir a tropa combatente tendo em vista a necessidade - de inculcar-lhe reflexos de umas poucas ações simples;
- formar uma grande reserva de especialistas.

Subsidiariamente é preciso:

- manter e estimular o fervor patriótico que os homens devem possuir ao ingressar no Exército e estimular neles o orgulho pelas forças armadas e o espírito de Corpo;
- aperfeiçoar seu índice físico;
- ministrar-lhes conhecimentos acessórios.

1) - O preparo dos oficiais, que tem início nas escolas de formação e se prolonga pelas escolas de armas, de Estado Maior, não estará completo, si não se incluir no seu curso o estudo de psicologia, e não se solidificará, si eles não puderem dispôr, frequentemente, de unidades correspondentes ao seu posto e ao posto superior, completas em pessoal e dotadas de todos os recursos materiais.

É imperioso que os oficiais manipulem tais unidades em situações bem diversas, em terreno muito variado, durante exercícios ou manobras meticulosamente preparadas, de forma a dar a todos a impressão mais perfeita possível, da realidade e a fazer com que todos sintam a potencia e o peso da unidade que comandam. É preferível termos poucas Unidades em tempo de paz, completas em pessoal e material, do que inúmeras Unidades falhas de recursos, onde os quadros se estiolam e se viciam.

Os quadros que por ventura sobrassem com a nova organização poderiam ser justapostos nas unidades completas, reveasando-se nos Comandos das mesmas, como já se fez nas unidades escolas.

Devemos fazer poucos exercícios, mas bem preparados, bem objetivos, com finalidade bem nitida, em vez de cansarmos a tropa e os quadros em exercícios diários, sem preparação anterior, sem objetivo, sem o material indispensavel.

As Unidades devem ser dotadas de todo material e recursos especiais para realização de demonstrações e exercícios, que não cabem - nos limites apertados dos quantitativos e verbas normais atuais.

Os quadros precisam sentir os prazos exigidos pelas operações, em vez de falsearem a realidade, fazendo ou exigindo manobras em espaços de tempo impossiveis de consguir na guerra.

Os Comandos, pela própria organização das suas unidades, ficarão em condições de dedicar-se inteiramente à instrução da tropa, - deixando os problemas de administração aos cuidados de outros elementos (Sub-Cmts., S/4 etc...).

2) - A instrução dos graduados terá por objetivo torná-los - aptos ao comando da fração de tropa correspondente ao seu posto e ao imediatamente superior.

Devem saber utilizar todas as armas usadas na sua fração de tropa, - ser mesmo, técnicos neste assunto - ter um vigor físico acentuado e estar familiarizados com as diversas situações em que possam ser empregados: na defensiva, na ofensiva, nas patrulhas, nos golpes de mão e na observação, bem como conhecer bem os processos de transmis

sões que possam empregar e o mecanismo dos reaprovisionamentos da sua tropa.

3) - A instrução da tropa (não compreendidos aqui os especialistas) deve visar poucos objetivos, mas atingi-los com absoluto rigor.

De um modo geral basta que o homem tenha um profundo sentimento do aproveitamento do terreno para defender-se, para atacar ou para observar e saiba tirar das suas armas o máximo rendimento.

É de todo interesse manter e aperfeiçoar a forma física dos homens, bem como estimular seu civismo e inculcar-lhes o orgulho de serem soldados do Brasil.

Subsidiariamente devem adquirir conhecimentos acessórios - tais como:

- treinamento de marcha;
- noções sobre a vida em campanha;
- ação dos patrulhadores;
- ação de observador e de vigia,

além da ordem unida e um mínimo de instrução geral, elementos indispensáveis à coesão da tropa e sua boa apresentação.

É interessante destacar aqui o cuidado que os americanos tinham, neste aspecto.

Em plena campanha ministravam ordem unida aos elementos de tropa não empenhados na primeira linha e exigiam absoluta correção nos movimentos.

É preciso ensinar pouca coisa, mas ensinar bem. É preciso selecionar com cuidado os assuntos que devem ser do conhecimento dos soldados, pois que estes não têm necessidade de saber mais do que aquilo que devem fazer normalmente, mas é imperioso que o façam com perfeição.

O abuso das sessões teóricas muito do agrado de certos instrutores e monitores inexperientes ou displicentes, deve ser coibido e ceder lugar a frequentes demonstrações e exercícios práticos, meticolosamente organizados e cuidadosamente dosados.

Assim conseguiremos a formação de reflexos, único recurso de que o soldado pode lançar mão, nas variadas situações em que se encontrar, em meio à vertiginosa marcha dos acontecimentos.

Com estes poucos conhecimentos bem fixados, dispondo de um físico sadio, educado para os grandes esforços e impulsionado por uma vontade firme de vencer, o soldado estará em condições de participar ativamente de uma campanha e de prestar os relevantes serviços, que dele se exigirá.

4) - A instrução dos especialistas merece uma atenção toda especial.

Responsáveis pela execução de atos da mais alta importância coletiva, como sejam, entre outros, as transmissões e os transportes,

tais especialistas precisam ter instrução completa, perfeita, que atinja desde o mecanismo, funcionamento e rendimento dos seus aparelhos, até sua manutenção.

Por ser assunto de técnica especializada e muito complexa, não deve ser objeto de formação nos corpos de tropa.

A atual orientação de formarem-se, esses especialistas, como os datilografos, estenografos, desenhistas, cosinheiros etc..., num Centro de Instrução Especializada, satisfaz perfeitamente à necessidade de sua preparação minuciosa, pois tais Centros podem dispôr dos instrutores técnicos indispensáveis, o que não ocorre em um corpo de tropa, onde a classificação dos oficiais não atende a essa finalidade.

A formação desses especialistas, feitas após um recrutamento especial, deve visar a satisfação das necessidades dos corpos e a formação de uma reserva abundante.

Sua preparação não se improvisa e os conhecimentos a ministrar são amplos e exigem longo periodo de tempo.

Mas as necessidades militares são imperiosas e não podem aguardar.

Por isso é conveniente formar especialistas em quantidade muito superior às necessidades normais dos corpos, mesmo porque os claros podem ocorrer a qualquer momento e devem ser logo supridos, sob pena de grave prejuizo na instrução das unidades.

Por outro lado, as necessidades dos corpos, em especialistas, são constantes.

Seu concurso não pode sofrer solução de continuidade com o licenciamento anual.

As transmissões, como os transportes, a cozinha, a Secretaria e Casa das Ordens precisam funcionar normal e ininterruptamente.

Acontece atualmente que o licenciamento priva as unidades dos elementos indispensáveis à sua vida e a formação ou fornecimento de outros só ocorre muito tempo depois.

São obrigadas, as unidades a improvisar esses elementos, lançando mão de homens mais habéis ou de boa vontade, mas que não estão à altura de desempenhar as funções.

Impõe-se, pois que - seja por meio de épocas diferentes de recrutamento e licenciamento, seja por outro processo qualquer - possam os corpos dispôr sempre desses elementos.

Excluindo um especialista, deve a unidade poder receber imediatamente um substituto.

Estudemos agora, em traços gerais, a forma por que encaramos que possa ser orientada e ministrada a instrução nos corpos de tropa:-

1) Instrução dos Oficiais:-

Além da que deve ser feita nos seus gabinetes particulares de estudo, cuidadosamente estimuladas pelos chefes e visando o aperfeiçoamento intelectual dos oficiais e familiariza-los com assuntos e problemas de ordem geral do país, bem como nas diversas escolas por onde passarem devem os oficiais receber, nas unidades de tropa, onde servirem:

- instrução técnica, visando torná-los especialistas no armamento usado pelas frações de tropa - (para os subalternos);
- noções da organização da instrução sob a forma de preparação das demonstrações e exercícios (para os Tenentes e os Cmts. de Cia. e Btl.);
- instrução tática, para todos os oficiais, inclusive dos serviços.

a) - Para serem bons instrutores e inspirarem confiança aos homens, é mister que os subalternos conheçam profundamente aquilo que vão ensinar. Em particular, o armamento deve ser familiar aos Tenentes, quer quanto ao mecanismo e funcionamento, quer quanto as suas características e possibilidades, quer quanto a pratica de tiro. Esta instrução pode ficar a cargo de instrutores especializados, do Btl. ou R.I. e ser dosada convenientemente. Não deve ter o objetivo de tomar o tempo dos oficiais e sim fazer com que todos atinjam um alto grau de perfeição. Consequindo isto, as sessões de instrução podem ser bem espaçadas ou suspensas.

Os subalternos devem ter forte espírito combativo, além de um vigor físico acentuado e exercitado constantemente pela pratica de esportes, orientados por um oficial especialista do R.I..

b) - A necessidade da organização de instrução é uma verdade muito conhecida e sobre a qual não cabe aqui insistir. Nenhum exercício ou instrução produzirá os frutos desejados si não for preparado meteticulosamente, por todos os escalões.

Por isto deve o Cap. preparar os exercícios e a instrução a ser ministrada à sua sub-unidade e cuidar que os instrutores façam o mesmo, no que se referir ao detalhe afeto a cada um.

Para tanto bastará que promova uma reunião dos seus Tenentes, nas primeiras horas do 2º expediente.

Haverá tempo para tomar uma providencia material, dar uma ordem etc..visando deixar tudo pronto para a manhã seguinte.

os necessários, são de inestimável valia. *J. biagi*

- c) - A instrução tática dos oficiais terá por base o perfeito conhecimento que cada um deve possuir dos regulamentos de emprego das unidades.

Além disto, todos os exercícios de combate devem servir de oportunidade a uma instrução tática dos Cmts. das frações de tropa - correspondentes. Tais exercícios orientados ou dirigidos pelos Cmts. de Cia., Cmts. de Btls. ou de R.I., conforme o escalão executante, devem explorar todas as situações possíveis e interessar os serviços - sempre que for o caso e serão realizadas sob um cunho acentuado de realidade e provocarão as decisões dos oficiais, diante das situações imprevistas, comuns nos campos de batalha.

Quando se tratar de escolas de instrução, devem ser interrompidas frequentemente, para se explorar um ensinamento, corrigir uma - falha coletiva ou individual ou para enquadrá-lo nos limites de tempo normais em tais casos. Estas interrupções serão também aproveitadas - para instrução individual, pesquisando-se, homem por homem, si está - compenetrado da missão, porque deu tal lance, escolheu tal abrigo, se emprega ou não a arma e a razão disto etc.. etc...

Não se permitirá que seja falseada a impressão exata de uma operação ou manobra, com a redução dos prazos indispensáveis aos movimentos, ou com o emprego de velocidade maior que a normal, em tais casos

Quando se tratar de demonstração não devem ser interrompidas. As falhas serão apontadas posteriormente, diante de toda a tropa, pelo instrutor responsável ou pelo diretor do exercício, que enunciará a maneira certa de executar.

Para que sejam proveitosas devem estes exercícios ser preparados meticulosamente.

Dar-se-á uma atenção especial à representação ou figuração - do inimigo e do seu fogo, de sorte que oficiais e praças sintam-se tão próximos quanto possível da realidade.

Em alguns casos o fogo deve ser real, quer parta das nossas bases de fogos, quer do inimigo. Isto exige um pessoal de representação escolhida cuidadosamente, bem como uma preparação sem falhas.

Em todos os casos as unidades, sub-unidades ou frações de - tropa a instruir, devem estar completas, em pessoal, como em material.

A preparação perfeita de um exercício, tal como foi enunciado acima, é custosa, demorada e exige grandes esforços. Em compensação todas as frações de tropa de um R.I. podem passar pelo mesmo exercício, o que economiza tempo e material.

As sessões teóricas (resolução de temas) devem ser reduzidas ao mínimo e visar sempre preparar os espíritos ou aguçar reflexos correspondentes aos exercícios práticos já idealizados, salvo para os oficiais superiores, que serão frequentemente levados a solucionar - casos táticos relacionados com a sua unidade, a unidade superior e o emprego das demais armas.

2) - Instrução dos graduados:-

Os graduados devem ser bons monitores e bons executantes. Para serem bons monitores devem conhecer perfeitamente o que vão ensinar. É preciso, pois, que recebam a instrução correspondente, para aperfeiçoar os seus conhecimentos.

Os Cmts. de sub-unidades dosarão essa instrução, segundo seja necessário:

- nivelar e elevar o grau de conhecimento que possuam;
- preparar a instrução das turmas de que os graduados forem encarregados;

Devem conhecer profundamente o armamento da sua fração de tropa e a conduta que cada soldado seu, deve ter, em todas as situações de combate. Só assim inspirará confiança e estará em condições de corrigir as falhas que cometerem.

Como executantes, isto é, como condutores de homens, devem estar ao par do que pode ser exigido de sua fração de tropa e do que ela é capaz.

Seu treinamento será dirigido pelos subalternos, orientados pelos Capitães e utilizará todos os exercícios de combate realizados, explorando-os ao máximo.

Devem ser especialmente treinados:

- em transpor um terreno acidentado ou sumariamente organizado;
- em levar sua fração de tropa rumo ao objetivo fixado, sem perda de direção e sem desfalecimentos;
- em manter o terreno conquistado;
- em executar um serviço de patrulha;
- em utilizar qualquer arma de que disponha, bem como reconhecer um campo minado e dirigir sua limpeza;
- em fazer a observação;
- serão frequentemente levados a comandar a unidade superior.

3) - instrução da tropa:-

compreende:-

- a instrução individual
- a instrução de conjunto, ou da tropa propriamente dita.

A primeira visa ministrar ao homem os conhecimentos básicos, indispensáveis à sua ação quando enquadrado, além de aperfeiçoar conhecimentos que já deve possuir.

Assim se tratará de :

- melhorar sua forma física, de sorte a treina-lo nos grandes esforços exigidos em campanha , em terreno acidentado.
- incentivar seu patriotismo e civismo.

- P. Caiado*
- ensinar-lhe a marchar, a utilizar o seu armamento e material, a apresentar-se em tempo de paz e a portar-se em tempo de guerra, a aproveitar o terreno para observar ou para atirar.

Na segunda ele vai aprender a agir em conjunto com os demais companheiros, apoiando-lhes a ação ou beneficiando-se dela.

Os exercícios de combate, de que já tratamos na parte de instrução de oficiais, servirão também para instrução dos soldados, ou melhor, para aplicação dos conhecimentos que tiverem adquirido na instrução individual e darão aos graduados e aos oficiais, excelente oportunidade para a sua própria instrução.

É preciso insistir aqui, uma vez mais, em que:

- a instrução dos soldados deve ser simples, muito bem preparada, e sempre objetiva;
- as sessões teóricas devem, sempre que possível, ceder lugar às demonstrações práticas, organizadas de tal forma - que os homens não se limitem a ver, mas em seguida, a fazer, a executar;
- o pivot da instrução dos soldados deve ser o estudo do armamento e do aproveitamento do terreno;
- não sobrecarregar o soldado com conhecimentos que não lhe sejam absolutamente indispensáveis.

4) - Instrução dos especialistas:-

Os corpos de tropa, como já foi referido aqui, devem receber certos especialistas já formados em cursos especiais, aptos, portanto, a prestarem imediatamente, o serviço que lhes é próprio.

Assim, os telefonistas, os telegrafistas, os radios, os estenógrafos, motoristas e cosinheiros, entre outros, devem provir de Centros de instrução especializada, verdadeiros viveiros de especialistas, onde a tropa se vai suprir.

Nos corpos sua instrução será aperfeiçoada pelo próprio exercício de sua função e pela aplicação que tiverem nos diversos exercícios táticos organizados dentro do corpo.

----- X -----

Temos chegado ao fim do nosso relato e da explanação das nossas observações.

Rigorosamente fiéis à verdade dos fatos e sinceros no estudo que acabamos de fazer, desejamos que o nosso esforço possa ser útil ao Exército e ao BRASIL, o que compensará, com larga margem, os sacrifícios feitos por todos nós..

Aguinaldo Caiado de Castro
AGUINALDO CAIADO DE CASTRO - Cel. Cmt.
Cel. Int.

O Cap. cuidará de orientar a instrução de forma a imprimir-lhe um cunho pessoal e uniforme; explicará o que deve ser feito no dia seguinte, quais os processos a empregar e o fim a atingir. Terá a preocupação de investigar si os instrutores estão ao par do assunto e será cioso do preparo dos seus oficiais. De forma alguma deverá permitir que um instrutor ou monitor inicie uma sessão de instrução, improvisando o que vai dizer. As sessões teóricas devem ser reduzidas ao mínimo indispensável e ter por objetivo a explicação ou a preparação de um exercício prático futuro.

Os exercícios de combate de Pel. ou de Cia. devem ser cuidadosamente preparados pelos tenentes e Cap. e fiscalizados (desde a preparação até a execução) pelos Caps. e Majores.

Devem ser alguma coisa mais do que a sucessão de lances, que estamos habituados a assistir, sem objetivo, sem que os soldados saibam o que estão fazendo.

O "corree-deita" sem fim que fatiga os homens e não lhes ensina coisa alguma, deve desaparecer definitivamente.

Os exercícios de combate podem e devem ser muito simples, porque se resumirão em ensinar o soldado a progredir ou a defender-se aproveitando o terreno e utilizando as suas armas.

Nada mais o soldado precisa saber do combate. Não o interessa - nem ele pode compreender - si estamos em marcha de aproximação ou em tomada de contato; si a atitude do inimigo é de defensiva ou de marcha em retirada.

Tudo o que ele precisa saber - e vai aqui toda a técnica da preparação do exercício - é: qual a missão que lhe cabe onde está o inimigo, o que este pode fazer para impedir ou prejudicar o cumprimento da missão. Em todos esses exercícios, porém haverá que ensinar aos graduados e aos oficiais, na parte referente à combinação do movimento ou do modo de ação das diversas frações de tropa e nenhuma oportunidade deve ser perdida, de aumentar os seus conhecimentos táticos.

Não ha necessidade de muito espirito imaginativo nas demonstrações, nem de fazerem-se exercícios diferentes para cada sub-unidade.

O que é preciso é que eles sejam frequentes e impressionem os homens pelo seu realismo.

Neste particular, a ação do S/3 regimental, coordenando em nome do Cel., as atividades de instrução dos Btls. e a do Comando do Regimento, fornecendo todos os recur-

- R E L A T Ó R I O -

A = E F E T I V O

a) - EFETIVO INICIAL E FINAL.

- 1 = O Regimento deixou o porto do Rio de Janeiro, em Setembro de 1944, com o efetivo de 3.432 homens, dos quais, 167 oficiais e 3.265 praças. Chegou a área de FRANCOLISE, para regressar ao Brasil, com o efetivo pronto de 3.525 homens, dos quais 172 oficiais e 3.353 praças.
- 2 = Cabe esclarecer que o excesso de 93 homens só houve depois de terminadas as operações, quando o Exmº Snr. Gal. Cmt. da 1ª D.I.E. de terminou o regresso ao R.I. de todos os homens oriundos deste Corpo que se encontravam transferidos para o Dep. do P.F.E.B. ou adidos ao mesmo.
- 3 = Durante as operações o efetivo do R.I. esteve sempre abaixo do previsto, chegando em alguns períodos, a haver um deficit de mais de 100 homens por Btl.
- As ocasiões críticas foram no fim do mês de Dezembro (quando o R.I. estava engajado há mais de 40 dias sem receber repletamento em praças) e logo após a conquista do Monte Castello, sendo a ultima de curta duração (5 dias).
- Normalmente os Btl's. tinham um deficit variavel entre 10 e 50 homens e as Cias. Regimentais coservavam seus efetivos completos.
- 4 = Para manter o nivel do efetivo, apesar das baixas sofridas, o Regimento recebeu sucessivos repletamentos com vai's discriminado na letra c do presente e que podem ser apreciado nos graficos anexos.

b) - BAIXAS.

- 1 = Durante sua permanência no Teatro de Operações da Itália o R.I. sofreu 2.336 baixas por diversos motivos. Destas 964 foram de homens mortos, feridos ou desaparecidos em ação, mortos ou feridos em acidentes e evacuados por moléstias adquirida em campanha como demonstra o seguinte quadro:

Mortos em ação	128
Feridos em ação	586
Desaparecidos	11
Mortos em acidentes (Serviço 6	
(Outros motivos .. 6	12
Feridos em acidentes (Serviço 75	
(Ação 7	
(Outros motivos .. 61	143
Evacuados com doença adquirida em campanha	49
Evacuados com doença agravadas em campanha	34
Doença comum	1.373
TOTAL	2.336

- 2 = É oportuno registrar um fato interessante que contrariou todas as previsões, graças ao ótimo estado sanitário do Regimento: na fase em que a tropa esteve submetida ao inverno mais rigoroso, as baixas por doença comum foram menores do que nas fases anteriores e subseqüentes como se constata do seguinte quadro tirado dos relatórios enviados quinzenalmente ao Exm^o Snr. Gal. Cmt. da 1^a D.I.E.

QUINZENAS	1 a 15 de 12-44	16 a 31-12-44	1 a 15-1-45 - Neve -	16 a 31-1-45 - Neve -	1 a 15-2-45 Fim-Neve	16 a 29-2-45
Baixas por doenças comum	106	126	68	76	72	152

- 3 = Este quadro demonstra que o nosso homem resistiu magnificamente ao clima hostil, e para ele desconhecido, apesar do intenso regime de patrulhas que o obrigava a passar noites ao relento, na neve e muitas vezes molhado da água dos riachos que era forçado a vadear bem próximo do inimigo.
- 4 = Finalmente, das 2.336 baixas sofridas pelo Regimento, apenas 811 homens não foram recuperados, nestes compreendidos 139 mortos e 11 desaparecidos.
- 5 = Quanto a desaparecidos, o Regimento chegou a ter um total de 67, - numero que baixou a 11, de acordo com a demonstração abaixo.

Máximo de desaparecidos	67
Cadaveres encontrados de pois do ataque vitorioso de M. Castelo	32
Cadaveres encontrados em Precaria	3
Cadaveres encontrados em outros pontos	9
Prisioneiros libertados pelos aliados (dos quais 4 feridos).	12
Totalde desaparecidos	56
Restam desaparecidos	11

c) - RECOMPLETAMENTO:

- 1 = O Regimento recebeu recompletamentos que somam 888 homens, dos quais 53 oficiais e 835 praças, assim discriminados:

Capitão	7
Primeiro Tenente	10
Segundo Tenente	22
Aspirante Oficial	14
	53
Sub-Tenente	1
Primeiro Sargento	4
Segundo Sargento	20
Terceiro Sargento	56
Cabos	81
Soldados	673
	835

(Vêr quadro discriminativo anexo)

- 2 = O mecanismo do recompletamento, quanto às praças, começou a funcionar a partir de 4-I-45 e pode ser considerado satisfatório, pois, como foi dito, a partir daí os Btls. não mais se resentiram de deficits de efetivo prolongados, mas foi bastante falho na parte relativa a oficiais e praticamente nulo quanto a especialistas.
- 3 = O recompletamento em oficiais foi tão deficiente que obrigou o Comandante do R.I. a usar da autorização dada pelo Exm^o Snr. Gal. - Cmt.da 1^a D.I.E. e propor o comissionamento de Sargentos a 2^o Tenente. Foram assim comissionados e posteriormente transferidos para a reserva e convocados 5 Sargentos deste Corpo que se haviam - destacados em combate.

4 = Quanto aos especialistas, (em particular pessoal de transmissões e motoristas) praticamente não houve recompletamento, tendo que ser preenchidas por pessoal improvisado, as vagas abertas. Para isto foram de grande valia os elementos com que o R.I. contava em consequência dos acrescimos autorizados pelo Exmº Snr. Gal. Cmt. da 1ª D.I.E., em face das observações feitas, quando do estagio de nossos oficiais no 6º R.I..

d) - DISCIPLINA E JUSTIÇA.

1 = O estado disciplinar da tropa foi satisfatório, sendo relativamente pequeno o numero de punições impostas.

2 = Foram cometidos 14 crimes, dos quais 8 de deserção, 4 insubordinação e 2 comuns.

e) - RECOMPENSAS:

1 = Além das citações dadas pelo Exmº Snr. Gal. Cmt. da I.D.E./1 e pelo Comandante do R.I., foram ainda feitas propostas para condecoração de elementos que se destacaram por bravura ou em apoio as operações, como se segue:

Propostas feitas:

Oficiais	93
Praças	60
Total	153

Concedidas:

Oficiais	22
Praças	24
Total	66

2 = As condecorações propostas e concedidas estão assim discriminadas:

= Serviços Distintos:

Propostas:	Oficiais	1
	Praças	0

Concedidas:	Oficiais	1
	Praças	0

= Medalhas de Guerra:

Propostas:	Oficiais	38
	Praças	4

Concedidas:	Oficiais	1
	Praças	0

= Cruz de Combate de 1ª Classe:

Propostas:	Oficiais	2
	Praças	5

Concedidas:	Oficiais	0
	Praças	5

= Cruz de Combate de 2ª Classe:

Propostas:	Oficiais	6
	Praças	16

Concedidas:	Oficiais	6
	Praças	12

= ESTRELA DE BRONZE (Bronze Star):

Propostas:	Oficiais	37
	Praças	29

Concedidas:	Oficiais	6
	Praças	4

=ESTRELA DE PRATA (Silver Star):

Propostas:	Oficiais	9
	Praças	6
Concedidas:	Oficiais	8
	Praças	3

S. bi...

f) - ORGANIZAÇÃO E FUNCIONAMENTO DO S/1:

- 1 = O S/1 foi organizado e funcionou procurando seguir as normas dos manuais americanos.
- 2 = As principais diferenças entre o nosso sistema e o americano foram:
 - A Ajudancia do Pessoal, teve autonomia ligando-se diretamente ao Cmdo. do R.I.
 - O Boletim ficou a cargo do Ajudante do Pessoal.
- 3 = A primeira modificação resultou das normas estabelecidas ha muito ligando-se o Secretario (hoje A.P.) ao Comandante e eliminando um tranmite retardador na passagem dos papeis pelo S/1.
- 4 = A segunda resultou da observação feita quando do estagio no 6º R. I. e foi plenamente ratificada pela experiencia da guerra, pois os constantes e sucessivos deslocamentos do P.C., bem como os locais muitas vezes acanhados em que o mesmo se instalava, não permitiam confeccionar o Boletim com a regularidade e minucia que se obteve deixando-o com o A.P.
- 5 = O S/1 funcionou sempre como estacionador do R.I., cabendo-lhe ainda o reconhecimento do P.C., cuja instalação ficou a cargo do Cmdo. da C.C.R.I..
- 6 = Nesta missão foi sentida uma sensível falha na dotação de veículos, pois o S/1 não dispõe de um Jeep para o seu transporte, quando é forçado a constantes deslocamentos.
- 7 = Como ilustração deve ser registrado que só em um dia o R.I. ocupou 5 P.C., todos reconhecidos previamente pelo S/1 que se socorria ora dos Jeeps do Pel. de Transmissões ora do Pelotão de Reconhecimento.
- 8 = Durante a ofensiva, em todos os reconhecimentos era levado um rádio, de modo a eliminar os tempos mortos e possibilitar ao Comando avançar o P.C. tão logo o novo local estivesse preparado.
- 9 = A impedimenta foi reduzida ao minimo. Todo o pessoal e material das 1ª, 2ª e 3ª Secções do E. M. do R. I. era transportado em 1 caminhão de 2 1/2 Ton. com reboque de 1 Tonelada.
- 10 = O entrosamento com o C. M. foi perfeito funcionando sem interrupções, tanto de dia como a noite, em todas as fases das Operações.
- 11 = O grupo do S/1 era constituído de um Sargento, 3 cabos escreventes e 1 soldado.

g) - DOCUMENTAÇÃO.

- 1 = A documentação com que trabalhamos foi mixta: americana e brasileira.
- 2 = De todos os mapas usados o S/1 é de parecer que os melhores são: O Mapa de Perdas Diárias (Daily Report) - modelo americano e o Mapa de situação real - modelo da 1ª D.I.E..
- 3 = Os mapas acima seriam de grande utilidade se mantidos na nossa vida diaria, mesmo em tempo de paz, pois permitem ao Comando ter um controle perfeito dos efetivos ficando sempre informado sobre as possibilidades e variações sofridas pelo mesmo, em cada Btl. ou O. R.
- 4 = O Vale de rações confeccionado pelo S/1 e baseado nos mapas de perdas diárias dos Btls. também foi de grande valor, pois só assim tornou-se possível fazer a distribuição das rações de acordo com a situação tática, muitas vezes completamente diversa das ligações administrativas.

Parece que esta pratica tambem poderia ser adotada em tempo de paz com reais vantagens principalmente para organização de exercicios e manobras em que tomem parte elementos de Sub-Unidades diferentes.

H - RELAÇÕES ANEXAS:

Adiante apresento relações nominais dos oficiais que tomaram parte na Campanha da Itália, com as funções que desempenharam, bem como relação dos oficiais e praças mortos ou feridos em ação.

A seguir transcrevo o relatório apresentado pelo Ajudante do Pessoal:

"REGIMENTO SAMPAIO

"AJUDÂNCIA DO PESSOAL"

Relatório das ocorrências havidas nesta repartição durante o periodo de 12-X-1.944 a 11-VIII-1.945

I - Exercícios de funções:

Desempenhou as funções de Ajudante do Pessoal, desde a criação da Ajudância do Pessoal a 1º-I-1.945, o Capitão SEBASTIÃO CONCEIÇÃO.

II - Efetivo:

A Ajudância do Pessoal se compõe de um cabo escrevente, por Sub-Unidade, um 2º Sargento Auxiliar, um cabo protocolista e um soldado mensageiro, ou sejam:

Cabos escreventes de sub-unidades	19
Cabo protocolista	1
Soldado mensageiro	1
2º Sargento auxiliar	1
Total	<u>22</u>

III - Disciplina:

Foi excelente o estado disciplinar das praças componentes da Ajudância, tendo havido apenas punições de faltas disciplinares.

IV - Serviços:

A Ajudância do Pessoal foi uma repartição creada em consequência da adoção da organização tipo americana.

Primitivamente, as alterações das praças eram feitas na própria sub-unidade, obedecendo ao criterio do Cmt. da Cia., e as dos oficiais, na secretaria do Corpo.

Com a organização da Ajudância, em que cada sub-unidade designa um cabo para fazer a escrituração de todo o seu efetivo, houve, de início, certa dificuldade de adaptação, uma vez que o Ajudante não conhecia os moldes em que funcionava a Americana.

Concorreu, com bons alvitres e muito boa vontade de cooperar, para coordenar os esforços e assentar as bases do seu funcionamento, o Capitão Moziul Moreira Lima, que, com a observação feita nos Estados Unidos, muito facilitou a tarefa do Ajudante.

Entrosado o mecanismo de funcionamento pelo sistema de ficha individual com melhoria contínua dada pela experiência real, a Ajudância do Pessoal tornou-se uma repartição util às Cias. e ao Regimento pelas seguintes razões:

- facilitou a ação do Cmt. de Sub-Unidade que, assim, dispõe de mais tempo para se entregar ao seu trabalho de instrutor;
- uniformizou o sistema de lançamento de alterações, pela Unidade de redação para todo o R.I.;
- rapidez nas informações a pedir ou nos esclarecimentos a prestar;
- rapidez na remessa de alterações de praças transferidas e excluidas, bem como na entrega das alterações dos oficiais;

- e) - fiscalização diária das alterações lançadas nas fichas das praças;
- f) - responsabilidade de um só oficial nas informações prestadas;
- g) - simplificação na escrituração, pois tornaram-se desnecessários os livros de alterações, o de castigo e recompensas das Cias.;
- h) - impossibilidade de atraso na escrituração do corpo em virtude da intervenção diária do Ajudante.

Acredito que se fôr distribuído a cada auxiliar de repartição uma maquina de escrever o rendimento do trabalho sera muito grande a ponto de poder ser atendida qualquer solicitação em um tempo máximo de 30 minutos.

É porém necessário que a seleção para escrevente seja rigorosa, devendo o candidato ter conhecimento de português, redação e dactilografia.

Por seu turno, o escrevente deverá gosar de certas regalias a serem estabelecidas pelo Comando.

Diante do exposto, creio que a conservação da Ajudância do Pessoal em moldes atuais atenderia e facilitaria de muito as atividades do Comando, podendo, ainda, ser dada ao Ajudante a autorização para assinar os documentos que não imputem em detrisão de duplo aspecto.

O movimento da repartição foi o seguinte no Teatro de Operações:

Ofícios expedidos de 12-X a 31-XII-1944	-	4.935
Ofícios expedidos de 1-I a -VIII-1945	-	1.313

QUARTEL NA VILA MILITAR, 23 de Setembro de 1945

(a) SABASTIÃO CONCEIÇÃO
Cap. Ajdt. do Pessoal."

(a) MOZIUEL MOREIRA LIMA
Cap. S/1

F. E. B.

REGIMENTO SAMPAIO

S/1

*N. biagg
ul*

QUADRO DISCRIMINATIVO DOS RECOMPLEMENTAMENTOS RECEBIDOS
PELO REGIMENTO SAMPAIO:

DATAS	Cap.	1º Ten.	2º Ten.	Asp. Of.	Sub- Ten.	1º Sgt.	2º Sgt.	3º Sgt.	Cabos	Sds.	Obs.
26-12-44	5	3	14								
5- 1-45						1	7	23	22	174	
15- 1-45			1 med.								
25- 1-45							2				
27- 1-45										1	
5- 2-45							8	10	5	128	
11- 2-45		1	2	1							
14- 2-45							2				
18- 2-45	1										
19- 2-45		2			1	2	1	3	5	12	
21- 2-45		2		4							
2- 3-45							1	1	17	128	
6- 3-45				1							
16- 3-45		2	1	1					8	3	
18- 3-45									2	8	
4- 4-45		1	1	5		1	1	11	14	113	
12- 4-45		1		2				4	6	45	
17- 4-45			1					4	2	52	
18- 4-45	1									1	
20- 4-45										8	
	7	12	20	14	1	4	22	56	81	673	

(a) MOZIUEL MOREIRA LIMA

Cap. S/1

REGIMENTO SAMPAIO

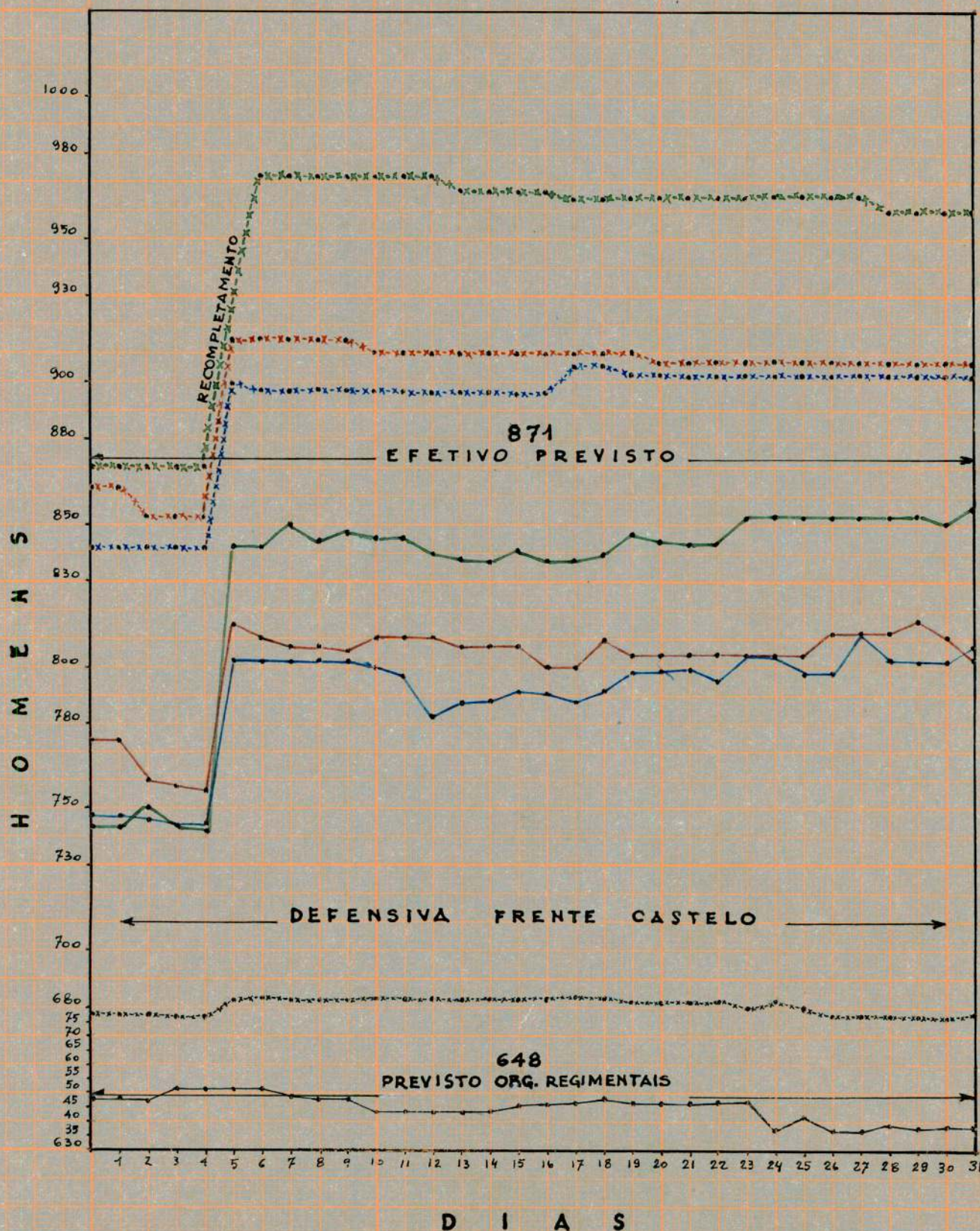
E F E T I V O

1º Btl. ———
2º Btl. ———
3º Btl. ———
O. REGIMENTAIS ———

J. Coia

PRONTO ———
RELACIONADO x-x-x-x-x

J A N E I R O



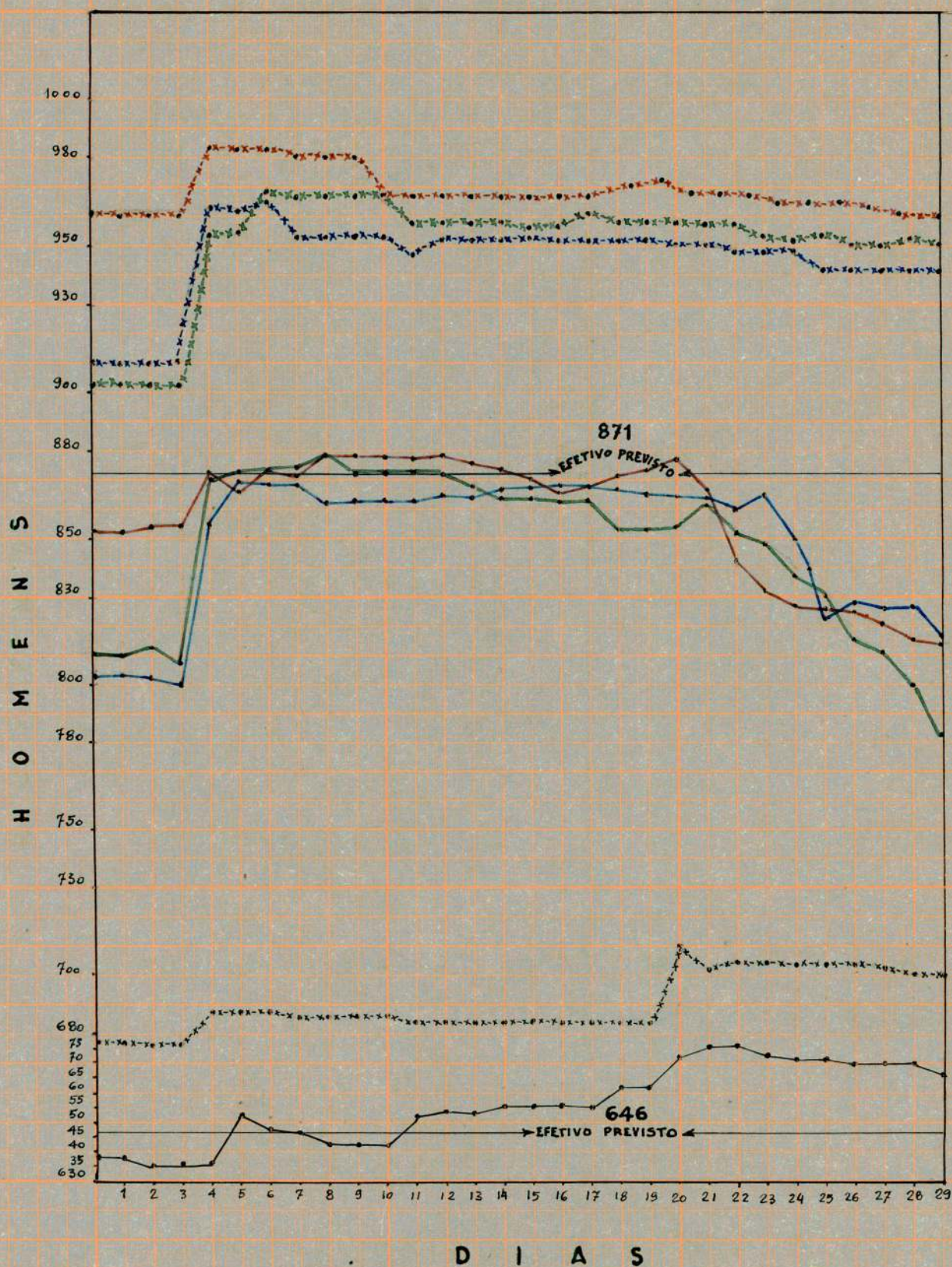
REGIMENTO SAMPAIO

E F E T I V O

1º Btl. ———
2º Btl. ———
3º Btl. ———
O. REGIMENTAIS ———

PRONTO ———
RELACIONADO x-x-x-x-x-x-x

F E V E R E I R O



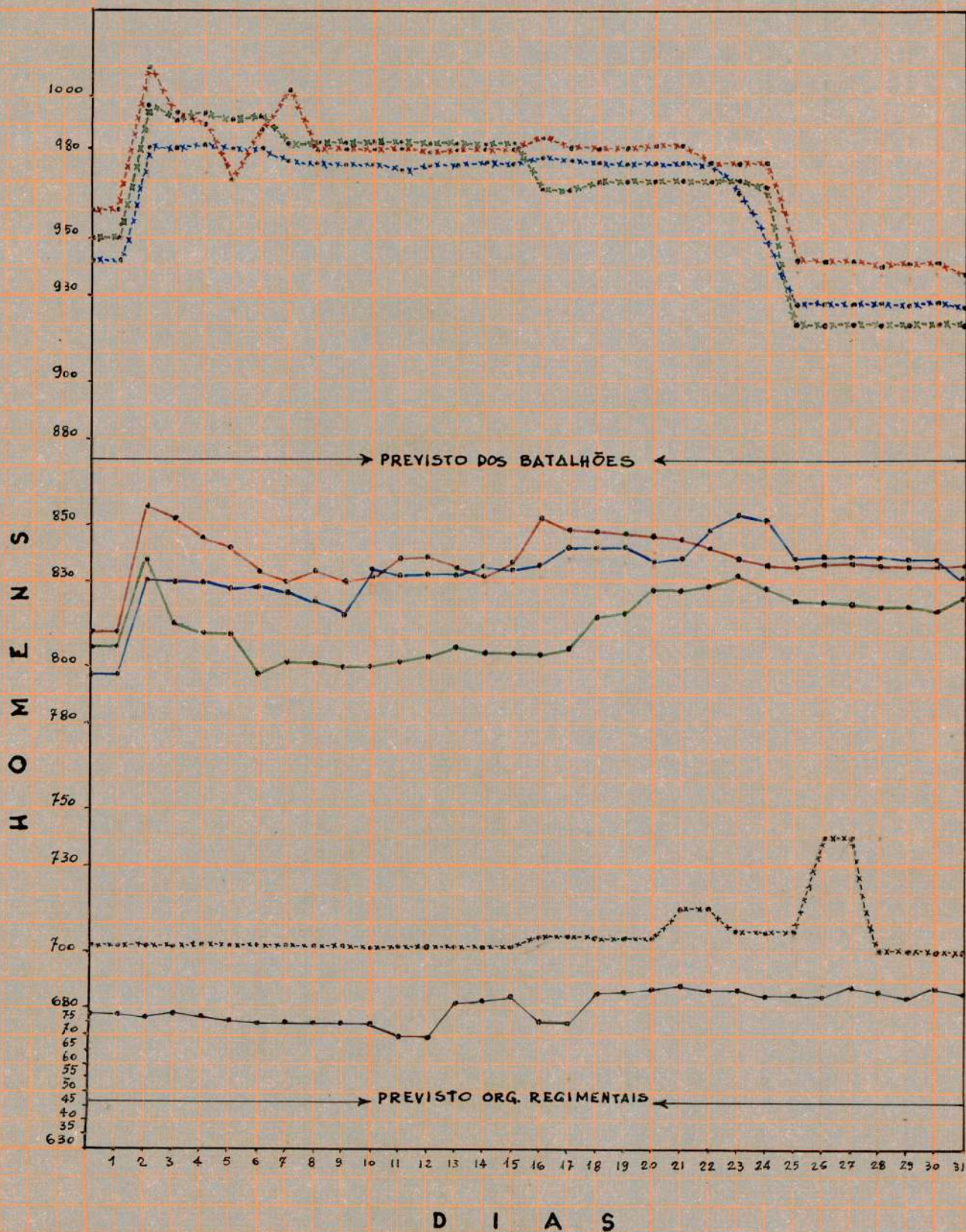
REGIMENTO SAMPAIO

EFETIVO

1º Btl. —
2º Btl. —
3º Btl. —
O.REGIMENTAIS —

PRONTO —
RELACIONADO -x-x-x-x-x-

M A R Ç O



REGIMENTO SAMPAIO

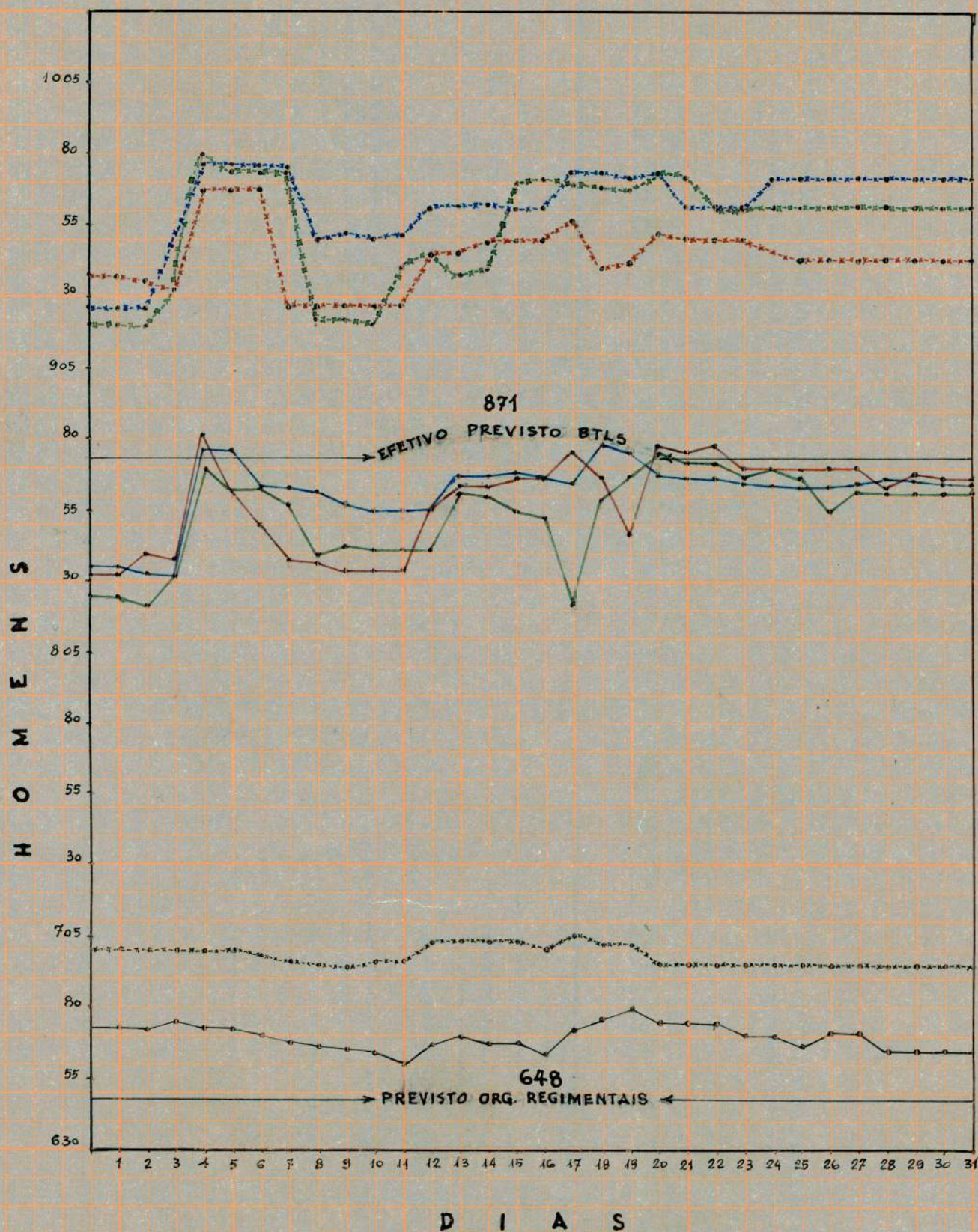
E F E T I V O

1º BH. —
2º BH. —
3º BH. —
O.REGIMENTAIS —

PRONTO —
RELACIONADO x-x-x-x-x

Alcides

A B R I L



F. E. B.

REGIMENTO SAMPAIO

S/1

S. L. A. S.
el

- RELAÇÃO DOS OFICIAIS QUE TOMARAM PARTE NA CAMPANHA DA ITÁLIA:

- ESTADO MAIOR -

POSTO	N O M E	FUNÇÃO EXERCIDA	PERIODO
Coronel	Aguinaldo Caiado de Castro	Cmt. do R.I.	Durante toda a campanha
Ten.Cel.	Samuel da Silva Pires	Sub-Cmt. do R. I.	Durante toda a campanha
Major	Oscar Passos	S/3	DE 31-X-944 até o final da campanha
Major	Julio Maximiano Ollivier Filho	Aux. do S/2 S/2	De 11-IV a 23-IV-45 De 23-IV a 22-VIII-45
Major	Diogo de Figueiredo Moreira Junior	S/2	De 22-IX-44 a 23-IV-45
Major	João Bina Machado	Aux. do S/3	De 25-XII-44 a 22-VIII-45.
Major	Jacy Yguatemy da Fonseca	Exced. do R.I.	De 8-VI a 16-VII-45.
Major	Luiz Gonzaga de Oliveira Leite	S/2	De 27-VII a 22-VIII-45.
Capitão	Mozilul Moreira Lima	S/1 S/3	De 29-XI-44 a 27-VII-45 De 28-VII a 22-VIII-45.
Capitão	Horacio Lemos Corrêa	S/1	De 28-VII a 22-VIII-45.
1º Ten.	José Alipio de Carvalho	Of. de Lig.	De 12-VI a 22-VIII-45.
1º Ten.	João Filson Soren	Capelão Militar	Durante toda a campanha.
1º Ten.	Manoel Genito do Carmo	Of. de lig.	De 1-I a 22-VIII-45.
2º Ten.	Raymundo Cavalcante da Silva.	Of. de lig.	De 4-IV a 22-VIII-45.
2º Ten.	Hilton Cesar Barbosa	Of. de lig.	De 17-IV a 7-VIII-45.

F. E. B.

REGIMENTO SAMPAIO

S/1

N. biady
me

- RELAÇÃO DOS OFICIAIS QUE TOMARAM PARTE NA CAMPANHA DA ITÁLIA:

- COMPANHIA DE COMANDO DO REGIMENTO -

POSTO	N O M E	FUNÇÃO EXERCIDA	PERIODO
Capitão	Moziul Moreira Lima	Cmt. da Cia.	De 1-7 a 29-11-44.
Capitão	Oscar Saraiva Batista	Cmt. da Cia.	De 30-11 a 4-12-44 e de 26-12-44 a 11-8- 45.
Capitão	Yedo Jacob Blauth	Cmt. da Cia.	De 5-12 a 25-12-44.
Capitão	Horacio Lemos Corrêa	Sub-Cmt.	De 1-7-44 a 27-7-45.
Capitão	Manoel Tomaz Castelo Branco	Of. das Trans. R.I.	De 1-7-44 a 25-7-45
1º Ten.	Luiz Gonzaga Moura	Of.Cmt.do Rec. e Sub-Cmt.	De 1-7-44 a 11-8-45 de 27-7-45 a 11-8-45.

F. E. B.

REGIMENTO SAMPAIO

S/1

J. G. G. G.

- RELAÇÃO DOS OFICIAIS QUE TOMARAM PARTE NA CAMPANHA DA ITÁLIA:

- COMPANHIA DE OBUZES -

POSTO	N O M E	FUNÇÃO EXERCIDA	PERIODO
Capitão	Hugo de Sá Campelo Filho	Cmt. Cia.	De 22-9 a 10-12-44.
Capitão de Art.	Antonio Carlos de Andrade Sarpa	Cmt. Cia.	De 10-12-44 a 22-8- 45.
Capitão	João do Amôr Divino	Sub-Cmt.	Durante toda a Cam- panha.
1º Ten. R/2	Paulo Scatena	Cmt. Pel.	Durante toda a Cam- panha.
1º Ten.	Fredimio Trota	Cmt. Pel.	De 22-9-44 a 20-2-45.
1º Ten.	Pedro Cordolino de Azevedo Filho	Cmt. Pel.	De 5-3 a 22-8-45.
2º Ten.	Brasil Ramos Caiado Filho	Cmt. Pel.	Durante toda a Cam- panha.
2º Ten.	Eduardo Ulhôa Cavalcante	Cmt. Pel.	De 2-4 a 22-8-45

F. E. B.

REGIMENTO SAMPAIO

S/1

S. Vieira

- RELAÇÃO DOS OFICIAIS QUE TOMARAM PARTE NA CAMPANHA DA ITÁLIA

- COMPANHIA DE CANHÕES ANTI-CARRO -

POSTO	N O M E	FUNÇÃO EXERCIDA	PERIODO
Capitão	Tercio de Moraes e Souza	Cmt. Cia.	Durante toda a Campanha.
1º Ten.	José de Freitas Lima Serpa	Cmt. Pel.	Durante toda a Campanha.
1º Ten.	Murilo Gomes Ferreira	Cmt. Pel.	Durante toda a Campanha.
1º Ten.	Ruy da Costa Freitas	Cmt. Pel.	Durante toda a Campanha.
1º Ten.	Airton Rodrigues dos Santos	Cmt. Pel.	Durante toda a Campanha.
1º Ten.	Sidney Vieira Braga	Cmt. Pel.	Durante toda a Campanha.
1º Ten.	Eurico Americo da Silva Bastos	Cmt. Pel.	De 22-9 a 21-11-44.
2º Ten. R/1	Protasio de Oliveira	Cmt. Pel.	De 22-9-44 a 2-4-45.

F. E. B.

REGIMENTO SAMPAIO

S/1

J. biagi

- RELAÇÃO NOMINAL DOS OFICIAIS QUE TOMARAM PARTE NA CAMPANHA DA ITÁLIA:

- COMPANHIA DE SERVIÇOS -

POSTO	N O M E	FUNÇÃO EXERCIDA	PERIODO
Major	José Manoel Ferreira Coelho	S/4	Toda a Campanha.
Capitão	Nelson Rodrigues de Carvalho	Cmt. Cia.	De 22-9-44 a 2-4-45.
Capitão	Florianio Peixoto Corrêa	Cmt. Cia.	De 3-4-45 em diante.
Capitão	Sebastião Conceição	Ajte. Pessoal	Toda a Campanha.
Capitão	Targino Antunes de Oliveira	Tesoureiro	Toda a Campanha.
Capitão	Loubec Vitor Paulino	Cmt. Pel. Transp.	Toda a Campanha.
Capitão	José Raul Guimarães	Serviços Espec.	De 25-12-44 em diante.
Capitão	Antonio Tavares de Lima	Ofic. de Munições	Toda a Campanha.
Capitão	Raimundo da Cunha Melo	S/4 - I Btl.	De 4-2-45 em diante.
Capitão	Oscar Saraiva Batista	Serviços Espec.	De 22-9-44 a 25-12-44
1º Ten.	Porfirio Fraga Brandão	S/4 - I Btl.	De 22-9-44 a 31-1-45.
1º Ten.	Marilio Malaquias dos Santos	Ajd. Pel. Transp.	De 22-9-44 a 29-2-45.
1º Ten.	Pedro de Alcantara e Silva	Ajd. Pel. Transp.	De 25-12-44 em diante.
1º Ten.	Walter Monteiro de Oliveira	S/4 II Btl.	Toda a Campanha.
1º Ten.	Oswaldo Paiva Siqueira	Exced.	De 7-6-45 em diante.
1º Ten.	Pedro Vitor de Carvalho Filho	Esced.	De 5-5-a 1º-8-45.
2º Ten.	Benjamim Constant Nunes Pereira	S/4 III Btl.	De 22-9-44 a 25-4-45 e de 2-6-45 em diante.
2º Ten.	José Ribamar da Silva	Aux. Pel. Transp.	De 25-4-a 21-7-45.
2º Ten.	Waldemar Antunes de Azevedo	Aux. A. Pessoal	De 25-4 a 16-7-45.
Asp.	Henry Mario Francis Jessen	Exced.	De 5-5 a 1º-8-45

(CONTINUAÇÃO)

St. biog

POSTO	N O M E	FUNÇÃO EXERCIDA	PERIODO
Asp.	Leonidas Carneiro Leão	Exced.	De 5-5 a 1º-8-45.

DESTACAMENTO DE SAÚDE

POSTO	N O M E	FUNÇÃO EXERCIDA	PERIODO
Major	Felipe de Freitas Castro	Médico Chefe	Toda a Campanha.
2º Ten.	Carlos Costa e Souza	Dentista	Toda a Campanha.
2º Ten.	Lauro Sampaio Viana	Dentista	Toda a Campanha.

F. E. B.

REGIMENTO SAMPAIO

S/1

S. Vieira

- RELAÇÃO NOMINAL DOS OFICIAIS QUE TOMARAM PARTE NA CAMPANHA DA ITÁLIA:

I BATALHÃO - E. M. e COMPANHIA DE COMANDO

POSTO	N O M E	FUNÇÃO EXERCIDA	PERIODO
Major	Olivio Gondim de Uzêda	Cmt. I Btl.	Toda a Campanha.
Capitão	Renato Augusto de Castro Moniz Aragão	Sub-Cmt. I Btl.	Toda a Campanha.
Capitão	Hildebrando Góes Cardoso	S/3 Of. de Op. do I Btl.	Toda a Campanha.
Capitão	Oswaldo Varejão da Fonseca	Cmt. C.C.I.- S/1	Toda a Campanha.
1º Ten.	Paulo de Mendonça Ramos	Sub-cmt. C.C. I. e Of. Mot. I Btl.	Toda a Campanha.
1º Ten.	Alberto Chahon	Of. Trans. do I Btl.	Toda a Campanha.
1º Ten.	Renato Neves Gonçalves Pereira	Of. Inf. I Btl. S/2	Toda a Campanha.
1º Ten.	Paulo Campos Paiva	Cmt. Pel. Anti-carro	Toda a Campanha.
2º Ten. R/2	Carlos Pinto da Siva	Cmt. Pel. de Remunic.	Toda a Campanha.
1º Ten. Médico	Dr. Waldemar Barcelos Borges	Chefe do S.S. 1º Btl.	Toda a Campanha.
2º Ten. R/2	Dr. Alberto Miranda Raposo Camara	Adjunto S.S. I Btl.	Toda a Campanha.
1º Ten. Pe.	Francisco Freire de Moura Filho	Capelão do I Btl.	Toda a Campanha.

F. E. B.

REGIMENTO SAMPAIO

S/1

H. biago

- RELAÇÃO NOMINAL DOS OFICIAIS QUE TOMARAM PARTE NA CAMPANHA DA ITÁLIA:

I BATALHÃO

1ª COMPANHIA

POSTO	N O M E	FUNÇÃO EXERCIDA	PERIODO
Capitão	Everaldo José da Silva	Cmt. da Cia.	Toda a Campanha.
Capitão	Erasto Pires Sayão	Sub-Cmt.	De 22-9-44 a 2-3-45, data em que baixou ao Hospital.
Capitão	Cezar Augusto Villaboim	Sub-Cmt.	De 28-3-45 em diante.
1º Ten.	Rubens da Fonseca Hermes	Cmt. Pel. Fuz.	De 22-9 a 25-12-44, data em que baixou ao Hospital.
1º Ten.	José Alipio de Carvalho	Cmt. Pel. Fuz.	De 22-9 a 29-12-44, data em que baixou ao Hospital.
1º Ten.	Carlos Augusto de Oliveira Lima	Cmt. Pel. Fuz.	De 22-9 a 31-12-44, data em que foi trans- ferido p/ 8ª Cia.
1º Ten.	Oswaldo de Souza	Cmt. Pel. Fuz.	De 19-2-45 em diante.
1º Ten.	José Digiacomo	Cmt. Pel. Petr.	De 20-4-45 em diante.
2º Ten.	Celso Patricio de Aquino	Cmt. Pel. Fuz.	De 5-1-45 em diante.
2º Ten.	Cecil Wall Barbosa de Carvalho	Cmt. Pel. Petr.	De 22-9-44 a 20-4-45, data em que baixou ao Hospital.
2º Ten.	Alexandre Costa Neto	Cmt. Pel. Fuz.	De 31-1 a 19-2-45, da- ta em que foi trans- ferido p/C.C.P. I.
2º Ten.	Adail Mendes Cordêiro	Cmt. Pel. Fuz.	De 19-2 a 21-7-45, da- ta em que embarcou na Itália.

F. E. B.

REGIMENTO SAMPAIO

S/1

S. biang

- RELAÇÃO NOMINAL DOS OFICIAIS QUE TOMARAM PARTE NA CAMPANHA DA ITÁLIA:

I BATALHÃO

2ª COMPANHIA

POSTO	N O M E	FUNÇÃO EXERCIDA	PERIODO
Capitão	José Barreto de Oliveira	Cmt. da Cia.	De 8-10-a 29-11-44.
Capitão	Oscar Saraiva Batista	Cmt. da Cia.	De 30-11 a 25-12-44.
Capitão	Edson Amancio Ramalho	Cmt. da Cia.	De 26-12-44 a 25-2-45.
Capitão	José Andersen Cavalcante	Cmt. da Cia.	De 26-2 a 1-7-45 e de 28-7 a 11-8-45.
Capitão	Luiz Corrêa Lima	Cmt. da Cia.	De 2-7 a 27-7-45.
1º Ten. R/2	José Machuca	Sub-Cmt.	Toda a Campanha.
1º Ten.	Fredimio Trotta	Subalterno	De 20-2 a 11-8-45.
1º Ten. R/2	Waldir O'dweyr	Subalterno	De 5-7 a 11-8-45.
1º Ten. R/2	Waldir Magalhães Pires	Subalterno	De 7-2 a 8-8-45
1º Ten.	Dulcelino Carvalho Tavares	Subalterno	De 8-10 a 31-12-44 e de 1º-5-a 8-8-45.
2º Ten. R/2	Dircio Menezes Pimentel	Subalterno	De 3-4 a 30-6-45.
1º Ten.	Ovidio Souto da Silva	Subalterno	De 8-10 a 29-11-44, quando baixou ao Hospital.
1º Ten.	Pedro Cordolino Ferreira de Azevedo Filho	Subalterno	De 8-8 a 31-12-44 e de 1º-1 a 6-2-45.
2º Ten.	Celio Dalva Vieira Regueira	Subalterno	De 26-12 a 31-12-44 e de 1º-1 a 4-2-45, quando baixou ao Hospital.
2º Ten. R/1	Raimundo Cavalcante	Subalterno	De 8-10 a 31-12-44 e de 1º-1 a 3-4-45.

F. E. B.
REGIMENTO SAMPAIO
S/1

- RELAÇÃO NOMINAL DOS OFICIAIS QUE TOMARAM PARTE NA CAMPANHA DA ITÁLIA:
I BATALHÃO 3ª COMPANHIA

POSTO	N O M E	FUNÇÃO EXERCIDA	PERIODO
Capitão	Salvador Gonçalves Mandim	Cmt. da Cia.	De 22-9 a 29-11-44, quando baixou ao Hospital.
Capitão	Anderson Cavalcante	Cmt. da Cia.	De 27-2 a 30-4-45, Transf.p/ 2ª Cia.
Capitão	Alfredo dos Reis Principe Junior	Cmt. da Cia.	4-12 a 31-12-44, quando baixou ao Hospital
Capitão	Yedo Jacob Blauth	Cmt. da Cia.	De 19-2 a 23-3-45, quando baixou ao Hospital.
Capitão	Paulo Moretzshn Brandi	Cmt. da Cia.	De 24-2 a 6-4-45. Transf.p/ D.P.da FEB.
Capitão	José Luiz de Lira e Oliveira	Cmt. da Cia.	De 2-5 a 22-8-45.
Capitão	Luiz Corrêa Lima	Sub-Cmt.	De 28-3 a 1º-6-45. Transf.p/ 2ª Cia.
Capitão	Cezar Augusto Villaboim	Sub-Cmt.	De 22-9-44 a 28-3-45. Transf. p/ 1ª Cia.
1º Ten.	Ruy da Costa Freitas	Cmt.Pel.Petr.	De 22-9 a 31-12-44.5 Transf.p/ C.C.A.C..
1º Ten.	Heinz Freitas	Cmt.Pel.	De 1º-1 a 19-2-45. Transf.p/ D.P. FEB.
1º Ten.	José Arthur Borges Cabral	Cmt.Pel.	De 1-7 a 22-8-45.
1º Ten.	Herald Tabb de Moraes	Cmt.Pel.	De 1-7 a 22-8-45.
1º Ten.	Humberto Gerardo Moretzshn Brandi	Cmt.Pel	De 22-9-44 a 12-3-45, quando baixou ao Hospital.
2º Ten.	Ruy de Oliveira Santos	Cmt.Pel.	De 1-7 a 22-8-45.
2º Ten.	Mauro Ferraz de Andrade	Cmt.Pel.	De 1-7 a 22-8-45.
2º Ten.	Romeu Diniz de Carvalho	Cmt.Pel.	De 22-9-44 a 30-4-45. Evacuado p/ o Brasil
2º Ten.	Godofredo Cerqueira Leite	Cmt.Pel.	De 22-9-44 a 28-2-45. Morto em ação.
2º Ten.	João dos Santos Lima	Exced.	
Asp.	Waldir O'dweyr	Cmt.Pel.	De 11-4 a 30-6-45.
Asp.	Urbano de Albuquerque	Cmt.Pel.	De 1-7-44 a 8-3-45, quando retornou ao Brasil.
Asp.	Joaquim de Araujo Guedes	Exced.	
Capitão	Adherbal Serpa da Fonseca	Cmt.da Cia.	De 17-4 a 27-4-45, quando baixou ao Hospital.

F. E. B.

REGIMENTO SAMPAIO

S/1

Handwritten signature/initials

- RELAÇÃO NOMINAL DOS OFICIAIS QUE TOMARAM PARTE NA CAMPANHA DA ITÁLIA:

I BATALHÃO

COMPANHIA DE PETRECHOS PESADOS

POSTO	N O M E	FUNÇÃO EXERCIDA	PERIODO
Capitão	Arnóbio Pinto de Mendonça	Cmt. da Cia.	Toda a Campanha.
Capitão	José Andersen Cavalcanti	Sub-Cmt.	De 22-9 a 12-12-44.
1º Ten.	José Juarez Bastos Pinheiro	Subalterno Sub-Cmt.	De 22-9 a 12-12-44. De 12-12-44 a 11-8-45.
1º Ten.	Moacyr de Souza Maia	Subalterno	De 22-9 a 26-10-44.
1º Ten.	Mauro Bolícar de Moura Carijó	Subalterno	De 22-9-44 a 11-8-45.
1º Ten.	Francisco Paes Leme	Subalterno	De 22-9-44 a 31-1-45, quando baixou ao Hos- pital.
1º Ten.	Carlos Alexandre Portela Passos Autran	Subalterno	De 22-9-44 a 11-8-45.
2º Ten.	Zafer Pires Ferreira	Subalterno	De 22-9-44 a 11-8-45.
2º Ten.	Enerito Augusto Curvelo	Subalterno	De 22-9-44 a 11-8-45.
2º Ten.	Carlos Pinto Nogueira	Subalterno	De 15-3 a 11-8-45.
2º Ten.	Celso Pena Fernandes	Subalterno	De 15-3 a 11-8-45.
2º Ten.	Alexandre Costa Neto	Subalterno	De 19-2 a 30-7-45.
2º Ten.	Urbano de Albuquerque	Subalterno	De 19-2 a 11-8-45.

F. E. B.

REGIMENTO SAMPAIO

S/1

H. Vieira

- RELAÇÃO NOMINAL DOS OFICIAIS QUE TOMARAM PARTE NA CAMPANHA DA ITÁLIA:

II BATALHÃO

ESTADO MAIOR

POSTO	N O M E	FUNÇÃO EXERCIDA	PERIODO
Major	Sizeno Sarmento	Cmt. do Btl.	Toda a Campanha.
Major	Argeus do Monte Lima	Sub-Cmt.	Toda a Campanha.
Capitão	Antonio Ferreira Marques	S/3	Toda a Campanha.

F. E. B.

REGIMENTO SAMPAIO

S/1

*L. biad
se*

- RELAÇÃO NOMINAL DOS OFICIAIS QUE TOMARAM PARTE NA CAMPANHA DA ITÁLIA:

II BATALHÃO

COMPANHIA DE COMANDO

POSTO	N O M E	FUNÇÃO EXERCIDA	PERIODO
Capitão	Antonio de Barros Moreira	S/1- Cmt. Cia.	Toda a Campanha.
Capitão	JoséLuiz de Lira e Oliveira	Excedente	De 25-12-44 a 22-8-45.
Capitão	Milton Luiz Kluge	Excedente	De 20-7 a 22-8-45.
1º Ten. R/2 Medi- co	Dr. Luiz Gonzaga Ribeiro	Aux. do Médi- co	Toda a Campanha.
1º Ten. R/2	Carlos Martins Seixas	S/2	Toda A Campanha.
1º Ten.	Cid Silverio Pacheco	Cmt.Pel.A.C.	Toda a Campanha.
1º Ten.	Celso Expedito Nogueira	Cmt.Pel.Trans.	Toda a Campanha.
1º Ten. Médico	Dr. José Francisco da Silva	Médico	Toda a Campanha.
1º Ten.	Amphilophio Viana de Carvalho	Of. motores	Toda a Campanha.
2º Ten. R/1	Mario Barroso Lisboa	Cmt.Pel.Rem.	Toda a Campanha.

F. E. B.

REGIMENTO SAMPAIO

S/1

Subindo

- RELAÇÃO NOMINAL DOS OFICIAIS QUE TOMARAM PARTE NA CAMPANHA DA ITÁLIA:

II BATALHÃO

4ª COMPANHIA

POSTO	NOME	FUNÇÃO EXERCIDA	PERÍODO
Capitão	Milton Luiz Kluge	Cmt. Cia.	De 6-10 a 17-12-44.
Capitão	Marcos de Souza Vargas	Cmt. Cia.	De 25-12-44 a 11-8-45.
Capitão	Alfredo dos Reis Príncipe Junior	Sub-Cmt.	6-10 a 3-12-44.
Capitão	Octavio de Castro Junior	Sub-Cmt.	De 1-1 a 3-4-45.
Capitão	José Luiz de Lira e Oliveira	Sub-Cmt.	De 3-4 a 5-5-45.
1º Ten.	Murilo Queiroz	Cmt. Cia. Cmt. Pel. Petr.	De 17 a 25-12-44. De 6-10 a 17-12-44 e de 25-12-44 a 11-8-45.
1º Ten.	Rubens da Fonseca Hermes	Sub-Cmt.	De 5-5 a 11-8-45.
1º Ten.	Antonio de Almeida Rosa	Cmt. 1º Pel.	De 6-10-44 a 22-1-45, e de 17-4 a 11-8-45.
1º Ten.	Tito Villalobos Filho	Cmt. 2º Pel.	De 25-12-44 a 18-2-45.
2º Ten.	Achilles Antonio Gallotti Kerhig	Cmt. 2º Pel.	De 6-10 a 12-12-44.
2º Ten.	Vicente Ivan de Paulo	Cmt. 2º Pel.	De 18 a 22-2-45.
2º Ten.	Helio Amorim Gonçalves	Cmt. 2º Pel.	De 22-2 a 14-4-45.
2º Ten.	Joaquim Thiago da Fonseca	Cmt. 2º Pel.	De 17-4 a 11-8-45.
2º Ten.	João Eduardo Goulart	Cmt. 1º Pel.	De 22-1 a 22-2-45.
2º Ten.	Joaquim Urias de Carvalho Alencar	Cmt. 3º Pel.	De 6-10-44 a 11-8-45.
Asp.	Francisco Méga	Cmt. 1º Pel.	De 22-2 a 14-4-45, quando morreu.
1º Ten.	Ayrton Rodrigues dos Santos	Sub-Cmt.	De 3-12-44 a 1-1-45.

F. E. B.

REGIMENTO SAMPAIO

S/1

Albi

- RELAÇÃO DOS OFICIAIS QUE TOMARAM PARTE NA CAMPAANHA DA ITÁLIA:

II BATALHÃO

5ª COMPANHIA

POSTO	N O M E	FUNÇÃO EXERCIDA	PERIODO
Capitão	Valdir Moreira Sampaio	Cmt. Cia.	Toda a Campanha.
1º Ten.	Ruy Leal Campello	Sub-Cmt.	Toda a Campanha.
1º Ten.	Gilson Campos	Subalterno	De 22-9-44 a 16-4-45.
1º Ten.	Darcidio de Oliveira	Subalterno	Toda a Campanha.
1º Ten.	Ayres Tovar Bicudo de Castro	Subalterno	Toda a Campanha.
1º Ten.	Segismundo Macedo de Oliveira	Subalterno	De 22-9-44 em diante.
2º Ten.	Moacyr Alves de Mendonça	Subalterno	De 18-2 a 21-7-45.
2º Ten.	José Ribamar da Silva	Subalterno	De 21-7 a 11-8-45.
Asp. Of.	Evilazio Lopes	Subalterno	De 21-7 a 11-8-45.

F. E .B.

REGIMENTO SAMPAIO

S/1

H. Coia

- RELAÇÃO NOMINAL DOS OFICIAIS QUE TOMARAM PARTE NA CAMPANHA DA ITÁLIA:

II BATALHÃO

6ª COMPANHIA

POSTO	N O M E	FUNÇÃO EXERCIDA	PERIODO
Capitão	José Raul Guimarães	Cmt. Cia.	De 22-9 a 25-12-44.
Capitão	Wolfango Teixeira de Mendonça	Cmt. Cia.	De 25-12-44 a 20-8-45.
1º Ten. R/2	Apolo Miguel Rezak	Cmt. Pel.	Toda a <u>Câmpanha</u> .
1º Ten. R/2	Helio Viana Carneiro	Cmt. Pel.	Toda a Campanha.
1º Ten.	Antonio de Almeida Rosa	Cmt. Pel.	Toda a Campanha.
1º Ten.	Moizés Chaves	Cmt. Pel.	Toda a Campanha.
2º Ten. R/1	João Eduardo Goulart	Cmt. Pel.	Toda a Campanha.
2º Ten. R/1	João Guilherme Schultz Marques	Cmt. Pel.	Toda a Campanha.
2º Ten. R/1	Pedro Adelio de Lima	Cmt. Pel.	Toda a Campanha.

F. E. B.

REGIMENTO SAMPAIO

S/1

S. Leiria

- RELAÇÃO NOMINAL DOS OFICIAIS QUE TOMARAM PARTE NA CAMPANHA DA ITÁLIA:

II BATALHÃO

COMPANHIA DE PETRECHOS PESADOS

POSTO	N O M E	FUNÇÃO EXERCIDA	PERIODO
Capitão	Celestino Nunes de Oliveira	Cmt. Cia.	Toda a Campanha.
1º Ten. R/2	Pedro de Alcantara e Silva	Sub-Cmt.	Até 25-12-44, quando foi Transf. p/ a Cia. de Serviços
1º Ten. R/2	Agberto de Miranda	Sub-Cmt.	De 25-12-44 até o final.
1º Ten. R/2	José Ribeiro Dias	Subalterno	Toda a Campanha.
1º Ten. R/2	Hugo Xavier Pinto Homem	Subalterno	Toda a Campanha.
1º Ten.	Domingos de Castro Sá Reis Filho	Subalterno	Toda a Campanha.
1º Ten.	Nilton Ferreira de Freitas	Subalterno	Toda a Campanha.
1º Ten.	Walter Pereira Nunes	Subalterno	Toda a Campanha.
1º Ten.	José de Carvalho Figueiredo	Subalterno	Toda a Campanha.

F. E. B.

REGIMENTO SAMPAIO

S/1

S. biagg

- RELAÇÃO NOMINAL DOS OFICIAIS QUE TOMARAM PARTE NA CAMPANHA DA ITÁLIA:

III BATALHÃO

ESTADO MAIOR

POSTO	N O M E	FUNÇÃO EXERCIDA	PERIODO
Ten.Cel.	Franklin Rodrigues de Morais	Cmt. Btl.	Toda a Campanha.
Major	Jacy Iguatemy da Fonseca	Sub-Cmt.	De 22-9-44 a 9-12-44
Major	Luiz Gonzaga de Oliveira Leite	Sub-Cmt.	De 9-12-44 a 27-7-45.
Capitão	Walter de Menezes Pais	S/3	Toda a Campanha.
Capitão	Eduardo D'Avila Melo	Sub-Cmt.	De 27-7-a 22-8-45.

F. E. B.

REGIMENTO SAMPAIO

S/1

H. biado

- RELAÇÃO NOMINAL DOS OFICIAIS QUE TOMARAM PARTE NA CAMPANHA DA ITÁLIA:

III BATALHÃO

COMPANHIA DE COMANDO

POSTO	N O M E	FUNÇÃO EXERCIDA	PERIODO
Capitão	Giordano Rodrigues Mochel	Cmt. Cia.	De 22-9 a 28-10-44.
Capitão	José Brenhachewski	Cmt. Cia.	De 28-10-44 a 22-8-45.
1º Ten.	Arthur Guaraná de Barros	Cmt. Pel.	Toda a Campanha.
1º Ten.	Newton Miller Rangel	Cmt. Pel.	Toda a Campanha.
1º Ten. R/2	Heveraldo Teixeira Gomes	Cmt. Pel.	Toda a Campanha.
1º Ten.	Dr. Jair Garcia de Freitas	Cmt. Pel.	Toda a Campanha.
1º Ten.	José Alfredo Barros da Silva Reis	Cmt. Pel.	Toda a Campanha.
1º Ten. R/1	Tadeu Cerski	Cmt. Pel.	Toda a Campanha.
2º Ten. R/2	Dr. Raul de Miranda Silva Junior	Cmt. Pel.	De 15-2 a 22-8-45.

F. E. B.

REGIMENTO SAMPAIO

S/1

N. 6129

- RELAÇÃO NOMINAL DOS OFICIAIS QUE TOMARAM PARTE NA CAMPANHA DA ITÁLIA:

II BATALHÃO

7ª COMPANHIA

POSTO	N O M E	FUNÇÃO EXERCIDA	PERIODO
Capitão	José Brenhachewski	Cmt. da Cia.	De 1-7 a 16-11-45.
Capitão	Heitor Furtado Arni ^z ant de Mattos	Cmt. da Cia.	De 16-11-44 a 24-4-45.
Capitão	Eduardo D'Avila Melo	Cmt. da Cia.	De 4-4 a 27-7-45.
Capitão	Joaqu ^{im} Miranda Pessoa de Andrade	Cmt. da Cia. Sub-Cmt.	De 27-7 a 11-8-45. Ainda com 1º Ten., de 10-2 a 27-7-45.
Capitão	Paulo de Carvalho	Sub-Cmt.	De 19-9-44 a 25-1-45.
1º Ten.	Alberto Carneiro da Cunha Nobrega	Sub-Cmt. Subalterno	De 25-1 a 10-2-45. De 24-11 a 31-12-44, de 1-1 a 25-1 e de 10- 2 a 7-8-45.
1º Ten.	Jorge Silva e Souza	Subalterno Sub-Cmt.	De 2-7 a 27-7-45. De 27-7 a 11-8-45.
1º Ten.	Carlos Gomes Vilela	Subalterno	De 25-12-44 a 11-8-45.
1º Ten.	Antoni ^o da Roch ^a a Alves Corrêa	Subalterno	De 18-11 a 16-12-44.
1º Ten.	Walter José Ramso Maia	Subalterno	De 19-9 a 11-12-44.
1º Ten.	Herald Tabl de Moraes	Subalterno	De 2-3 a 11-3-45
1º Ten.	Djalma Corrêa de Paula Machado	Subalterno	De 19-9 a 26-10-44.
2º Ten.	Manoel Genito do Carmo	Subalterno	De 19-9 a 31-12-44.
2º Ten.	Mucio Gomes da Silva	Subalterno	De 19-9 a 15-11-44
2º Ten.	Ernani Vidal	Subalterno	De 25-12-44 a 23-2-45 e de 12-3 a 11-8-45.
2º Ten.	José Leoncio Pessoa de Andrade	Subalterno	De 19-9 a 24-11-44.
2º Ten.	Athaide Silva	Subalterno	De 16-4 a 7-8-45.
2º Ten.	Aloisio Carneiro da Rocha	Subalterno	De 3-4 a 11-8-45.

F. E. B.

REGIMENTO SAMPAIO

S/1

Handwritten signature: J. biagg

- RELAÇÃO NOMINAL DOS OFICIAIS QUE TOMARAM PARTE NA CAMPANHA DA ITÁLIA:

III BATALHÃO

8ª COMPANHIA

POSTO	N O M E	FUNÇÃO EXERCIDA	PERIODO
Capitão	Lidio Mazza Kotarsky	Cmt. Cia.	De 7-2 a 5-3-45.
Capitão	Amadeu Mártire	Cmt. Cia.	De 22-9-44 a 5-2-45, data em baixou ao Hos- pital. Reincluido em 12-6-45 em diante.
Capitão	Paulo Carvalho	Cmt. Cia.	De 5-3 a 12-6-45.
1º Ten.	Ademar de Mesquita Rocha	Sub-Cmt.	Toda a Campanha.
1º Ten.	Wilson Marques de Abreu	Cmt. 3º Pel.	De 22-9-44 a 10-5-45, data em que baixou ao Hospital.
1º Ten.	Osvaldo Paiva Siqueira	Cmt. 2º Pel.	De 12-2 em diante.
1º Ten.	Guinemé Muniz	Cmt. 1º Pel.	De 29-11-44 em diante.
2º Ten.	Diamantino Fiel de Carvalho	Cmt. 1º Pel.	De 22-9 a 29-11-44, data em que baixou ao Hospital.
2º Ten.	Nelson Alabarce Zamora	Cmt. Pel. Petr.	Toda a Campanha.
2º Ten.	Alirio Granja	Cmt. 3º Pel.	De 10-2 a 30-6-45, da- ta em que foi transf. p/ C.P.P.III.
2º Ten.	Manoel Carvalho Lopes	Cmt. 3º Pel.	De 30-6-45 em diante. Comissionado 2º Ten. em 20-4-45.

F. E. B:

REGIMENTO SAMPAIO

S/1

J. Biaggio

- RELAÇÃO NOMINAL DOS OFICIAIS QUE TOMARAM PARTE NA CAMPANHA DA ITÁLIA:

III BATALHÃO

9ª COMPANHIA

POSTO	NOME	FUNÇÃO EXERCIDA	PERÍODO
Capitão	Alberto Jorge Farah	Cmt. Cia.	De 22-9-44 a 25-1-45 e de 28-2 a 22-8-45.
Capitão	Paulo de Carvalho	Cmt. Cia.	De 25-1 a 28-2-45.
Capitão	Humberto Alves de Amorim	Sub-Cmt.	Toda a Campanha.
1º Ten.	Miguel Cirne	Cmt. Pel. Petr.	De 24-10-44 a 22-8-45.
1º Ten.	Guineme Muniz	Cmt. Pel. Petr.	De 22-9 a 23-10-44.
1º Ten.	Antonio Candido Tavares Bordeaux Rego	Cmt. 3º Pel.	Toda a Campanha.
1º Ten.	José Digiacomo	Cmt. 1º Pel.	De 22-9-44 a 21-2-45.
1º Ten.	Manoel Machado dos Santos	Cmt. 2º Pel.	De 22-9-44 a 19-2-45.
1º Ten.	Antonio Moreno Gonzales	Cmt. 2º Pel. Subalterno	De 1-2 a 23-2 de 2-6 a 21-7-45.
2º Ten.	Jurandyr Loureiro Accioly	Cmt. 1º Pel.	De 21-2 a 22-8-45.
2º Ten.	Luciano Celestino Benrardt	Cmt. 2º Pel.	De 19-2 a 22-8-45.

F. E. B.

REGIMENTO SAMPAIO

S/1

H. biass

- RELAÇÃO NOMINAL DOS OFICIAIS QUE TOMARAM PARTE NA CAMPANHA DA ITÁLIA:

III BATALHÃO

COMPANHIA DE PETRECHOS PESADOS

POSTO	N O M E	FUNÇÃO EXERCIDA	PERIODO
Capitão	Heitor Furtado Arnizaut de Mattos	Cmt. Cia.	Toda a Campanha.
Capitão	Lidio Mazza Kotarsky	Sub-Cmt.	Toda a Campanha.
1º Ten.	Euripedes Ferreira dos Santos Junior	Cmt.1º Pel. Mtrs,	Toda a Campanha.
1º Ten.	Glauco de Castro e Silva	Cmt.Pel.Morte u ros	Toda a Campanha.
2º Ten.	Oliveiros Lana de Paula	Cmt.Secção	Toda a Campanha.
2º Ten.	Ivan Lobo Mazza	Cmt.Pel.de Mtrs.	Toda a Campanha.
2º Ten.	José Moreira Matos	Cmt.Secção	Toda a Campanha.
2º Ten.	Benedito Rodrigues	Cmt.Secção	Toda a Campanha.
2º Ten.	Alporandir do Nascimento	Cmt.Secção	De 18-12-44 a 25-12-44.
2º Ten.	Alirio Granja		Transf.p/ esta Cia. depois de terminada a Campanha.
2º Ten.	Waldemar Antunes de Azevedo		Transf.p/ esta Cia. depois de terminada a Campanha.

F. E. B.

P. C. em FRANCOLISE, 25-VI-1945.

1ª D. I. E.

REGIMENTO SAMPAIO

S/1

RELACÃO DAS PRACAS DO R. I. QUE AINDA SÃO CONSIDERADAS DESAPARECIDAS

Nº de Ordem	Graduação	Nome	Data	Local
1	2º Sgt.	José Valerio da Costa	29-11-44	M. Castello
2	3º Sgt.	José de Souza	12-12-44	M. Castello
3	3º Sgt.	Wilson Viana Barbosa	12-12-44	M. Castello
4	Cabo	Jorge Martinho Prado	6- 1-45	Mela
5	Cabo	Otavio Carlos da Silva	24- 3-45	Pola
6	Soldado	Paulino José de Oliveira	6- 1-45	Mela
7	Soldado	Cristino Clemente da Silva	12-12-44	M. Castello
8	Soldado	Arí Azevedo	12-12-44	M. Castello
9	Soldado	Durvalino do Espirito Santo	12-12-44	M. Castello
10	Soldado	Waldemar Cardoso Teixeira	14- 4-45	Montese
11	Soldado	Alberto Vicente Cardoso	12- 4-45	Montese
12	3º Sgt.	Lourival Alves de Souza	14- 4-45	Montese

(a) MOZIUL MOREIRA LIMA
Cap. Adj. R. I.

F. E. B.

1ª D. I. E.

REGIMENTO SAMPAIO

S/1

H. Biagi

M O R T O S E M A Ç Ã O

Nº de ordem	Graduação	Nome	Data	Local
1	Cabo	Justino José Ladeira	7-11-44	Marina de Pisa
2	Soldado	Orlando Ferreira Martins	7-11-44	Marina de Pisa
3	Cabo	Fleury Silva	22-11-44	Torre de Nerone
4	Soldado	Manoel Pinto	22-11-44	Pel. de Tratº
5	Soldado	Gregorio Vilalva	24-11-44	Torre de Nerone
6	Soldado	José Serafim	24-11-44	H. M.
7	Soldado	Rodrigo Leme da Silva	23-11-44	Reg.de Africo
8	Soldado	Wenceslau Spancersk	23-11-44	Volpara
9	Soldado	Othelo Ribeiro	3-12-44	Torre de Nerone
10	Soldado	Pedro Graciano Moreira	29-11-44	M. Castelo
11	Soldado	Francisco dos Santos Filho	29-11-44	M. Castelo
12	Soldado	Oswaldo Pereira	29-11-44	M. Castelo
13	Soldado	Gildo dos Santos Pereira de Lira	29-11-44	M. Castelo
14	Soldado	José Francisco de Souza	30-11-44	M. Castelo
15	3º Sgt.	Ciber Porto Mendonça	30-11-44	M. Castelo
16	Soldado	Wenceslau Firmino	30-11-44	M. Castelo
17	Soldado	Oswaldo de Carvalho	30-11-44	M. Castelo
18	Soldado	Leonidas Moreira	30-11-44	M. Castelo
19	Soldado	Jesuino Ventura	30-11-44	M. Castelo
20	Soldado	Luiz Manoel Ferreira	12-12-44	M. Castelo
21	Soldado	Diogo Garcia Martins	12-12-44	M. Castelo
22	2º Sgt.	Severino Barbosa Faria	12-12-44	M. Castelo
23	3º Sgt.	Felix Marqueti	12-12-44	M. Castelo
24	Soldado	Celio do Nascimento	12-12-44	M. Castelo
25	Soldado	Abilio dos Passos	12-12-44	M. Castelo
26	3º Sgt.	José Carlos da Silva	12-12-44	M. Castelo
27	Soldado	João Peçanha de Carvalho	12-12-44	M. Castelo
28	3º Sgt.	Antonio Costa Ernesto	25-12-44	H. M.
29	Soldado	Pedro Laurindo Filho	4-12-44	H. M.
30	Soldado	Damasio Rodrigues Gomes	29-12-44	Porreta

Nº de Ordem	Graduação	Nome	Data	Local
31	Soldado	Raul Marques Marinho	12-12-44	M. Castello
32	Soldado	Manoel Apolinário Reis	12-12-44	M. Castello
33	3º Sgt.	Oswaldo Canceição	30-12-44	Porreta
34	Soldado	Francisco Pereira dos Santos	14-12-44	H. M.
35	3º Sgt.	Paulo Moreira	4- 1-45	Porreta
36	3º Sgt.	Paulo Ignacio de Araujo	4- 1-45	Porreta
37	Soldado	Honorino Correia de Oliveira Filho	5- 1-45	
38	Soldado	Aurelio Venancio de Oliveira	30-11-44	M. Castello
39	Soldado	Eidoart da Silva Pontes	12-12-44	M. Castello
40	Cabo	José Gomes de Barros	12- 1-45	
41	Soldado	Julio Conceição	17- 1-45	H. M.
42	Soldado	José Amaro de Souza Peça- nha	21- 1-45	H. M.
43	Soldado	Arlindo Gonçalves dos Santos	4- 1-45	Porreta
44	Cabo	Olivaldo Barbosa Vilanova	29-11-44	M. Castello
45	Soldado	Americo Fernandes	25- 2-45	H.M.
46	Soldado	Olavio Soares do Amaral	22- 2-45	M. Castello
47	Soldado	Paulo Moraes Pinheiro	21- 2-45	M. Castello
48	Soldado	José Alexandre Machado	21- 2-45	M. Castello
49	Soldado	Paulo Damasio Rola	21- 2-45	M. Castello
50	Cabo	José Vieira da Conceição	21- 2-45	M. Castello
51	Soldado	João Soares Pimentel	21- 2-45	M. Castello
52	Soldado	Elídio Rodrigues Pinto	21-2 -45	M. Castello
53	Soldado	Delmiro Ferreira da Silva	21- 2-45	M. Castello
54	Soldado	João Moreira	21- 2-45	M. Castello
55	Soldado	Antenor Costa	21- 2-45	M. Castello
56	Soldado	José Domingues Pereira	21- 2-45	M. Castllo
57	Soldado	Toribio da Silva	21- 2-45	M. Castello
58	Soldado	Carlos Coco	21- 2-45	M. Castello
59	Soldado	Francisco Antonio Walter Savastano	21- 2-45	M. Castello
60	Soldado	Rubem de Souza	21- 2-45	M. Castello
61	3º Sgt.	Edesmo Afonso de Carvalho	21- 2-45	M. Castello
62	Cabo	Walmir Ernesto Holder	21- 2-45	M. Castello
63	Soldado	Francisco Alves de Oliveira	21- 2-45	M. Castello
64	Soldado	Virginio Lucio	21- 2-45	M. Castello
65	Soldado	Jacinto Lucas da Costa	21- 2-45	M. Castello

Nº de ordem	Graduação	Nome	Data	Local
66	Soldado	Hivio Domenico Naliato	22-2-45	M. Castelo
67	2º Sgt.	Ananias Holanda de Olivei- -ra	19-2-45	Gaggio Montano
68	Soldado	Elidio Machado Martins	19-2-45	Gaggio Montano
69	3º Sgt.	Benevides Valente Monte	21-2-45	M. Castelo
70	2º Ten.	Godofredo Cerqueira Leite	24-2-45	M. Castelo
71	Soldado	Benjamim Theotonio de Lima	24-2-45	M. Castelo
72	3º Sgt.	Jorge Moçores	29-11-44	M. Castelo
73	Soldado	João Americo da Silva	29-11-44	M. Castelo
74	Soldado	Dionizio Chagas	29-11-44	M. Castelo
75	Soldado	Ayres Quaresma	29-11-44	M. Castelo
76	Soldado	Joaquim Antonio de Olivei- -ra	29-11-44	M. Castelo
77	Soldado	João Ferreira da Silva	29-11-44	M. Castelo
78	2º Sgt.	Herminio Aurelio Sampaio	12-12-44	M. Castelo
79	3º Sgt.	Luiz Rodrigues Filho	12-12-44	M. Castelo
80	Soldado	José de Araujo	12-12-44	M. Castelo
81	Soldado	Waldemar Ferreira Fidalgo	12-12-44	M. Castelo
82	Soldado	Oscar Schade	12-12-44	M. Castelo
83	Soldado	Antonio Eugenio Vieira	12-12-44	M. Castelo
84	Soldado	Alcebiades Sodré	12-12-44	M. Castelo
85	Soldado	Ignacio Gomes	12-12-44	M. Castelo
86	Soldado	João Rodrigues	12-12-44	M. Castelo
87	3º Sgt.	Aires da Silva Dias	12-12-44	M. Castelo
88	3º Sgt.	Edgard Lourenço Pinto	12-12-44	M. Castelo
89	Cabo	Epitacio de Souza Lucena	12-12-44	M. Castelo
90	Soldado	Ernezito José das Chagas	12-12-44	M. Castelo
91	Soldado	Lelio Martins de Souza	12-12-44	M. Castelo
92	Soldado	Marcelino Lourenço	12-12-44	M. Castelo
93	Soldado	Eleaquim Batista	12-12-44	M. Castelo
94	Soldado	Sebastião Felicio	12-12-44	M. Castelo
95	Soldado	Jorge da Costa Lima	12-12-44	M. Castelo
96	Soldado	Benone Falcão Gouveia	12-12-44	M. Castelo
97	Soldado	Alvaro Gomes Santiago So- -brinho	12-12-44	M. Castelo
98	Soldado	Teonilo de Souza	12-12-44	M. Castelo
99	Soldado	Francisco José de Souza	12-12-44	M. Castelo
100	Cabo	Gastão Gama	29-11-44	M. Castelo
101	Cabo	Herminio Antonio da Silva	29-11-44	M. Castelo
102	Soldado	Mauricio Moreira Rodrigues	29-11-44	M. Castelo
103	Soldado	Achilles Brasil	8-3-45	Cappel Buzzo
104	Soldado	José da Silva Almeida Filho	29-11-44	M. Castelo
105	Soldado	Claudovino Madaleno dos San- -tos	15-3-45	M. Belvedere

PAGINA Nº 4 - MORTOS EM AÇÃO

Nº de Ordem	Graduação	Nome	Data	Local
106	Soldado	Candido da Luz Paiva	9- 3-45	H. M.
107	Soldado	João Nunes	29-11-44	M. Castello
108	Soldado	Francisco de Paula Moura Neto	29-11-44	M. Castello
109	Soldado	Adalberto Candido de Melo	28- 2-45	M. Belvedere
110	Cabo	Paulo Pereira da Silva	7- 4-45	M. Belvedere
111	Cabo	Miguel Maroti Cabral	11- 4-45	Reg. Sasso Mo- lare
112	Asp.Of.	Francisco Mega	14- 4-45	Montese
113	Soldado	Lucindo Nepomuceno Cebalio	14- 4-45	Montese
114	Soldado	João Rodrigues Franco	14-4 -45	Montese
115	Soldado	Wilson Ribeiro Bonfim	14- 4-45	Montese
116	Soldado	Servino Mengarda	14- 4-45	Montese
117	3º Sgt.	Francisco de Castro	22- 4-45	Castelino
118	Soldado	Hortencio da Rosa	22- 4-45	Missano
119	Soldado	Waldemar Rodrigues	22- 4-45	Castelino
120	3º Sgt.	Jupir de Souza Pinto	20- 4-45	H.M.
121	Soldado	Cosme Fontes Lira	23- 4-45	H.M.
122	3º Sg.t.	João Lopes Filho	19- 4-45	C. D'Aiano
123	Cabo	José Graciliano Carneiro da Silva	24- 1-45	Cota 720 a NW de Precaria
124	Soldado	Aristides José da Silva	24- 1-45	Cota 720 a NW de Precaria
125	Soldado	Clovis da Cunha Paes de Castro	24- 4-45	Cota 720 a NW de Precaria
126	3º Sgt.	Edson Salles de Oliveira	14- 4-45	Montese
127	Soldado	Alicio Clara Semeão	14- 4-45	Montese
128	Soldado	Herminio Cardozo de Melo	16- 3-45	Belvedere
129	Soldado	Manoel Eduardo de Souza	8- 4-45	Belvedere
130	Soldado	Anesio Antão Pereira	8- 2-45	C. Marconi
131	Soldado	Francisco Ferreira Malafaia	29-10-44	Piza
132	3º Sgt.	Manoel Chagas	14- 4-45	C. D'Aiano
133	Soldado	Pedro Mariano de Souza	29-10-45	Piza
134	Cabo	Aguinaldo Saturnino da Rocha	22-11-44	
135	Soldado	Francisco Dias	22-11-44	
136	Soldado	Aufileofio Silveira Lessa	23- 3-45	
137	Soldado	Laercio Xavier de Mendonça	3- 5-45	Estr. Milão
138	Soldado	Vasco Teixeira da Silva	4- 5-45	
139	Soldado	José Gomes	11- 5-45	Pontenure
140	3º Sgt.	Dermeval de Souza Gil	17- 5-45	Rio Pó
141	Soldado	Antonio de Souza	19- 5-45	Rio Pó

H. B. Lima

Nº de Ordem	Graduação	Nome	Data	Local
142	Soldado	José Custodio Sampaio	22- 5-45	Pistoia
143	Soldado	Heleno Ramos Marinho	20- 5-45	Pistoia
144	Soldado	Atualpa Pereira Leite Filho	28- 5-45	Livorno

(a) MOZIUL MOREIRA LIMA
Cap. Adj. R.I.

F. E. B.

La. D.I.E.

REGIMENTO SAMPAIO

S/1

S. biang

RELACÃO DOS OFICIAIS E PRACAS FERIDOS EM ACÃO

<u>Nº de ordem</u>	<u>Graduação</u>	<u>Nome</u>	<u>Data</u>	<u>Local</u>
1	1º Ten.	Luiz Gonzaga Moura	7.11.44	Marina de Pisa
2	Soldado	Otonil Nery	7.11.44	Marina de Pisa
3	3º Sgt.	Henrique de Iacovo	22.11.44	Torre de Nerone
4	Soldado	José Ferreira de Araujo	22.11.44	Torre de Nerone
5	Soldado	Orticica Alves	22.11.44	Torre de Nerone
6	Soldado	Abel Marques de Oliveira	22.11.44	Torre de Nerone
7	Soldado	Pedro de Araujo Gomes	22.11.44	Torre de Nerone
8	2º Ten.	José Leoncio Pessoa de Andrade	23.11.44	Torre de Nerone
9	2º Sgt.	Waldemiro Bento de Faria	22.11.44	Torre de Nerone
10	3º Sgt.	José Nogueira Brandão	22.11.44	Torre de Nerone
11	Soldado	Candido Batista Amorim	22.11.44	Torre de Nerone
12	Soldado	José Romulo Pinto	22.11.44	Torre de Nerone
13	Soldado	Oscarlino dos Santos	22.11.44	Torre de Nerone
14	Soldado	Alberto Bonfim dos Santos	22.11.44	Torre de Nerone
15	Soldado	Custodio da Silva Filho	22.11.44	Torre de Nerone
16	Soldado	Alexandre Gomes	23.11.44	Torre de Nerone
17	Soldado	Hugo Augusto de Queiróz	23.11.44	Torre de Nerone
18	Soldado	Henrique Bonquimpani	23.11.44	Torre de Nerone
19	Soldado	Erodino José Alves	23.11.44	Torre de Nerone
20	Soldado	Franklin Marimbondo Trindade	22.11.44	Torre de Nerone
21	Soldado	Wilson França	23.11.44	Torre de Nerone
22	Soldado	Otaviano José da Silva	23.11.44	Torre de Nerone
23	Soldado	Erlete Gonçalves	23.11.44	Torre de Nerone
24	Cabo	Nilton Sergio de Oliveira e Silva	24.11.44	Torre de Nerone
25	Soldado	João Batista França	23.11.44	Torre de Nerone
26	3º Sgt.	Virgilio Francisco da Silva	23.11.44	Torre de Nerone
27	Soldado	Sebastião Rodrigues da Gama	23.11.44	Torre de Nerone
28	Soldado	Joaquim Romilhoo	24.11.44	Africo
29	Soldado	Pedro Cardoso Filho	22.11.44	Torre de Nerone
30	Soldado	Ivo Teles de Azevedo Passos	24.11.44	Torre de Nerone

PAGINA Nº 2 - RELAÇÃO DOS OFICIAIS E PRACAS FERIDOS EM AÇÃO

<u>Nº de ordem</u>	<u>Graduação</u>	<u>Nome</u>	<u>Data</u>	<u>Local</u>
31	2º Sgt.	Zaneli de Aguiar	23.11.44	Volpara
32	3º Sgt.	Edgard Cardoso	23.11.44	Volpara
33	Soldado	Lourival Olavo da Silva	27.11.44	Volpara
34	Soldado	Flavio Gomes Tavares	28.11.44	Torre de Nerone
35	3º Sgt.	Nildo Oliveira Costa	28.11.44	Torre de Nerone
36	Soldado	Raymundo Feitosa da Silva	28.11.44	Torre de Nerone
37	Soldado	Antônio Gonçalves Couti nho	28.11.44	Volpara
38	Soldado	Hermano Ferreira Medeiros	28.11.44	Monte Castelo
39	Soldado	Mario Marinho Teixeira	28.11.44	Monte Castelo
40	Soldado	Josefim Boraneli	29.11.44	Torre de Nerone
41	Soldado	Osmar Mariano de Oliveira	29.11.44	Torre de Nerone
42	Soldado	Roberto Pereira	27.11.44	Torre de Nerone
43	Cabo	Andrelino de Andrade	28.11.44	Torre de Nerone
44	Soldado	Manoel do Espirito Santo	29.11.44	Torre de Nerone
45	Soldado	Roque Chiles Candido	28.11.44	Volpara
46	3º Sgt.	Alberico de Albuquerque Maranhão	2.11.44	
47	Soldado	José Alves de Siqueira	2.12.44	Torre de Nerone
48	Soldado	José Miquelon	4.12.44	Torre de Nerone
49	Soldado	Geraldo José da Silva	30.11.44	Africo
50	Soldado	Dionisio Teixeira	29.11.44	Morro Castelo
51	Soldado	Amaro Freitas	29.11.44	Morro Castelo
52	Soldado	Alvaro Damasceno	29.11.44	Morro Castelo
53	Soldado	Nivaldo Patermann	29.11.44	Morro Castelo
54	Soldado	Pedro Jorge Lessa	29.11.44	Morro Castelo
55	Soldado	Octacilio Martins Viana	29.11.44	Morro Castelo
56	Soldado	Geraldo Joaquim de Souza	29.11.44	Morro do Castelo
57	Soldado	Claudovino Madaleno dos Santos	29.11.44	Morro Castelo
58	Soldado	Oswaldo Conceição	29.11.44	Morro Castelo
59	Soldado	Aloysio Silva	29.11.44	Morro Castelo
60	Soldado	Julio Lopes de Oliveira	29.11.44	Morro Castelo
61	Soldado	Wilson Ferreira Gonçalves	29.11.44	Morro Castelo
62	Soldado	Eduardo Quessada	29.11.44	Morro Castelo
63	Soldado	Elias Diniz Silva	29.11.44	Morro Castelo
64	Soldado	Antonio Trevisano	29.11.44	Morro Castelo
65	Soldado	Virgilio Augusto Gomes	29.11.44	Morro Castelo
66	Soldado	Adelcio Marques	29.11.44	Morro Castelo
67	Soldado	Messias Farias	29.11.44	Morro Castelo
68	Soldado	Augusto Cordeiro	2.12.44	Africo
69	Soldado	Elvino Ferreira Guimarães	29.11.44	Morro Castelo
70	Soldado	João Albino Afonso	29.11.44	Morro Castelo

<u>Nº de ordem</u>	<u>Graduação</u>	<u>Nome</u>	<u>Data</u>	<u>Local</u>
71	Soldado	Dirceu Guedes Ramos	29.11.44	Morro do Castelo
72	Soldado	Daniel Antonio Teixeira	29.11.44	Morro do Castelo
73	Soldado	Aod Duarte	29.11.44	Morro do Castelo
74	Soldado	Heráclito José Ramalho	29.11.44	Morro do Castelo
75	Soldado	Geraldo Graça Gomes	29.11.44	Morro do Castelo
76	Soldado	Armano Gomes	29.11.44	Morro do Castelo
77	Soldado	Crispim José do Nascimento	29.11.44	Morro do Castelo
78	Soldado	Rodolfo Martins	29.11.44	Morro do Castelo
79	Soldado	Luiz José de Campos	29.11.44	Morro do Castelo
80	Soldado	Julio Pereira Lima	29.11.44	Morro do Castelo
81	Soldado	Wilson Antonio dos Santos	29.11.44	Morro do Castelo
82	Soldado	Severino Francisco Felisberto	29.11.44	Morro do Castelo
83	Soldado	João Quinhagem	29.11.44	Morro do Castelo
84	Soldado	Geraldo Cassiano da Silva	29.11.44	Morro do Castelo
85	Soldado	Romeu Marona	29.11.44	Morro do Castelo
86	Soldado	Tercio Fernandes	29.11.44	Morro do Castelo
87	Soldado	Amellet Menegati	29.11.44	Morro do Castelo
88	Soldado	Ampelio Casellato	29.11.44	Morro do Castelo
89	Soldado	Rubens Nery Moreno	29.11.44	Morro do Castelo
90	Soldado	Roosevelt Mota	29.11.44	Morro do Castelo
91	Soldado	Carlos Alves Serra	29.11.44	Morro do Castelo
92	Soldado	Domingos Jorge do Nascimento	29.11.44	Morro do Castelo
93	Soldado	José de Freitas Jr.	29.11.44	Morro do Castelo
94	Soldado	Braz Laurindo de Souza	29.11.44	Morro do Castelo
95	Soldado	Aderbal Ribeiro	29.11.44	Morro do Castelo
96	Soldado	Walter Santor	29.11.44	Morro do Castelo
97	Soldado	José Cardoso	29.11.44	Morro do Castelo
98	Soldado	Vessio Maneli	29.11.44	Morro do Castelo
99	Soldado	Gerson Castor da Silva	29.11.44	Morro do Castelo
100	Soldado	Florentino Peçanha Rangel	29.11.44	Morro do Castelo
101	Soldado	Wantuil Pereira	29.11.44	Morro do Castelo
102	Soldado	Zair Garcia Seixas	29.11.44	Morro do Castelo
103	Soldado	Casimiro Esteves de Carvalho	29.11.44	Morro do Castelo
104	Soldado	João Pimentel da Silva	29.11.44	Morro do Castelo
105	Soldado	Mario Ferreira	29.11.44	Morro do Castelo
106	Soldado	David Pereira	29.11.44	Morro do Castelo

PAGINA 4 - RELACÃO DOS OFICIAIS E PRAÇAS FERIDOS EM AÇÃO

<u>Nº de ordem</u>	<u>Graduação</u>	<u>Nome</u>	<u>Data</u>	<u>Local</u>
107	Soldado	Alfredo Marzulo	29.11.44	Morro do Castelo
108	Soldado	Adrimar Francisco de Freitas	29.11.44	Morro do Castelo
109	Soldado	Altamiro Mendes Guimarães	29.11.44	Morro do Castelo
110	Soldado	Waldyr Corrêa da Silva	29.11.44	Morro do Castelo
111	Soldado	Jacinto Olivio Cesquim	29.11.44	Morro do Castelo
112	Soldado	Raul Teixeira de Freitas	29.11.44	Morro do Castelo
113	Soldado	José Floriano Welasco	29.11.44	Morro do Castelo
114	Soldado	Waldir Lopes de Souza	29.11.44	Morro do Castelo
115	Soldado	Nelson de Mello	29.11.44	Morro do Castelo
116	Soldado	Adelino Augusto de Araujo	29.11.44	Morro do Castelo
117	Soldado	Anizio Moreira Rodrigues	29.11.44	Morro do Castelo
118	Soldado	Alipio Pires da Silva	29.11.44	Morro do Castelo
119	Soldado	José Rocha	29.11.44	Morro do Castelo
120	Soldado	José Cordeiro	29.11.44	Morro do Castelo
121	Soldado	Roque Rodrigues dos Santos	29.11.44	Morro do Castelo
122	Soldado	Benedito Marcilio de Souza	29.11.44	Morro do Castelo
123	Soldado	Paulo Ricardo Rodrigues	29.11.44	Morro do Castelo
124	Soldado	Pedro Martins Cotta	29.11.44	Morro do Castelo
125	Soldado	Carlos Rosa	29.11.44	Morro do Castelo
126	Soldado	Benedito de Souza Pires	29.11.44	Morro do Castelo
127	Soldado	José Pereira Mesquita	29.11.44	Morro do Castelo
128	Soldado	Newton Navarro Faria	29.11.44	Morro do Castelo
129	Soldado	José de Freitas Palhano	29.11.44	Morro do Castelo
130	Soldado	João Joaquim Sant'Ana Sobrinho	29.11.44	Morro do Castelo
131	Soldado	Renato Loureiro Viguê	29.11.44	Morro do Castelo
132	Cabo	Aristides de Souza Leite	29.11.44	Morro do Castelo
133	Cabo	Jorge Martinho Prado	29.11.44	Morro do Castelo
134	Cabo	Luiz Bavani Barreto do Rego	29.11.44	Morro do Castelo
135	Cap.	Salvador Gonçalves Mandim	29.11.44	Morro do Castelo
136	1º Ten.	José Alipio de Carvalho	29.11.44	Morro do Castelo

PAGINA Nº 5 - RELAÇÃO DOS OFICIAIS E PRAÇAS FERIDOS EM AÇÃO

<u>Nº de ordem</u>	<u>Graduação</u>	<u>Nome</u>	<u>Data</u>	<u>Local</u>
137	2º Sgt.	Newton de Luna Freire	29.11.44	Morro do Castelo
138	2º Sgt.	Cicero Alencar	29.11.44	Morro do Castelo
139	2º Sgt.	Francisco Ferreira Ventilar	29.11.44	Morro do Castelo
140	3º Sgt.	Sebastião Campos	29.11.44	Morro do Castelo
141	3º Sgt.	Kialdo de Azevedo Lemos	29.11.44	Morro do Castelo
142	3º Sgt.	Turibio José de Sales	29.11.44	Morro do Castelo
143	3º Sgt.	Itagiba de Queiroz	29.11.44	Morro do Castelo
144	3º Sgt.	Francisco de Castro	29.11.44	Morro do Castelo
145	3º Sgt.	Raimundo Pinheiro dos Santos	29.11.44	Morro do Castelo
146	3º Sgt.	Ismar Pereira Braga	29.11.44	Morro do Castelo
147	3º Sgt.	Carlos Claudiano da Silva	29.11.44	Morro do Castelo
148	3º Sgt.	Adalberto Rodrigues Torres	29.11.44	Morro do Castelo
149	2º Sgt.	José Felismino de Barros	29.11.44	Morro do Castelo
150	Cabo	Moacir Duarte	29.11.44	Morro do Castelo
151	Cabo	Olavio Neto de Almeida	29.11.44	Morro do Castelo
152	Cabo	Severino de Almeida Araújo	29.11.44	Morro do Castelo
153	Cabo	Ademario de Amorim Machado	29.11.44	Morro do Castelo
154	Cabo	Lourival Fernandes	29.11.44	Morro do Castelo
155	Cabo	Paulo Braga	29.11.44	Morro do Castelo
156	2º Sgt.	Elisio de Souza Brito	29.11.44	Morro do Castelo
157	Cabo	Henrique Ferreira Nunes	29.11.44	Morro do Castelo
158	Soldado	Helson Ferreira Dutra	29.11.44	Morro do Castelo
159	Soldado	Geraldo Napoleão de Souza	29.11.44	Morro do Castelo
160	Soldado	Acidio Pereira da Silva	29.11.44	Morro do Castelo
161	Soldado	Raymundo Ribeiro da Fonseca	29.11.44	Morro do Castelo
162	Soldado	Anirepe da Conceição	29.11.44	Morro do Castelo
163	Soldado	Eduardo de Lima	29.11.44	Morro do Castelo
164	Cabo	Waldemiro Caetano Martins	29.11.44	Morro do Castelo
165	Cabo	Alberto Leite Pessôa	29.11.44	Morro do Castelo
166	Cabo	Geraldo de Oliveira	29.11.44	Morro do Castelo
167	Soldado	Alipio Ferreira de Amorim	29.11.44	Morro do Castelo
168	Soldado	Eulalio Cordeiro Bahia	29.11.44	Morro do Castelo
169	Soldado	Pedro Rapanha	29.11.44	Morro do Castelo
170	Soldado	José Alvaro Cunha	29.11.44	Morro do Castelo
171	Soldado	Ubiratan Santos Rocha	29.11.44	Morro do Castelo
172	Soldado	Belchior da Silva Reis	29.11.44	Morro do Castelo

PAGINA Nº 6 - RELAÇÃO DOS OFICIAIS E PRACAS FERIDOS EM AÇÃO

<u>Nº de ordem</u>	<u>Graduação</u>	<u>Nome</u>	<u>Data</u>	<u>Local</u>
173	Soldado	Ernesto Sampaio Novo	12-12-44	M. Castelo
174	Soldado	Targino Pimenta Filho	12-12-44	M. Castelo
175	Cabo	Jorge dos Santos	12-12-44	M. Castelo
176	Soldado	Luiz Magno da Paixão	12-12-44	M. Castelo
177	Cabo	Isaac dos Santos Loyola	12-12-44	M. Castelo
178	Capitão	Argens do Monte Lima	12-12-44	M. Castelo
179	2º Ten.	Antonio Achilles Galoti Kering	12-12-44	M. Castelo
180	2º Ten.	Manoel Genito do Carmo	12-12-44	M. Castelo
181	2º Sgt.	Pedro Agostinho da Costa	12-12-44	M. Castelo
182	Soldado	Sebastião Francisco Rodrigues	12-12-44	M. Castelo
183	Cabo	Santana Andre	14-12-44	M. Castelo
184	Soldado	Waldemar Costa	10-12-4	Sila
185	2º Sgt.	Samuel Teixeira Guimaraes	12-12-44	M. Castelo
186	2º Sgt.	Aureliano João de Souza	12-12-44	M. Castelo
187	3º Sgt.	Eugenio Ferreira Batista	12-12-44	M. Castelo
188	Cabo	Ciro Marques	12-12-44	M. Castelo
189	Cabo	Primo Paulossi	12-12-44	M. Castelo
190	Cabo	Heitor Silva	12-12-44	M. Castelo
191	Cabo	José Tenorio Sobrinho	12-12-44	M. Castelo
192	Cabo	Waldir Troilet	12-12-44	M. Castelo
193	Soldado	Alcides de Oliveira	12-12-44	M. Castelo
194	Soldado	Gasmael Ferreira	12-12-44	M. Castelo
195	Soldado	Marcolino Rosa da Cruz	12-12-44	M. Castelo
196	Soldado	Sebastião Pereira de Oliveira	12-12-44	M. Castelo
197	Soldado	José Pinto de Abreu	12-12-44	M. Castelo
198	Soldado	Altair Martins da Fonseca	12-12-44	M. Castelo
199	Soldado	José de Jesus Macedo	12-12-44	M. Castelo
200	Soldado	Jorge de Souza	12-12-44	M. Castelo
201	Soldado	Mario Gomes Siao	12-12-44	M. Castelo
202	Soldado	Antonio Rocha Nunes	12-12-44	M. Castelo
203	Soldado	Alcebiades Pinto Barcellos	12-12-44	M. Castelo
204	Soldado	Manoel Anatolio do Nascimento	12-12-44	M. Castelo
205	Soldado	Geraldo Fernandes Barros	12-12-44	M. Castelo
206	Soldado	José Nascimento	12-12-44	M. Castelo

PAGINA Nº 7 - RELAÇÃO DOS OFICIAIS E PRACAS FERIDOS EM AÇÃO

<u>Nº de ordem</u>	<u>Graduação</u>	<u>Nome</u>	<u>Data</u>	<u>Local</u>
207	Soldado	Antonio de Paula	12-12-44	M. Castelo
208	Soldado	Guaracy Goulart de Olicei- -ra	12-12-44	M. Castelo
209	Soldado	Eusargio da Silva Coelho	12-12-44	M. Castelo
210	Soldado	Hamilton Guedes do Rego Carvalho	12-12-44	M. Castelo
211	Soldado	Anselmo Pigoli	12-12-44	M. Castelo
212	Soldado	Carlos da Rocha Porto	12-12-44	M. Castelo
213	Soldado	Jorge de Souza Lobo	12-12-44	M. Castelo
214	Soldado	Archimedes Marques da Sil- -va	12-12-44	M. Castelo
215	Soldado	José Cardoso Santos	12-12-44	M. Castelo
216	Soldado	Verissimo Pedro de Azevedo	12-12-44	M. Castelo
217	Soldado	Florentino Henrique da Sil- -va	12-12-44	M. Castelo
218	Soldado	Francisco Boj	12-12-44	M. Castelo
219	Soldado	Antonio Estulano da Silva	12-12-44	M. Castelo
220	Soldado	Alfredo Bayer	12-12-44	M. Castelo
221	Soldado	José Dias Toledo	12-12-44	M. Castelo
222	Soldado	Claudio Pereira Braz	12-12-44	M. Castelo
223	Soldado	João Vieira de Souza	12-12-44	M. Castelo
224	Soldado	Antonio Paúra	12-12-44	M. Castelo
225	Soldado	João Ribeiro	12-12-44	M. Castelo
226	Soldado	Acacio Lopes Teixeira	12-12-44	M. Castelo
227	Soldado	Edmundo Ferreira Cardoso	12-12-44	M. Castelo
228	Soldado	Juvenal Batista de Alcan- -tra	12-12-44	M. Castelo
229	Soldado	Waldemiro José Gonçalves	12-12-44	M. Castelo
230	Soldado	Aristides Tissot	12-12-44	M. Castelo
231	Soldado	Calixto Bolonha	12-12-44	M. Castelo
232	Soldado	Bianor Joaquim de Souza	12-12-44	M. Castelo
233	Soldado	Genival de Oliveira	12-12-44	M. Castelo
234	Soldado	Mauro Narciso Mendes	12-12-44	M. Castelo
235	Soldado	Hino Sadayuki	12-12-44	M. Castelo
236	Soldado	Itamar Lopes da Rocha	12-12-44	M. Castelo
237	Soldado	Pedro Martins de Souza	24-12-44	Reg. Braine
238	Soldado	João Batista André	27-12-44	
239	Soldado	Pedro Roberto da Silva	27-12-44	
240	3º Sgt.	Raul de Figueiredo	14-12-44	Sila
241	Soldado	Mauricio de Almeida	29-12-44	Porreta
242	2º Sgt.	Francisco Anchieta Lobo	30-12-44	Porreta

PAGINA Nº 8 - RELAÇÃO DOS OFICIAIS E PRAÇAS FERIDOS EM AÇÃO

<u>Nº de ordem</u>	<u>Graduação</u>	<u>Nome</u>	<u>DATA</u>	<u>Local</u>
243	3º Sgt.	Jardo Cordeiro	30-12-44	Porreta
244	3º Sgt.	Ignacio Loyola de Freitas Virgolino	30-12-44	Porreta
245	Soldado	Waldemar do Nascimento	30-12-44	Porreta
246	Soldado	Geraldo Evangelista	30-12-44	Porreta
247	Soldado	José Bento	30-12-44	Porreta
248	Soldado	Antonio Maria Alves	30-12-44	Porreta
249	Soldado	Maximiano Moreira de Castro	30-12-44	Porreta
250	Soldado	Daniel Pereira Lebro	30-12-44	Porreta
251	Soldado	Eurico Gonçalves Farias	30-12-44	Porreta
253	Soldado	Hemogenes Silva	4-1-45	Porreta
254	Soldado	Manoel Fernandes	4-1-45	Porreta
255	Soldado	Oswaldo dos Santos	4-1-45	Porreta
256	Soldado	João Ferreira da Cunha	6-1-45	Porreta
257	Soldado	Teófilo de Freitas Padilha	6-1-45	Porreta
258	Soldado	Porfiro Lucio da Silva	30-12-44	Braineta
259	Soldado	Hervalina Antonio José	31-12-44	Podestino
260	Soldado	Mauricio Antunes de Carva- -lho	29-12-44	Guardini
261	Soldado	Jorge José Pereira	30-12-44	Podestino
262	Soldado	Sebastião Alves de Oliveira	30-12-44	Podestino
263	Soldado	Jayme Dutra de Oliveira	30-12-44	Podestino
264	Soldado	Geraldo Lopes Faria	30-12-44	Podestino
265	Soldado	ADIR Muniz	2-1-45	Falfare
266	Soldado	José Gonçalves Silva	2-1-45	Falfare
267	Soldado	Leonilo Amaro de Melo	2-1-45	Falfare
268	Soldado	Benedito Ramos	2-1-45	Cota 882
269	Soldado	João Pedro Amorim	2-1-45	Cota 882
270	Soldado	José Gonçalves da Rosa	6-1-45	Mela
271	Soldado	Luiz da Silva	6-1-45	Mela
272	Soldado	José Luciano Vieira	20-1-45	Cota 720
273	Soldado	Almiro Francisco dos San- -tos	23-1-45	M. D'Oro
274	Soldado	Bernardino Alves da Silva	26-1-45	Colombia
275	Soldado	Gerardo Pedro Chaves de Al- -cantra	12-12-44	M. Castelo
276	Soldado	João dos Santos Ferreira	30-1-45	Cota 760
277	3º Sgt.	Ayrton Freire da Costa	1-2-45	Bambiano
278	Soldado	João Silva	6-2-45	Bambiano
279	1º Ten.	Manoel Machado dos Santos	6-2-45	Bambiano

PAGINA Nº 2 - RELAÇÃO DOS OFICIAIS E PRAÇAS FERIDOS EM AÇÃO

<u>Nº de ORDEM</u>	<u>Graduação</u>	<u>Nome</u>	<u>Data</u>	<u>Local</u>
280	Soldado	Teodoro Martins da Costa	6-2-45	Bambiano
281	Soldado	Antonio Ferreira dos Santos	6-2-45	Bambiano
282	Soldado	Geraldino Emilio da Rocha	6-2-45	Bambiano
283	Soldado	Americo Salvestroni	6-2-45	Bambiano
284	3º Sgt.	Alberto Ferreira Tavares	21-2-45	Bambiano
285	Soldado	Antonio Francisco Carvalho Filho	24-2-45	M. Casteb
286	Cabo	Joaquim de Souza	21-2-45	M. Castelo
287	3º Sgt.	Jorge Tavares	18-2-45	M. Castelo
288	Cabo	Messias Ribeiro	18-2-45	M. Castelo
289	Soldado	Tomaz Cipoli	19-2-45	M. Castelo
290	Soldado	Mario Feliciano de Souza	19-2-45	M. Castelo
291	Soldado	Roque Alberto de Macedo	19-2-45	M. Castelo
292	Cabo	Mario Santorio	19-2-45	M. Castelo
293	3º Sgt.	Walter Petrocelo	21-2-45	M. Castelo
294	3º Sgt.	Alfeu Moreira Louzada	21-2-45	M. Castelo
295	3º Sgt,	José do Patrocínio Ferreira	21-2-45	M. Castelo
296	Soldado	Condebaldo Cardoso	21-2-45	M. Castelo
297	Soldado	José da Costa	21-2-45	M. Castelo
298	Soldado	João Ladeira Perruti	21-2-45	M. Castelo
299	Soldado	Ivan Duarte Alves	21-2-45	M. Castelo
300	Soldado	Sebastião Cardoso	21-2-45	M. Castelo
301	Soldado	João Jacinto da Silva	21-2-45	M. Castelo
302	Soldado	Celso Guimarães dos Santos	21-2-45	M. Castelo
303	Soldado	Homero José Carvalho	21-2-45	M. Castelo
304	Soldado	Francisco Ribeiro da Silva	21-2-45	M. Castelo
305	2º Ten.	Antonio Gonzales	21-2-45	M. Castelo
306	Asp.Of.	Teodoro Guerra de Oliveira	21-2-45	M. Castelo
307	3º Sgt.	Henrique Vicente Penha	21-2-45	M. Castelo
308	Cabo	Manoel Ramos de Souza	21-2-45	M. Castelo
309	Cabo	Nati Tristão	21-2-45	M. Castelo
310	Soldado	João Galdino José dos Santos	21-2-45	M. Castelo
311	Soldado	José Ferreira da Costa	21-2-45	M. Castelo
312	Soldado	Araujo Melado	21-2-45	M. Castelo
313	Soldado	Oswaldo Iung	21-2-45	M. Castelo
314	Soldado	Alberto Quintela Pinto	21-2-45	M. Castelo
315	Soldado	Mario Leste	21-2-45	M. Castelo
316	Soldado	José Rodrigues	21-2-45	M. Castelo
317	Soldado	Francisco de Sá	21-2-45	M. Castelo
318	Soldado	Antonio Augusto Barreto	21-2-45	M. Castelo
319	Soldado	Aguimar Furtado	21-2-45	M. Castelo
320	Soldado	Floriano dos Santos	21-2-45	M. Castelo

PAGINA Nº 10 - RELAÇÃO DOS OFICIAIS E PRAÇAS FERIDOS EM AÇÃO

<u>Nº de Ordem</u>	<u>Graduação</u>	<u>Nome</u>	<u>Data</u>	<u>Local</u>
321	Soldado	José Antunes de Abreu	21-2-45	M. Castelo
322	Soldado	Adir Aix Fuentes Carqueja	21-2-45	M. Castelo
323	Soldado	Ademar Rosendo de Oliveira	21-2-45	M. Castelo
324	Soldado	Sebastião Silva II	21-2-45	M. Castelo
325	Soldado	João Manoel Exposito Naje- -ra	21-2-45	M. Castelo
326	Soldado	José Santos	21-2-45	M. Castelo
327	Soldado	Roberto Rezende	21-2-45	M. Castelo
328	Soldado	Otacilio José do Nascimen- -to	21-2-45	M. Castelo
329	Soldado	José Ferreira Pinto	21-2-45	M. Castelo
330	3º Sgt.	Antonio Ferreira Valente Sobrinho	22-2-45	M. Castelo
331	Soldado	Aristotelino José Pinto	22-2-45	M. Castelo
332	Soldado	Carmo Moraes	22-2-45	M. Castelo
333	Soldado	Haroldo Faria Rinoco	22-2-45	M. Castelo
334	Soldado	Claudio Leite da Costa	22-2-45	M. Castelo
335	3º Sgt.	Jurandir Moreira da Cruz	22-2-45	M. Castelo
336	3º Sgt.	Silas de Aguiar Monguba	22-2-45	M. Castelo
337	Cabo	Newton Diniz Garcia	22-2-45	M. Castelo
338	Soldado	Anibál Antonio da Silva	22-2-45	M. Castelo
339	Soldado	Waldemiro Gonçalves Palma- -res	22-2-45	M. Castelo
340	Soldado	Alerto Ribeiro de Oliveira	22-2-45	M. Castelo
341	Soldado	Francisco Teixeira Mendes	23-2-45	M. Castelo
342	Soldado	Agostinho Cardoso da Mota	23-2-45	M. Castelo
343	2º Ten.	Ernani Vidal	23-2-45	M. Belavista
344	2º Sgt.	José Machado	23-2-45	M. Castelo
345	Soldado	Manoel Barbosa de Barros	23-2-45	M. Castelo
346	Soldado	Jorge Colaço de Barros	23-2-45	M. Belavista
347	Soldado	Rene Carvalho	23-2-45	M. Belavista
348	Soldado	José Rosa	23-2-45	M. Belavista
349	Soldado	Carlos D'Eça	23-2-45	M. Belavista
350	Soldado	Henrique da Silveira Amaral	23-2-45	M. Castelo
351	Capitão	Yedo Jacob Blauth	24-2-45	M. La Sierra
352	1º Ten.	Apolo Miguel Resk	24-2-45	M. La Sierra
353	3º Sgt.	Waldemar Ferreira Carvalho	24-2-45	M. La Serra
354	Cabo	Olimpio Ventura do Nasci- -mento	24-2-45	M. La Serra
355	Soldado	Francisco Borges da Silva	24-2-45	M. Castelo
356	Soldado	Waltencir Lucas	24-2-45	M. Castelo
357	Soldado	João Soares Pimentel	24-2-45	M. Castelo

PAGINA Nº 11 - RELAÇÃO DOS OFICIAIS E PRAÇAS FERIDOS EM AÇÃO

<u>Nº de Ordem</u>	<u>Graduação</u>	<u>NOME</u>	<u>Data</u>	<u>Local</u>
358	Soldado	Luiz Verissimo Jr.	24.2.45	M. Castelo
359	Soldado	Roberto Ribeiro Sampaio	24.2.45	M. La Serra
360	Soldado	João Cavalcanti Albuquerque	24.2.45	M. La Serra
361	Soldado	Arnou Correa	24.2.45	M. La Serra
362	Soldado	José Pinto Melo	24.2.45	M. La Serra
363	Soldado	José Eugenio Torres	24.2.45	M. La Serra
364	Soldado	Carlos Antunes Vieira	24.2.45	M. La Serra
365	Soldado	Mem de Sá Ferreira Ribeiro	24.2.45	M. Castelo
366	Soldado	João Medeiros Pires	25.2.45	M. La Serra
367	Soldado	Paulo Correa de Souza	25.2.45	M. La Serra
368	Soldado	Celio Pinto Ferreira de Magalhães	25.2.45	M. La Serra
369	Soldado	João Batista dos Santos	25.2.45	M. La Serra
370	Soldado	Raymundo Avelino de Oliveira	25.2.45	M. La Serra
371	Soldado	Francisco Faustino Rosa	25.2.45	M. La Serra
372	Soldado	Ciro Martins	25.2.45	M. La Serra
373	Soldado	Homero Machado Leite	25.2.45	M. La Serra
374	Soldado	João Martins da Silva	25.2.45	M. La Serra
375	3º Sgt.	Milton Edson Faria	21.2.45	M. Castelo
376	2º Ten.	Mauro Bolivar de Moura Carijo	27.2.45	M. Belvedere
377	3º Sgt.	Ivo Limoeiro	27.2.45	Abetaia
378	Soldado	Atualpa Pereira Leite Filho	27.2.45	Abetaia
379	Soldado	Afonso de Melo	27.2.45	Cap. Ronchidos
380	Soldado	Balbino Coutinho	27.2.45	Cap. Ronchidos
381	Soldado	Elias Braz de Souza	27.2.45	Cap. Ronchidos
382	Soldado	Emilio Lucio	27.2.45	Cap. Ronchidos
383	Soldado	Ayrton Pereira de Melo	27.2.45	M. Belvedere
384	2º Sgt.	João Tavares de Almeida	28.2.45	Cap. Ronchidos
385	Cabo	José Barbosa da Silva	28.2.45	Cap. Ronchidos
386	Soldado	Agenor Bragion	28.2.45	Cap. Ronchidos
387	Soldado	José de Souza Filho	28.2.45	Cap. Ronchidos
388	Soldado	Antonio Manoel Hildebrando Guimarães	28.2.45	Cap. Ronchidos
389	Soldado	Sebastião Pontes	1º 3.45	Cap. Ronchidos
390	Soldado	Aureliano Clementino Felizardo	1º 3.45	Cap. Ronchidos
391	Soldado	Atilio Martureli	2 3.45	M. Belvedere
392	Soldado	Tranquilo Francisco Scopel	2 3.45	M. Belvedere
393	2º Ten.	Oswaldo de Souza	3 3.45	M. Belvedere
394	Cabo	Alvaro Carlos dos Santos	3 3.45	Cap. Ronchidos

<u>Nº de ordem</u>	<u>Graduação</u>	<u>Nome</u>	<u>Data</u>	<u>Local</u>
395	Soldado	Amaro Porfirio de Medeiros	3.3.45	M. Belvedere
396	Soldado	Ernani Luiz da Costa	3.3.45	M. Belvedere
397	Soldado	Onofre Ferreira das Neves	3.3.45	M. Belvedere
398	Cabo	Agripino Vargas	4.3.45	M. Belvedere
399	Cabo	Nestor Ribeiro da Silva	4.3.45	Quiezina
400	Soldado	Leoniz dos Santos	4.3.45	M. Belvedere
401	Soldado	Grinaldo Teixeira de Medeiros	4.3.45	M. Belvedere
402	Soldado	Antonio Elias Rosario	4.3.45	M. Belvedere
403	2º Ten.	Celso Dalva Regueira	5.3.45	M. Belvedere
404	Cabo	Alvaro Goulart de Alcantara	5.3.45	M. Belvedere
405	Soldado	Luiz Gasparine	5.3.45	M. Belvedere
406	Soldado	Boaventura Pedrosa	5.3.45	M. Belvedere
407	Soldado	José Alves da Silva	5.3.45	M. Belvedere
408	Soldado	Derby Pereira de Freitas	5.3.45	M. Belvedere
409	Soldado	Paulo de Souza	5.3.45	M. Belvedere
410	2º Sgt.	Oscar Fernandes de Alencar	9.3.45	Quiezina
411	Soldado	Valentim Augusto Chlikiman	9.3.45	Cap. Ronchidos
412	3º Sgt.	Manoel Maria de Vasconcelos	11.3.45	Cap. Ronchidos
413	Soldado	Ambrosio Cilka	11.3.45	M. Belvedere
414	Soldado	Epitacio de Souza Cardoso	11.3.45	Quiezina
415	1º Ten.	Humberto Gerardo Moretzsonh Brandi	13.3.45	M. Belvedere
416	3º Sgt.	Jacinto Matos de Andrad4	12.3.45	M. Belvedere
417	Cabo	Alberides de Lima Passos	12.3.45	M. Belvedere
418	Cabo	Agenor Batista de Oliveira	12.3.45	M. Belvedere
419	Soldado	Rubem Ferreira	12.3.45	M. Belvedere
420	Soldado	Aloisio Schmidt	12.3.45	M. Belvedere
421	Soldado	Alfredo Gonçalves	12.3.45	M. Belvedere
422	Soldado	Francisco Delgado Paniza	12.3.45	M. Belvedere
423	Soldado	Joaquim Alves Pereira	12.3.45	M. Belvedere
424	Soldado	José Felipe Benicio	9.3.45	M. Belvedere
425	Soldado	João Jenuino de Araujo	10.3.45	Cap. Ronchidos
426	Soldado	Francisco de Assis Noronha	12.3.45	M. Belvedere
427	Soldado	Aderbal Correa da Silva	12.3.45	M. Belvedere
428	Soldado	Manoel Borges Maurat	12.3.45	M. Belvedere
429	Soldado	Almiro Alves	14.3.45	M. Belvedere
430	2º Ten.	Gervasio Deschamps Pinto	15.3.45	Cap. Ronchidos
431	Soldado	Miguel dos Santos Carvalho	15.3.45	Cap. Ronchidos
432	Soldado	Fortunato Leonardo	15.3.45	Quiezina
433	3º Sgt.	Walter Alé	16.3.45	M. Belvedere
434	Soldado	Joaquim Oliveira de Cruz	16.3.45	M. Belvedere
435	Cabo	Arodi Lourenço da Silva	16.3.45	M. Belvedere

PAGINA Nº 13 - RELAÇÃO DOS FOICIAIS E PRAÇAS FERIDOS EM AÇÃO

<u>Nº de ordem</u>	<u>Graduação</u>	<u>Nome</u>	<u>Data</u>	<u>Local</u>
436	Soldado	Bernardo Skrok	16.3.45	M. Belvedere
437	Soldado	João Guilherme Martins	17.3.45	M. Belvedere
438	Soldado	Antonio Eustaquilino da Silva	18.3.45	M. Belvedere
439	Soldado	Balbino Vieira da Costa	11.3.45	Quiezina
440	Soldado	Sebastião Serafim da Silva	24.3.45	Pola
441	Soldado	Miguel Tolentino de Souza	28.3.45	Campaino
442	Soldado	Ary de Almeida Pavão	29.3.45	Belvedere
443	Soldado	Jorge José Pereira	29.3.45	Belvedere
444	3º Sgt.	Elias Lima	21.3.45	M. Belvedere
445	3º Sgt.	Walter Rego Efren	21.3.45	M. Belvedere
446	Soldado	Anisio Moreira Rodrigues	22.3.45	M. Belvedere
447	Cabo	Edson Campos Marinho	4.4.45	M; Belvedere
448	Soldado	Manoel Benedito dos Santos	5.4.45	M. Belvedere
449	Soldado	José Loures Barbosa	5.4.45	M. Belvedere
450	Soldado	José Damasceno Filho	5.4.45	M. Belvedere
451	Soldado	Pompeu Ribeiro Santos	5.4.45	M. Belvedere
452	Soldado	Arlindo Pereira Machado	5.4.45	M. Belvedere
453	Soldado	Vicente Pereira Miranda	5.4.45	M. Belvedere
454	2º Sgt.	Alberto de Souza Barba	5.4.45	M. Belvedere
455	Cabo	Francisco Berberes	5.4.45	M. Belvedere
456	Cabo	Otavio da Silva Guerra	5.4.45	M. Belvedere
457	Soldado	José Teixeira do Carmo	5.4.45	M. Belvedere
458	Soldado	Antonio Tircaillo	5.45.4	M. Belvedere
459	Soldado	Orlindo Gabres	5.4.45	M. Belvedere
460	Soldado	Manoel Sergio da Costa Simões	5.4.45	M. Belvedere
461	Soldado	Rubens Muniz Telo de Sampaio	5.4.45	M. Belvedere
462	Soldado	João Siqueira Silva	5.4.45	M. Belvedere
463	3º Sgt.	Luiz Carega	19.3.45	M. Belvedere
464	Cabo	Daniel Teixeira Filho	19.3.45	M. Belvedere
465	Soldado	Antonio Delmiro de Lima	19.3.45	M. Belvedere
466	Soldado	Plinio Fidelis de Moura	19.3.45	M. Belvedere
467	Soldado	Antonio Lourenço da Silva	19.3.45	M. Belvedere
468	Soldado	Gabriel Horacio do Nascimento	19.3.45	M. Belvedere
469	Soldado	José Basilio Caetano	19.3.45	M. Belvedere
470	Soldado	Benedito Luiz Azevedo	19.3.45	M. Belvedere
471	Soldado	Alberto Ribeiro de Oliveira	19.3.45	M. Belvedere
472	Soldado	Benedito Camargo Guerra	24.3.45	M. Belvedere
473	Soldado	Luiz Espirito Santo	24.3.45	M. Belvedor3
474	Soldado	João Ladeira Perruti	24.3.45	M. Belvedere
475	Soldado	José de Marins Faria	24.3.45	M. Belvedere
476	Soldado	José Rocha Sobrinho	24.3.45	M. Belvedere

PAGINA Nº 14 - RELAÇÃO DOS OFICIAIS E PRACAS FERIDOS EM AÇÃO

<u>Nº de ordem</u>	<u>Graduação</u>	<u>Nome</u>	<u>Data</u>	<u>Local</u>
477	Soldado	Edesio Calvert Borges de Carvalho	24.3.45	M. Belvedere
478	3º Sgt.	Jonas Godoy de Araujo	12.4.45	Montese
479	Cabo	Didi Soares	12.4.45	Montese
480	Soldado	Francisco Pinho de Valença	12.4.45	Montese
481	Cabo	Otamiro da Costa Barbosa	14.4.45	Possessione
482	Cabo	Ulisses Verane Cascaes	14.4.45	Creda
483	Soldado	José Luiz Rebelo Filho	14.4.45	nuvoleti
484	Soldado	Davino Bispo dos Reis	14.4.45	Nuvoleti
485	Soldado	Olegario Santana	14.4.45	Possessione
486	Soldado	Osmario Mariano da Silva	14.4.45	Possessione
487	Soldado	Eloy da Fonseca Coelho	14.4.45	Possessione
488	Soldado	Orozimbo Rodrigues Ferreira	14.4.45	Possessione
489	Soldado	Filadelfo Teotônio	14.4.45	Possessione
490	Soldado	Sebastião Dória de Araujo	14.4.45	Possessione
491	Soldado	Oscar Vinhas	14.4.45	Possessione
492	Soldado	Agenor da Costa Lima	14.4.45	Bassomolare
493	Aspirante	Helio Gonçalves Amorim	15.4.45	Creda
494	2º Ten.	João Guilherme Schultz Marques	15.4.45	Creda
495	3º Sgt.	Paulo Dib	15.4.45	Sassomolare
496	3º Sgt.	Wilson Borges Pinheiro	15.4.45	Possessione
497	Soldado	Sebastião Francisco das Neves	15.4.45	Creda
498	Soldado	José Fernandes Marques	15.4.45	Possessione
499	Soldado	Americo Maciel	15.4.45	Nuvoleti
500	Soldado	Afonso Ferreira Gonzaga	15.4.45	Possessione
501	Soldado	Renato Antonio de Souza	15.4.45	Possessione
502	Soldado	Luiz Gonzaga de Macedo	15.4.45	Creda
503	Soldado	Ozio Rodrigues Lopes	15.4.45	Creda
504	Soldado	Homero Machado Leite	15.4.45	Possessione
505	2º Sgt.	Zanelli Aguiar	14.4.45	Possessione
506	3º Sgt.	Vicente da Conceição	15.4.45	Possessione
507	3º Sgt.	Claudellino Gonçalves Vilaca	15.4.45	Possessione
508	Soldado	Emilio Lucio	15.4.45	Possessione
509	Soldado	Almerindo Flor	15.4.45	Possessione
510	Soldado	José Ferraço	15.4.45	Possessione
511	Soldado	Acelino José de Melo	15.4.45	Sassomolare
512	Soldado	Mauro Narciso Dantas	14.4.45	Nuvoleti
513	Soldado	Waldemiro Antenor dos Santos	14.4.45	Nuvoleti
514	Soldado	Lourival Jorge de Souza	14.4.45	Nuvoleti

PAGINA Nº 15 - RELAÇÃO DOS OFICIAIS E PRACAS FERIDOS EM AÇÃO

<u>Nº de ordem</u>	<u>Graduação</u>	<u>Nome</u>	<u>Data</u>	<u>Local</u>
515	Soldado	Antonio Figueira	15.4.45	Sassomola
516	Cabo	Abelardo Vasconcelos Carvalho	15.4.45	M. Terminale
517	Soldado	José Demelo Ferreira	15.4.45	M. Terminale
518	Soldado	Paulo Tinelli	15.4.45	M. Terminale
519	Soldado	Alcebiades José Rodrigues	15.4.45	M. Terminale
520	Cabo	Sebastião Ferreira da Silva	15.4.55	Nuvoleti
521	Soldado	José Rodrigues	15.4.45	Sassomolare
522	Soldado	Benedito Padilha	15.4.45	Sassomolare
523	2º Ten.	Cecil Waill Barbosa de Carvalho	17.4.45	Castelo D'Aiano
524	2º Sgt.	Dilermando José de Carvalho	17.4.45	Cast.D'Aiano
525	3º Sgt.	Bernardo de Jeseus Silva	17.4.45	Cast.D'Aiano
526	3º Sgt.	Gilberto Martins Santos	17.4.45	Cast.D'Aiano
527	Cabo	Zenildo Correa da Silva	17.4.45	Cast.D'Aiano
528	Soldado	Abel Muniz de Farias	17.4.45	Cast.D'Aiano
529	Soldado	Nelson Campos	17.4.45	Cast.D'Aiano
530	Soldado	Albertino Salvador dos Santos	17.4.45	Cast.D'Aiano
531	Soldado	Aureo Lima Guimarães	17.4.45	Cast.D'Aiano
532	Soldado	Manoel da Fonseca	17.4.45	Cast.D'Aiano
533	Soldado	Edson Oliveira Jatobá	17.4.45	Cast.D'Aiano
534	Soldado	Agostinho Ferreira Silva	17.4.45	Cast.D'Aiano
535	Soldado	José da Silva Simões	17.4.45	Cast.D'Aiano
536	Soldado	Eduardo Teodoro de Andrade	17.4.45	Cast.D'Aiano
537	Soldado	José dos Anjos	17.4.45	Cast.D'Aiano
538	Soldado	Gentil Simões de Freitas	17.4.45	Cast.D'Aiano
539	Soldado	Nestor Alacrim Ribeiro	18.4.45	Gualandi
540	Cabo	Cesar Serau	18.4.45	Gualandi
541	Soldado	João Pantaleão Nunes	18.4.45	Gualandi
542	Soldado	Moribio José Muniz	18.4.45	Gualandi
543	Soldado	Brasil Batista do Espírito Santo Segurado	18.4.45	Gualandi
544	Soldado	João Sérgio Oliveira	18.4.45	Gualandi
545	Soldado	Hugo Augusto Queiroz	18.4.45	Gualandi
546	Soldado	Antenor Merizio	18.4.45	Gualandi
547	Soldado	João Soares de Mendonça	18.4.45	Castelino
548	Soldado	Alfredo Estrelao	18.4.45	Castelino
549	Soldado	Fernando dos Santos	18.4.45	Castelino
550	Cabo	Luiz Batista de Farias	18.4.45	Sassomolare
551	Soldado	João Guilherme Queiroz Coutinho	19.4.45	Gualandi

PAGINA Nº 16 - RELAÇÃO DOS OFICIAIS E PRACAS FERIDOS EM AÇÃO

<u>Nº de ordem</u>	<u>Graduação</u>	<u>Nome</u>	<u>Data</u>	<u>Local</u>
552	Cabo	Ivan Alves Sales	19.4.45	Gualandi
553	Soldado	Paulo Brito Chagas	19.4.45	Missano
554	Soldado	Lúcio da Cruz Santos	19.4.45	Gualandi
555	Asp.Ofic.	José Almeida	22.4.45	Castelino
556	Soldado	Agrícola Alves Nogueira	22.4.45	Castelino
557	Soldado	Antão Ferreira Lima	22.4.45	Castelino
558	Soldado	Anacleto Lemos	22.4.45	Castelino
559	Soldado	Francisco Bezerra de Souza	24.4.45	Gualandi
560	Soldado	Julio Antonio de Assis	24.4.45	Missano
561	Soldado	Zildo Brito dos Reis	21.4.45	Castelino
562	Soldado	José Pinto de Melo	14.4.45	Ponto Cotado758
563	Soldado	Claudionor de Souza Coelho	14.4.45	Ponto Cotado758
564	Soldado	Argemiro de Castro	14.4.45	Ponto Cotado758
565	Soldado	Antonio Fermiano	15.4.45	Ponto Cotado758
566	Soldado	Maximiano Moreira de Castro	15.4.45	Ponto Cotado758
567	Soldado	Luiz Francisco Urselino	15.4.45	Ponto Cotado758
568	Soldado	Oswaldo Rodrigues	8.12.44	Savignano
569	Soldado	José Feliciano	8.12.44	Savignano
570	1º Ten.	Moysés Chahon	27.2.45	Cota 958
571	2º Sgt.	Oswaldo Blois	24.2.45	Malandrone
572	Soldado	Mario Rosa	10.12.44	Porreta
573	Soldado	Geraldo Alves	6.12.44	Porreta
574	Soldado	Antonio Laporte de Carvalho	4.12.44	Volpara
575	Soldado	Ordilio Tavares	24.2.45	Cota 958
576	Soldado	Jurandir Maciel	30.11.44	Volpara
577	Soldado	Manoel Hermes Dias	24.2.45	Cota 958
578	Soldado	Claudionor Souza Coelho	24.2.45	Cota 958
579	Soldado	Mario Frontino Martins	29.12.44	Porreta
580	Soldado	Alcebiades Martins Zelio	24.2.45	Cota 958
581	Soldado	Lourival Caetano da Rocha	6.12.44	Volpara
582	Soldado	Arnodo Zerede	24.12.45	M.Del Caselina
583	Cabo	Oswaldo Teixeira	24.2.45	Cota 958
584	Cabo	Alberto Tomio Yamada	9.1.45	M.Cavaloro
585	Soldado	Vicente da Conceição	15.4.45	Cota 758
586	1º Sgt.	José Cardoso de Atayde	30.3.45	Belvederea

(a) MOZIUL MOREIRA LIMA
Cap. Adj. R. I.

PAGINA Nº 7 - RELAÇÃO DOS OFICIAIS E PRAÇAS FERIDOS EM AÇÃO

<u>Nº de ordem</u>	<u>Graduação</u>	<u>Nome</u>	<u>Data</u>	<u>Local</u>
207	Soldado	Antonio de Paula	12-12-44	M. Castelo
208	Soldado	Guaracy Goulart de Olicei- -ra	12-12-44	M. Castelo
209	Soldado	Eusargio da Silva Coelho	12-12-44	M. Castelo
210	Soldado	Hamilton Guedes do Rego Carvalho	12-12-44	M. Castelo
211	Soldado	Anselmo Pigoli	12-12-44	M. Castelo
212	Soldado	Carlos da Rocha Porto	12-12-44	M. Castelo
213	Soldado	Jorge de Souza Lobo	12-12-44	M. Castelo
214	Soldado	Archimedes Marques da Sil- -va	12-12-44	M. Castelo
215	Soldado	José Cardoso Santos	12-12-44	M. Castelo
216	Soldado	Verissimo Pedro de Azevedo	12-12-44	M. Castelo
217	Soldado	Florentino Henrique da Sil- -va	12-12-44	M. Castelo
218	Soldado	Francisco Boj	12-12-44	M. Castelo
219	Soldado	Antonio Estulano da Silva	12-12-44	M. Castelo
220	Soldado	Alfredo Bayer	12-12-44	M. Castelo
221	Soldado	José Dias Toledo	12-12-44	M. Castelo
222	Soldado	Claudio Pereira Braz	12-12-44	M. Castelo
223	Soldado	João Vieira de Souza	12-12-44	M. Castelo
224	Soldado	Antonio Paúra	12-12-44	M. Castelo
225	Soldado	João Ribeiro	12-12-44	M. Castelo
226	Soldado	Acacio Lopes Teixeira	12-12-44	M. Castelo
227	Soldado	Edmundo Ferreira Cardoso	12-12-44	M. Castelo
228	Soldado	Juvenal Batista de Alcan- -tra	12-12-44	M. Castelo
229	Soldado	Waldemiro José Gonçalves	12-12-44	M. Castelo
230	Soldado	Aristides Tissot	12-12-44	M. Castelo
231	Soldado	Calixto Bolonha	12-12-44	M. Castelo
232	Soldado	Bianor Joaquim de Souza	12-12-44	M. Castelo
233	Soldado	Genival de Oliveira	12-12-44	M. Castelo
234	Soldado	Mauro Narciso Mendes	12-12-44	M. Castelo
235	Soldado	Hino Sadayuki	12-12-44	M. Castelo
236	Soldado	Itamar Lopes da Rocha	12-12-44	M. Castelo
237	Soldado	Pedro Martins de Souza	24-12-44	Reg. Braine
238	Soldado	João Batista André	27-12-44	
239	Soldado	Pedro Roberto da Silva	27-12-44	
240	3º Sgt.	Raul de Figueiredo	14-12-44	Sila
241	Soldado	Mauricio de Almeida	29-12-44	Porreta
242	2º Sgt.	Francisco Anchieta Lobo	30-12-44	Porreta